



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: MOVIMENTO HUMANO E ESPORTE**

**ATUAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL E DE SEUS
ADVERSÁRIOS EM COPAS DO MUNDO: ANÁLISES QUANTITATIVAS E
QUALITATIVAS DO PERÍODO DE 1958 A 2010**

JOSÉ ANTONIO BRUNO DA SILVA

**PIRACICABA – SP
2011**

JOSÉ ANTONIO BRUNO DA SILVA

**ATUAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL E DE SEUS
ADVERSÁRIOS EM COPAS DO MUNDO: ANÁLISES QUANTITATIVAS E
QUALITATIVAS DO PERÍODO DE 1958 A 2010**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Metodista de Piracicaba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Fúlvia de Barros Manchado Gobatto

**PIRACICABA – SP
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, José Antonio Bruno da

ATUAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL E DE SEUS ADVERSÁRIOS EM COPAS DO MUNDO: Análises quantitativas e qualitativas do período de 1958 a 2010 / José Antonio Bruno da Silva. – Piracicaba, SP: [s.n], 2011.

148f.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Fúlvia de Barros Manchado Gobatto.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Universidade Metodista de Piracicaba.

1. Ações Técnicas. 2. Futebol. 3. Análise de vídeo. 4. Copa do Mundo. 5. Seleção Brasileira. 6. Adversários. I. Gobatto, Fúlvia de Barros Manchado. II. Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Título em inglês: Performance of the Brazilian National Team Soccer and their opponents in the World Cup: qualitative and quantitative analysis from 1958 to 2010.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Technical actions. Soccer. Analysis video, World Cup. Brazilian team. Opponents

Área de Concentração: Movimento Humano e Esporte.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

Banca Examinadora: Fúlvia de Barros Manchado Gobatto. Gustavo Gomes de Araújo. Ídico Luiz Pelegrinotti.

Data da defesa: 29/07/2011.

JOSÉ ANTONIO BRUNO DA SILVA

**ATUAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL E DE SEUS
ADVERSÁRIOS EM COPAS DO MUNDO: ANÁLISES QUANTITATIVAS E
QUALITATIVAS DO PERÍODO DE 1958 A 2010**

Aprovado pela Banca Examinadora em 29 de julho de 2011

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Fúlvia de Barros Manchado Gobatto (UNIMEP)

(Orientadora)

Prof. Dr. Gustavo Gomes de Araujo (UFAL)

(Membro externo)

Prof. Dr. Ídico Luiz Pellegrinotti (UNIMEP)

(Membro interno)

“Uma partida de futebol não dura só noventa minutos.
Dura noventa minutos mais toda a vida de quem a viu...
O árbitro, é claro, apita o fim do jogo, mas meu coração jamais ouve aquele
barulho estridente. O jogo continua dentro de mim, e quando vejo outras
partidas, na verdade estou vendo a continuação dessa, que nunca vai ter fim.”
(W.F. Padovani)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha família, Madalena pela paciência e apoio, e os filhos Orlando e Raul, que praticamente nasceram com a idéia do projeto;

Aos meus sobrinhos Fabio e Danilo por colaborarem, respectivamente, com a dissertação e a fisioterapia que precisei durante o mestrado;

À minha tia Maria de Lourdes pela colaboração na revisão de texto;

Aos colegas Vinícius, Natália, Ramon, Glauber, Homero, Gustavo, Camila e a todos os mestrandos que colaboraram direta ou indiretamente pela realização deste trabalho;

À Professora Doutora Fúlvia de Barros Manchado-Gobatto pelo total apoio desde o princípio, no ingresso no programa de mestrado;

Aos Professores Doutores Guanis de Barros Villela Junior, Cláudia Cavaglieri, Marcelo de Castro César e Ídico Luiz Pellegrinotti pelos ensinamentos. Ao Professor Doutor Gustavo Gomes de Araújo por aceitar participar da banca examinadora;

Aos meus falecidos pais Djanira Cantarin da Silva e Lázaro Bruno da Silva, sem os quais não seria possível chegar até o fim dessa jornada;

E finalmente a Deus por me dar forças nos momentos de maior dificuldade, atendendo as minhas orações.

SILVA, José Antonio Bruno da. Atuação da Seleção Brasileira de futebol e de seus adversários em Copas do Mundo: análises qualitativas e quantitativas de 1958 a 2010. 2011. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

RESUMO

A Copa do Mundo de Futebol é o campeonato mais expressivo nessa modalidade, sendo a Seleção Brasileira desse desporto alvo de questionamentos nacionais e internacionais. Entretanto, raras são as pesquisas comparativas entre a atuação das diversas Seleções Brasileiras em Copas do Mundo, cada qual em sua época, e ainda não existe um estudo histórico que aborde as ações quantitativas e qualitativas observadas em jogos na íntegra das seleções, no período compreendido entre 1958 a 2010. Desse modo, o objetivo do presente estudo foi analisar, na íntegra, todos os jogos das Seleções Brasileiras de Futebol em Copas do Mundo, compreendidos no período de 1958 a 2010, quantificando as ações técnicas realizadas por essas equipes, por meio de análise de vídeo e “scout” manual. Com exceção de 1966, nos 75 jogos analisados, observou-se que nas Copas do Mundo a Seleção Brasileira apresentou superioridade no que tange à posse de bola, número de passes completos, percentual de passes efetuados, número total de finalizações e finalizações corretas, interceptações, escanteios, gols. Por outro lado, a Seleção Brasileira apresentou inferioridade no percentual de finalizações, passes errados, desarmes e roubos de bola. As seleções de 1958, 1970, e 1982 mostraram-se mais ofensivas pelo total de finalizações, enquanto as de 1978, 1990, e 1994, mais consistentes defensivamente, o que pode ser verificado pelo número de roubos de bola. Apesar de superioridade brasileira em posse de bola, a mesma não se mostrou decisiva para todas as classificações finais de nossas equipes. O número de gols marcados pela Seleção Brasileira e por seus adversários apresenta redução com o passar dos anos e, no caso do Brasil, grande parte dos gols ocorreu no segundo tempo dos jogos, na faixa compreendida entre 46 a 75 minutos. Esse fato difere de seus adversários, os quais parecem produzir maior número de gols no primeiro período, entre 31 a 45 minutos da partida.

Palavras-Chave: ações técnicas, futebol, análise de vídeo, Copas do Mundo, Seleção Brasileira, adversários

SILVA, José Antonio Bruno da. Performance of the Brazilian National Team Soccer and their opponents in the World Cup: qualitative and quantitative analysis from 1958 to 2010. 2011. 148p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

ABSTRACT

The World Cup Soccer Championship is the most significant in this sport, with the Brazilian team, this sport, the target of national and international questions. However, very few comparative studies between the performance of several selections Brazilian World Cup, each in its time and still there is a historical study that covers the actions observed in quantitative and qualitative games in full of the selections in the period 1958 to 2010. Thus, the objective of this study was to analyze in full, all games of the Brazilian National Team Soccer in the World Cup, within a period from 1958 to 2010, quantifying the technical actions carried out by these teams through video analysis and "scout" manual. With the exception of 1966, analyzed in 75 games, it was observed that the World Cup in the Brazilian Team showed superiority in terms of ball possession, number of passes completed, percentage of passes made, the total number of correct shots and shots, interceptions, corner kicks, and goals. On the other hand, the Brazilian team showed inferiority in the percentage of shots, wrong passes, and steals. The selections for 1958, 1970 and 1982 were more offensive by the total shots, while the 1978, 1990, 1994 and more consistent defensively, which can be determined by the number of steals. Although Brazilian superiority in ball possession, it was not decisive final ranking for all of your teams. The number of goals scored by the Brazilian team and its opponents has diminished over the years and in the case of Brazil, most of the goals came in the second half of games, ranging between 46 to 75 minutes. This fact differs from his opponents, who seem to produce more goals in the first period, between 31 to 45 minutes of the match.

Keywords: technical actions, soccer, analysis video, World Cup, Brazilian team, opponents

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Colocação da Seleção Brasileira e dos três primeiros colocados nas Copas do Mundo analisadas	09
Tabela 2 – Teste de Correlação de Pearson para posse de bola e número de gols	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Jogos efetuados por Seleções Brasileiras em Copas do Mundo de Futebol, no período de 1958 a 2010, analisados no presente estudo

81

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Ilustração 1** - Imagem do jogo Brasil 2x1 Espanha, realizado na Copa do Mundo de 1962 73
- Ilustração 2** - Imagem do jogo Brasil 2x0 Bélgica, realizado na Copa do Mundo de 2002 73

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto ilustrativa do relógio de xadrez CHESS TIMER II	75
Figura 2 - Cruzamentos partindo das laterais de campo	77
Figura 3 - Número de passes completos efetuados pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	82
Figura 4 - Número de passes errados efetuados pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	83
Figura 5 - Percentual de passes totais corretos efetuados pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	84
Figura 6 - Número de finalizações efetuadas pelo Brasil e seus adversários, nas copas do mundo de 1958 a 2010	85
Figura 7 - Número de finalizações corretas obtidas pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	87
Figura 8 - Percentual de finalizações efetuadas pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	88
Figura 9 – Quociente de aproveitamento nas finalizações	89
Figura 10 - Percentual de posse de bola mantida com o Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	91
Figura 11 - Número de escanteios cobrados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	93
Figura 12 - Resultados médios para o número de cruzamentos efetuados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	94
Figura 13 - Resultados médios referentes a quantidade de “roubos de bola” (n) efetuados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	96
Figura 14 - Resultados médios referentes a número de desarmes efetuados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	97
Figura 15 - Resultados médios referentes a número de interceptações efetuados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	98
Figura 16 - Curvas evolutivas médias das atuações das Seleções Brasileiras de 1958 a 2010, para as atividades de faltas cometidas e roubos de bola efetuados	100
Figura 17 - Número de faltas cometidas pelo Brasil e por seus adversários, nas copas do mundo de 1958 a 2010	101
Figura 18 - Curvas evolutivas médias das atuações das Seleções Brasileiras de 1958 a 2010, para as atividades de finalizações e roubos de bola efetuados	102
Figura 19 - Números de gols concretizados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	104
Figura 20 – Característica dos gols da Seleção Brasileira nos períodos compreendidos entre 1958 a 1970, 1974 a 1990 e 1994 a 2010.	105
Figura 21 – Característica dos gols dos adversários nos períodos compreendidos entre 1958 a 1970, 1974 a 1990 e 1994 a 2010.	106
Figura 22 - Números de gols e período do jogo de sua ocorrência (min), em análise efetuada para todas as Copas do Mundo (de 1958 a 2010), tanto pelo Brasil quanto por seus adversários	106
Figura 23 - Números de impedimentos anotados para o Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010	108

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	viii
LISTA DE QUADROS.....	ix
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	x
LISTA DE FIGURAS.....	xi
1. INTRODUÇÃO.....	01
1.1. Objetivos	03
1.2. Justificativa	04
2. REVISÃO DE LITERATURA	06
2.1. Breve Contextualização histórica a cerca das Copas do Mundo.....	06
2.2. Brasil nas Copas do Mundo.....	07
2.2.1. Copa do Mundo 1958 – Suécia.....	10
2.2.2. Copa do Mundo 1962 – Chile.....	11
2.2.3. Copa do Mundo 1966 – Inglaterra.....	12
2.2.4. Copa do Mundo 1970 – México.....	13
2.2.5. Copa do Mundo 1974 – Alemanha Ocidental.....	15
2.2.6. Copa do Mundo 1978 – Argentina.....	17
2.2.7. Copa do Mundo 1982 – Espanha.....	18
2.2.8. Copa do Mundo 1986 – México.....	20
2.2.9. Copa do Mundo 1990 – Itália.....	21
2.2.10. Copa do Mundo 1994 – EUA.....	23
2.2.11. Copa do Mundo 1998 – França.....	25
2.2.12. Copa do Mundo 2002 – Japão/Coréia do Sul.....	26
2.2.13. Copa do Mundo 2006 – Alemanha.....	28
2.2.14. Copa do Mundo 2010 – África do Sul.....	30
2.3. Análise de Jogos.....	31
2.3.1. Sistema de jogo no futebol.....	32
2.3.2. Posse de bola.....	35
2.3.3. Ações Ofensivas e Finalizações.....	38
2.3.4. Ações Defensivas.....	60
2.3.5. Estudos Complexos: análises quantitativas e qualitativas.....	63
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	72
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	81
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110

1. INTRODUÇÃO

O futebol é, na atualidade, um fenômeno esportivo reconhecido no mundo todo, possivelmente por ser uma modalidade esportiva facilmente praticada em qualquer local e por apresentar regras de simples entendimento, além do fato de a maioria das grandes civilizações terem jogos semelhantes ao futebol desde os primórdios (DUARTE, 1998).

A Copa do Mundo é o maior evento desse esporte, sendo disputada a cada quatro anos. É nesse momento que os maiores jogadores do futebol mundial representam seus respectivos países, atraindo o direcionamento, tanto da mídia quanto dos espectadores em geral.

De modo subjetivo, é possível sugerir que em nenhum outro local, a população é tão apaixonada pelo futebol quanto no Brasil, fato esse que transparece em datas nas quais existem jogos da Seleção Brasileira, especialmente em Copas do Mundo.

O assunto Seleção Brasileira, com frequência, é tratado de forma extremamente emocional, tanto pelo público quanto por parte da imprensa (VENDITE et al., 2005). Independente do resultado e/ou atuação das equipes, na visão dos “especialistas”, há sempre algo a ser corrigido que, se equacionado, levaria a Seleção a atingir a vitória com facilidade, atuando de modo mais criativo e estonteante.

Dentro desse contexto, são inevitáveis comparações entre seleções atuais e passadas. Ainda hoje se discute qual seria a melhor de todos os tempos. Enquanto o cenário mundial aponta a Seleção Brasileira campeã de 1970 como provavelmente a mais expressiva, os brasileiros apresentam dúvidas, comparando-a com a seleção campeã de 1958.

Toda a discussão, normalmente, ladeia em torno dos valores individuais de cada época. Em 1958, havia Djalma Santos, Nilton Santos, Garrincha e Pelé, todos eleitos pela imprensa mundial para compor uma hipotética Seleção do Mundo de todos os tempos. Em 1970, a equipe, composta por Pelé, Tostão, Rivelino, Jairzinho, Gérson e Clodoaldo. A Seleção de 1982, comandada pelo técnico Telê Santana, que, segundo comentaristas, merecia vencer a competição, é sempre lembrada por talentos como Zico, Sócrates, Falcão e Cerezo. As seleções de 1966, 1974, 1978 e 1990 são citadas como modelos a não serem seguidos, por serem comumente caracterizadas como desorganizadas, equivocadamente treinadas e convocadas, ou excessivamente defensivas.

A Seleção Brasileira que atuou na Copa do Mundo de 2006, considerada franco-favorita, inclusive na Bolsa de Apostas de Londres, findou por ser eliminada prematuramente, com jogadores, antes exaltados como astros maiores, sendo acusados de mercenários e desmotivados.

Algumas questões, com teor científico ou nem tanto, são geradas. Dentre elas é possível destacar: todas as seleções do Brasil campeãs em Copas do Mundo foram tão brilhantes? As seleções derrotadas apresentaram desempenho tão insatisfatório a ponto de merecerem perder a competição? Seria possível comparar seleções de épocas distintas, analisando apenas o resultado final ou os valores individuais de cada uma? Há sinalizadores, independente da época em que os jogos foram realizados, que ao menos indiquem prováveis comportamentos similares das campeãs?

É plausível, como afirma Perdigão (1986), que a grande dificuldade em avaliar um acontecimento como um jogo de futebol esbarre na subjetividade do

outro, ou seja, cada um vive a seu modo uma experiência, analisando e enfatizando determinados momentos e estabelecendo um ponto de vista muito particular. No caso das Copas do Mundo passadas, é muito comum analisar o comportamento da Seleção Brasileira em cima de melhores momentos e/ou imagens da própria memória, pois o acesso aos jogos, na sua íntegra, está restrito a um número mínimo de colecionadores.

1.1. OBJETIVOS

O objetivo geral do presente estudo foi analisar, na íntegra, todos os jogos das Seleções Brasileiras de Futebol em Copas do Mundo, compreendidos no período de 1958 à 2010, quantificando as ações técnicas realizadas por essas equipes por meio de análise de vídeo e *scout* manual.

De maneira específica, objetivou-se:

- Efetuar a contextualização histórica das Seleções Brasileiras em Copas do Mundo de Futebol;
- Quantificar as ocorrências técnicas de jogo efetuadas pelas Seleções Brasileiras no período de 1958 a 2010, dentre elas número de passes, posse de bola, número de finalizações, roubos de bola, escanteios, faltas;
- Verificar a qualidade dessas ações, analisadas pelo sucesso ou insucesso da tarefa e a característica dos gols concretizados;
- Averiguar a presença de possíveis sinalizadores comuns para a vitória ou derrota, dissertando acerca de possíveis aspectos determinantes do resultado final das Copas do Mundo.

1.2. JUSTIFICATIVA

A obtenção de informações em todas as modalidades desportivas é de grande valia para o progresso do esporte, entretanto, a maioria dessas informações nos desportos coletivos está relacionada a qualidades físicas aplicáveis ao treinamento, existindo expressiva carência com os demais elementos que compõem a preparação do atleta, em especial os aspectos táticos e técnicos.

No futebol profissional, as análises táticas das partidas são pouco utilizadas, inviabilizando a noção mais precisa do desempenho das equipes. Apesar da grande importância vislumbrada dessa modalidade desportiva, em especial durante as Copas do Mundo, muitas análises ocorrentes na atualidade são influenciadas pelo empirismo midiático, com reduzido tratamento científico para os dados.

No Brasil, as decisões de comissões técnicas, durante e após as competições, estão atreladas aos resultados, com apontamentos sempre positivos às seleções vitoriosas e, em contrapartida, sempre negativos para as seleções derrotadas. Ainda hoje, sofremos a influência da época romântica do denominado “futebol-arte” que fornece base para julgar o comportamento da Seleção Brasileira.

Durante as últimas décadas, observou-se uma evolução do futebol em todos os continentes, e o resultado prático desse crescimento foi uma aproximação dos elementos técnicos e táticos dos europeus e sul-americanos do resto do mundo. Cabe ressaltar que a evolução do futebol mundial está

relacionada à melhoria dos aspectos físicos, mas principalmente a uma maior compreensão dos aspectos técnicos e táticos dos jogos. As dimensões técnico-táticas representam um caminho pouco explorado e que, se estudado, pode assumir um papel importante no futebol brasileiro.

As análises propostas neste trabalho procuram desvelar o real desempenho das equipes brasileiras nas Copas do Mundo, destacando prováveis razões objetivas para as vitórias e fracassos de cada uma delas. Por uma abordagem histórico-objetiva, acreditamos ser possível a indicação de caminhos ou, ao menos, alguns sinalizadores, capazes de ampliar as reflexões e a prática do futebol considerado um dos desportos mais expressivos e massificados no cenário mundial.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura está dividida em três subcapítulos, objetivando contextualizar o leitor frente ao tema abordado, bem como suportar as discussões acerca dos métodos utilizados e resultados obtidos na presente dissertação.

2.1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA ACERCA DAS COPAS DO MUNDO

Um campeonato mundial de futebol foi um sonho alimentado desde o início do século XX, quando começaram a ocorrer partidas entre seleções de países. Até então, o futebol já era praticado em diversas regiões do mundo, e o holandês Karl Hirschmann, um entusiasta do esporte, tratou de pensar na criação de um organismo internacional para congregar todas as federações nacionais já existentes. Surge, em 1904, a FIFA (Federação Internacional de Futebol Association), e diversos congressos foram realizados nos anos que se seguiram, porém as propostas para um campeonato mundial foram, a priori, extintas devido aos elevados investimentos que se fariam necessários para sua concretização (MÁXIMO, 1986).

A idéia foi suspensa e resolveu-se reconhecer o futebol dos Jogos Olímpicos como o próprio Campeonato Mundial. O sucesso do futebol nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928, em Paris e Amsterdã, respectivamente, incentivou o francês Jules Rimet a retomar a idéia de um campeonato mundial, mesmo por conta de, na época, só ser permitida a atuação de atletas

amadores na competição, o que não representava a força máxima dos selecionados (MÁXIMO, 1986).

Em 1928, decidiu-se pela realização da primeira Copa do Mundo em 1930, no Uruguai, país escolhido para ser sede dessa competição por ter se consagrado bicampeão nos Jogos Olímpicos. Desde então, o evento só tem apresentado progresso quando analisado o crescente número de participantes e elevação de interesse por parte do público em geral, justificando o aumento abrupto nos valores investidos e no retorno financeiro ao país-sede. As seleções que, normalmente, apresentam destaque no cenário futebolístico são restritas, dentre as quais é possível destacar o Uruguai, Itália, Alemanha, Inglaterra, Argentina, França, Espanha e Brasil, este o maior vencedor, com cinco Copas do Mundo conquistadas (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 1980; MÁXIMO, 1986).

2.2 O BRASIL NAS COPAS DO MUNDO

O Brasil surge para o cenário mundial a partir de 1950, quando sediaria, então, a competição. O terceiro lugar obtido na Copa do Mundo anterior, ocorrida em 1938 na França, não havia trazido a sensação de que poderia ter conquistado o título. As vitórias esmagadoras, na fase final em 1950, criou um clima de certeza em relação à conquista, e a derrota contra os uruguaios acabou tornando-se, apesar dos traumas decorrentes de tamanho desastre, um marco das futuras conquistas brasileiras (PERDIGÃO, 1986).

Um aspecto recorrente das performances do Brasil nas Copas do Mundo é que, raramente, a equipe que começa atuando no primeiro jogo permanece até o final da competição, ocorrendo várias alterações entre os titulares. Isso

também pode ser observado em outras seleções de grande expressão em menor escala. Esses fatos parecem justificar, em parte, as surpresas que acontecem nesse tipo de competição onde, em geral, os grandes favoritos, ou seja, aqueles que pouco antes do início da Copa do Mundo apresentam melhores resultados, não conseguem grandes performances.

Segundo Filho (2004), a crônica especializada criou a idéia, no torcedor, de que o futebol brasileiro é, em qualquer condição, o melhor do mundo e, por esta razão, a derrota não é admitida como parte do jogo ou que o adversário, de modo algum, é caracterizado por méritos. Apesar de considerar a categoria do futebol brasileiro, a imprensa internacional discorda dessa idéia, considerando que Seleções como a Alemanha, em geral, têm uma regularidade maior que o Brasil (Tabela 1). A inconstância dos brasileiros, então, seria justificada por uma série de fatores que vão desde a desorganização até equivocado dimensionamento de nossa capacidade técnica, em relação aos adversários, o que, em última instância, gera a crença de que a decisão do jogo está apenas no plano técnico.

Tabela 1. Colocação da Seleção Brasileira e dos três primeiros colocados nas Copas do Mundo analisadas.

COPA DO MUNDO	Colocação BRASIL	Equipe Campeã	Equipe Vice-Campeã	Equipe 3ª. Colocação
1958	1º	BRASIL	SUÉCIA	FRANÇA
1962	1º	BRASIL	TCHECOSLOVÁQUIA	CHILE
1966	11º	INGLATERRA	ALEMANHA	PORTUGAL
1970	1º	BRASIL	ITÁLIA	ALEMANHA
1974	4º	ALEMANHA	HOLANDA	POLÔNIA
1978	3º	ARGENTINA	HOLANDA	BRASIL
1982	5º	ITÁLIA	ALEMANHA	POLÔNIA
1986	5º	ARGENTINA	ALEMANHA	FRANÇA
1990	9º	ALEMANHA	ARGENTINA	ITÁLIA
1994	1º	BRASIL	ITÁLIA	SUÉCIA
1998	2º	FRANÇA	BRASIL	CROÁCIA
2002	1º	BRASIL	ALEMANHA	TURQUIA
2006	5º	ITÁLIA	FRANÇA	ALEMANHA
2010	6º	ESPANHA	HOLANDA	ALEMANHA

As primeiras conquistas brasileiras surgiram na chamada época romântica do futebol, momento no qual não existiam grandes preocupações com a parte defensiva e a estratégia ofensiva era composta pela participação de vários jogadores. Na Copa do Mundo de 1966, considerada “divisor de águas”, a utilização de métodos de treinamento possibilitou que jogadores bem preparados fisicamente reduzissem os espaços dos mais talentosos (MÁXIMO, 1986; ASSAF, 2002). Nessa ocasião, comenta-se que houve o surgimento do “futebol-força”, alocado no sentido contrário ao futebol vitorioso do Brasil, denominado “futebol-espetáculo”. Para Escartin (1966), não era necessário equipes latinas abandonarem seu estilo de jogo, mas aliarem sua ótima condição técnica ao aspecto de conjunto e de preparação física.



2.2.1. COPA DO MUNDO 1958 – SUÉCIA

Segundo especialistas europeus, as qualidades técnicas do jogador brasileiro eram comprometidas pela falta de senso tático, desorganização, individualismo e, principalmente, carência de confiança em momentos decisivos (GEHRINGER, 2006; RIBAS, 2010), em especial verificada nos atletas negros (MÁXIMO, 1986; ASSAF, 2002). Esses conceitos foram fortalecidos pelas derrotas sofridas no período entre as Copas com a troca sistemática de treinadores.

As mudanças decisivas ocorreram no ano da Copa com a escolha de um chefe de delegação, Paulo Machado de Carvalho, que traçou um planejamento detalhado para a Seleção Brasileira, fato inédito até então (MÁXIMO, 1986; ASSAF, 2002; RIBAS, 2010). O técnico escolhido para comandar o Brasil foi Vicente Feola que, como virtude, possuía a capacidade do trabalho em equipe. Os amistosos que se seguiram serviram para definir o grupo que seria indicado a defender o Brasil na Copa.

As duas primeiras partidas do Brasil mostraram que o ataque apresentava problemas, sendo considerado inoperante, gerando mudanças nesse setor no restante da competição, com as entradas de três jogadores fundamentais para a conquista do título: Pelé, Garrincha e Vavá. Segundo Filho (2004), essa dificuldade ofensiva ocorria devido ao recuo dos atacantes para o auxílio na marcação no meio-campo, jogando de forma cautelosa (ESCARTIN, 1959).

Mesmo apresentando algumas dificuldades nos jogos finais (ARNOLD ; DAVIS, 1973; GEHRINGER, 2006), o Brasil demonstrou grande superioridade,

não abdicando de atacar em nenhum momento, tendo um domínio absoluto das ações mesmo com o placar adverso ou enfrentando a violência contrária. No entendimento de especialistas estrangeiros, a grande vantagem do Brasil na semifinal contra a França se deu pela contusão do jogador Jonquet (ARNOLD; DAVIS, 1973), porém Gehringer (2006) observou que os brasileiros já mostravam domínio do jogo antes mesmo desse fato. Segundo Máximo (1986), os brasileiros atuaram de modo importante no jogo final, considerando-se todos os aspectos de jogo, principalmente porque os destaques suecos foram bem marcados (ESCARTIN, 1959).

O sistema 4-2-4 adotado pela seleção Brasileira privilegiava o ataque, e defensivamente realizava uma marcação individual sem cobertura (ESCARTIN, 1959; FILHO, 2004). Apesar de excelente individualmente, a equipe apresentava um senso coletivo, tanto defensiva quanto ofensivamente, fato esse só ressaltado por pesquisadores estrangeiros (ESCARTIN, 1959; ARNOLD; DAVIS, 1973).



2.2.2. COPA DO MUNDO 1962 – CHILE

O planejamento da Copa anterior foi reeditado em 1962, bem como o esquema tático 4-2-4. O técnico Vivente Feola necessitou ser substituído por motivos de saúde, e Aymoré Moreira foi o escolhido (ASSAF, 2002; GEHRINGER, 2006; RIBAS, 2010). A equipe, por ser quase na totalidade a mesma, elevou a média etária da seleção. A rigor, apenas existiram alterações na defesa da equipe titular (RIBAS, 2010).

Na primeira fase da Copa, as ocorrências não seguiram a linha esperada. A seleção dependeu excessivamente de jogadas individuais e a

contusão do principal jogador brasileiro, Pelé, refletiu na equipe mais recuada e nervosa (ARNOLD; DAVIS, 1973; ASSAF, 2002; RIBAS, 2010).

O número elevado de gols, que propiciou o título ao Brasil nos três últimos jogos, não revelou tamanha dificuldade enfrentada pela Seleção. Muitas complicações durante as partidas foram amenizadas por atuações individuais decisivas, principalmente de Garrincha, e por falhas das defesas contrárias (GEHRINGER, 2006; RIBAS, 2010). Apenas no segundo tempo da final, o time brasileiro melhorou seu rendimento (FILHO, 2004; RIBAS, 2010). Para Gehringer (2006), prevaleceu a experiência dos brasileiros em um mundial sem destaques.



2.2.3. COPA DO MUNDO 1966 – INGLATERRA

A escolha de Vicente Feola, campeão de 1958, pareceu agradar aos dirigentes da época por ser um técnico aberto a sugestões sobre a inclusão de atletas. Dentro dessa perspectiva, a comissão técnica convocou mais de 40 jogadores para os treinamentos visando a Copa do Mundo, o que, na prática, enfraqueceu muito o grupo por haver, entre eles, atletas limitados tecnicamente e outros extremamente jovens e inexperientes. Além disto, muitos veteranos apresentavam condição física deficitária, dentre eles Garrincha, que há muito não obtinha boas atuações, mas acreditava-se que, se atuasse junto a Pelé, o Brasil seria imbatível (MÁXIMO, 1986; ASSAF, 2002, FILHO, 2004; RIBAS, 2010).

Dificuldades em definir a equipe titular foram visualizadas, já que apenas foram considerados aspectos técnicos. A aparente ausência de cautela com a condição física foi evidenciada em amistosos prévios à competição. É

importante ressaltar que as principais seleções baseavam seu jogo na preparação física e no futebol coletivo, fato esse aparentemente negligenciado pelos brasileiros (MÁXIMO, 1986; ASSAF, 2002). Essa indefinição gerou um clima de tensão entre os jogadores devido à exclusão de 24 atletas, alguns destes considerados melhores que os selecionados para a Copa (RIBAS, 2010).

A equipe foi eliminada na primeira fase, apresentando um futebol com dificuldades ofensivas devido à marcação adversária aprimorada (ESCARTIN, 1966; ARNOLD; DAVIS, 1973; ASSAF, 2002). Com relação ao aspecto defensivo, a equipe era envolvida com facilidade pelos adversários, além do diagnóstico de falhas individuais (FILHO, 2004; RIBAS, 2010). Nos primeiros jogos, houve a aposta nos jogadores mais experientes e, apenas na última partida, foram lançados os atletas mais jovens, com nível sugerindo incompatibilidade com os titulares (ESCARTIN, 1966).

Considerado o “Mundial Defensivo” por Escartin (1966), o Brasil utilizou o ultrapassado sistema 4-2-4, mostrando-se vulnerável em todos os setores do campo. O domínio do meio de campo foi idéia predominante entre as melhores equipes, visto ser o “escudo” das defesas.

2.2.4. COPA DO MUNDO 1970 – MÉXICO



Os anos que sucederam a Copa do Mundo de 1966 foram marcados por profundas reformulações, tanto no comando técnico, quanto na convocação de jogadores. A recondução de Aymoré Moreira à frente da Seleção não foi acompanhada por resultados satisfatórios. Com a saída de Paulo Machado de Carvalho, chefe das delegações vencedoras, ocorreu nova

mudança técnica (RIBAS, 2010). João Saldanha, jornalista e com pouca experiência na função, foi acionado para a tarefa. Sua primeira atitude foi definir uma equipe titular baseada no considerado melhor time de futebol da época: o Santos Futebol Clube (MÁXIMO, 1986; ASSAF, 2002; RIBAS, 2010).

Com essa Seleção, foram vencidos todos os jogos amistosos e eliminatórios. O temperamento do técnico provocou dificuldade de relacionamento com jogadores e dirigentes (GEHRINGER, 2006; RIBAS, 2010). Ao primeiro resultado insatisfatório, este foi demitido e substituído por Zagallo, que também não era considerado experiente (MÁXIMO, 1986; RIBAS, 2010).

A comissão técnica propôs, pela primeira vez, uma preparação física em bases científicas, fundamental para suportar os rigores do México com altitude e temperatura elevadas (MÁXIMO, 1986; RIBAS, 2010). O sistema tático 4-3-3, que substituiu o 4-2-4 das eliminatórias, diminuiu a força ofensiva da equipe (FILHO, 2004; RIBAS, 2010). Parte disso era creditada à não escalação de Tostão ao lado de Pelé, que foram artilheiros durante as Eliminatórias. Os maus resultados fizeram o técnico mudar de idéia em relação ao ataque ter como base a equipe do Botafogo.

As partidas durante a Copa apresentaram um panorama bastante parecido: o Brasil ofensivo, com severas falhas na retaguarda (GEHRINGER, 2006; RIBAS, 2010). Isso ficou evidente quando os adversários utilizavam os cruzamentos como arma ofensiva. Em geral, a Seleção apresentava um rendimento melhor no segundo tempo dos jogos quando, aparentemente, os adversários pareciam revelar cansaço (FILHO, 2004). Na primeira fase, o quadro estatístico da Seleção Brasileira mostrava um ataque arrasador com

mais de 50 finalizações em três jogos, porém os adversários com um número elevado de tiros a gol. Por outro lado, os brasileiros apresentavam índice de aproveitamento superior e a equipe progredia a cada jogo (AZÊDO; GUIMARÃES, 1970).



2.2.5. COPA DO MUNDO 1974 – ALEMANHA OCIDENTAL

Após a conquista em 1970, havia a crença de que a Seleção Brasileira seria insuperável pela qualidade de seus jogadores, desde que associada ao condicionamento físico e tático. Porém, gradativamente, problemas foram se acumulando, como a perda de talentos individuais e táticas que contrariavam a vocação ofensiva brasileira. A equipe não atuava bem do meio de campo para frente, e, em contrapartida, Zagallo optou por criar um esquema que reforçava ainda mais a defesa. Esse esquema foi denominado “futebol de trincheiras” por Escartin (1974). Com resultados insatisfatórios obtidos em amistosos, críticas direcionaram a comissão técnica ao boicote à imprensa. A dificuldade em efetivar gols contra equipes frágeis demonstrava que o ataque não funcionava bem (RIBAS, 2010).

O defensivo esquema tático de Zagallo instigava os atacantes a buscarem a bola atrás da linha dos laterais. Dessa forma, apesar de existirem bons jogadores, o Brasil não era considerado composto por um “time”. Além disso, o técnico brasileiro subestimava o potencial dos adversários (RIBAS, 2010). Segundo Máximo (1986), Zagallo confiava de modo pleno no potencial da Seleção Brasileira, afirmando que os adversários, sim, deveriam manifestar preocupações com o Brasil.

A primeira fase do Campeonato confirmou o observado nos amistosos, com a equipe apenas se defendendo, com reduzida produção no ataque e com muitas dificuldades (RIBAS, 2010). Regis (1974) sugere que uma Seleção como a do Brasil teria, no mínimo, a obrigação de tentar vencer e não se acovardar lutando para empatar em zero. Os defeitos básicos constatados por Escartin (1974) foram, além de poucas finalizações, excesso de passes sem evolução e objetividade. Já Máximo (1986) entende que a equipe se apresentou tecnicamente irregular e taticamente indefinida. O Brasil utilizava o sistema 4-3-3 com recuo de um dos atacantes, apontado como ultrapassado para a época.

O futebol considerado deficitário provocou mudanças na equipe na seqüência da competição, gerando uma sensível melhora tática, com avanço dos laterais, principalmente contra a Argentina, mas nada que alterasse significativamente a forma de jogar da equipe (MÁXIMO, 1986; RIBAS, 2010). No jogo decisivo contra os holandeses, que apontaria um finalista, o Brasil foi envolvido pela velocidade dos adversários, que liquidaram o jogo nos contra-ataques (RIBAS, 2010).

A Seleção Holandesa foi responsável pela última grande evolução do futebol, praticando o chamado “futebol-total”, acrescentando à condição física o conceito de polivalência (jogadores capazes de atacar e defender) e amenizando a especialização das posições de jogo. Na prática, existia uma constante movimentação dos jogadores por todos os setores do campo, o que gerou a denominação dessa equipe como “Carrossel Holandês”. O sentido de cobertura acentuava o jogo coletivo da equipe.

Segundo Cruiff (1974), o Brasil não errou de tática, simplesmente faltaram jogadores excepcionais, opinião compartilhada por Escartin (1974). Tanto foi assim que o técnico brasileiro, consciente dessa limitação técnica, organizou uma defesa sólida, concentrando suas ações pelo meio de campo, e utilizando contra-ataques como estratégia ofensiva. Para Máximo (1986), a maior lição dessa Copa do Mundo para o Brasil foi constatar que seu estilo de futebol não havia evoluído como o dos adversários, podendo ser considerado “parado no tempo”.



2.2.6. COPA DO MUNDO 1978 – ARGENTINA

Como corriqueiro, após o Brasil não vencer uma Copa do Mundo, iniciou-se um processo de reconstrução na Seleção. Oswaldo Brandão foi o substituto do contestado Zagallo, principalmente pela sua grande experiência. Apesar do retrospecto favorável, o novo técnico sucumbiu à primeira adversidade (empate na estréia das Eliminatórias). Fora acusado de não fornecer padrão tático à equipe, variar demasiadamente a escalação e impedir a convocação de importantes jogadores por indisciplina (RIBAS, 2010).

Frente aos ocorridos, foi substituído por Claudio Coutinho, experiente apenas na preparação física, mas estudioso das táticas modernas. Para o novo técnico, o Brasil era considerado atrasado em relação ao futebol europeu (MÁXIMO, 1986). Dentro da filosofia européia, os jogadores deveriam ser polivalentes, ou seja, atacar e defender com a mesma eficiência. Coutinho entendia que o Brasil se apoiava demasiadamente no individualismo, sem consistência coletiva (MÁXIMO, 1986; ASSAF, 2002; RIBAS, 2010). Houve muitas críticas a essa proposta porque o estilo do futebol brasileiro contrariava

essa forma de atuar. Como quase todos os técnicos, apresentava preferências em termos de jogadores. Acabou por descartar algumas unanimidades, deixando a lateral esquerda improvisada (ASSAF, 2002; RIBAS, 2010). Uma série de amistosos na Europa trouxe dúvidas a respeito da tática adotada. Havia uma incongruência entre a tática e os jogadores disponíveis, que eram bons, mas não se enquadravam no esquema (MÁXIMO, 1986; RIBAS, 2010).

O baixo rendimento dos melhores jogadores somado à pouca produtividade ofensiva foram os responsáveis por resultados insatisfatórios nas duas primeiras partidas na Copa do Mundo (RIBAS, 2010). Várias mudanças foram realizadas para o jogo contra a Áustria, que decidiria a continuidade do Brasil na competição (MÁXIMO, 1986; ASSAF, 2002).

A partir desse momento, houve um progresso da Seleção na segunda fase demonstrando superioridade contra os adversários. No jogo de definição de um dos finalistas, disputado contra os argentinos, a equipe foi precisa na defesa, perdeu oportunidades para vencer, havendo carência de ousadia (ASSAF, 2002; RIBAS, 2010), que só surgiu na disputa do terceiro lugar com a entrada de mais um atacante no jogo. Para Régis (1978), Coutinho foi o responsável pelo Brasil não estar na final dessa competição, já que, mesmo sabendo que a classificação poderia ser decidida no saldo de gols, solicitou à equipe que recuasse, mesmo quando em vantagem no placar do jogo contra os poloneses.



2.2.7. COPA DO MUNDO 1982 – ESPANHA ESPAÑA 82

A substituição do técnico Cláudio Coutinho por Telê Santana foi a mudança da ênfase dos aspectos táticos pelos técnicos. O Brasil, juntamente

com Argentina e Alemanha, era considerado favorito para a conquista do mundial, principalmente após vitórias numa excursão à Europa (MÁXIMO, 1986; NAPOLEÃO; ASSAF, 2006; RIBAS, 2010). A equipe mantinha a mesma base de 1981, com alguns ajustes, como a entrada de meio campistas ofensivos em detrimento de defensivos. Havia muitas críticas pela ausência de um ponta direita, substituído por um revezamento constante de jogadores no setor. O bom futebol do meio-campo mascarava a pouca proteção à defesa, e a excessiva preparação física causou prejuízo no ataque, como a contusão do jogador Careca (RIBAS, 2010).

Da estréia até a eliminação contra os italianos, os temidos problemas defensivos ficaram claros. A equipe era fortalecida pela troca de passes e o apoio dos laterais, ocasionando a criação de muitas oportunidades de gol (RIBAS, 2010). Filho (2004) considera que a tranqüilidade técnica e tática era garantida pelo meio de campo, que com a entrada do jogador Cerezo, mostrou-se mais ajustado.

De acordo com as considerações de Máximo (1986), o futebol apresentado pela Seleção Brasileira aproximava-se do brilhantismo, sendo considerado melhor que de todas as outras seleções atuantes em Copas do Mundo. O desempenho surpreendente dos italianos, somado a falhas graves do setor defensivo brasileiro, foi crucial para o resultado final.

Para Filho (2004), o fato de o Brasil continuar atacando independente do resultado, propiciou contra-ataques. Curiosamente, pode-se observar que nenhum dos gols sofridos pelos brasileiros surgiu de contra-ataques, estando toda a equipe em seu campo defensivo.

Napoleão; Assaf (2006) ressaltam que a disputa de competições eliminatórias como a Copa do Mundo abre a possibilidade da ocorrência de surpresas.



2.2.8. COPA DO MUNDO 1986 – MÉXICO

Apesar do bom futebol apresentado em 1982, o técnico foi substituído. Parreira propôs a correção das deficiências apresentadas pelo seu antecessor. A idéia parecia interessante ao mesclar veteranos com jovens promessas, mas a reformulação foi profunda demais, em parte pela ida de jogadores para a Europa. Jogando defensivamente, o Brasil não obteve boas atuações, e a saída de Parreira foi inevitável com a perda da Copa América. Na seqüência, houve dois técnicos de curta passagem com resultados igualmente insatisfatórios (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006; RIBAS, 2010).

Com as Eliminatórias próximas e o desempenho precário em dois anos, Telê Santana foi reconduzido ao comando da Seleção. Optou pela utilização da equipe base do último mundial na expectativa de resgatar um título que o Brasil merecia ter conquistado. O grande problema para a realização desse projeto era a complicada condição física dos jogadores, alguns lesionados seriamente (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006; RIBAS, 2010). Desse modo, o técnico estabeleceu um grande grupo de trabalho, por precaução. Os diversos problemas físicos criaram uma indefinição, tanto no grupo dos 22 convocados, quanto na equipe titular. Houve enorme pressão sobre as decisões do técnico, o qual optou pelo isolamento.

Nos dois primeiros jogos dessa Copa, o Brasil mostrou-se irregular e bastante diferente do que pretendia inicialmente o técnico. Com os ajustes

necessários, sem improvisações, a equipe progrediu bastante a partir do terceiro jogo (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006; RIBAS, 2010). Segundo Filho (2004), os primeiros jogos serviram para o entrosamento do setor de meio-campo, abrindo perspectivas para o setor ofensivo, que, de fato, converteu vários gols para a seleção.

A partida decisiva contra os franceses, que determinou a eliminação brasileira, foi caracterizada por superioridade inicial brasileira, que só diminuiu em volume com a perda da penalidade máxima a favor do Brasil (RIBAS, 2010). Filho (2004) acredita que a condição física dos principais jogadores brasileiros foi responsável por falhas na cobrança de penalidades máximas. O autor entende ainda que a equipe não reunia condições de lutar pelo título.



2.2.9. COPA DO MUNDO 1990 – ITÁLIA

O técnico Sebastião Lazaroni adotou um estilo de jogo baseado na marcação e no preparo físico utilizando um líbero. O sistema tático 3-5-2, muito criticado, ganhou credibilidade com a conquista da Copa América após 40 anos. Somado a esse fator, as vitórias em amistosos contra as fortíssimas Itália e Holanda aumentaram o otimismo brasileiro (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006; RIBAS, 2010). De maneira aparente, a equipe titular contava com o apoio popular, ao contrário do afirmado por Filho (2004), para o qual Lazaroni não tinha aprovação. Especialistas detectaram falta de criatividade no meio-campo e incapacidade da reversão de um placar adverso. As opções criativas não foram convocadas (RIBAS, 2010). Para Kfoury; Rodrigues (2002), apesar de o esquema tático privilegiar a marcação, o talento não havia desaparecido na Seleção Brasileira.

Os problemas iniciaram antes mesmo da Copa, por questões financeiras, além do acesso livre de familiares e empresários na concentração brasileira. Esse aspecto possivelmente potencializou situações de desunião e desinteresse, que afetaram o desempenho da equipe (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006; RIBAS, 2010).

Desde a estréia nessa Copa, evidenciou-se a grande dependência do esquema tático, forte marcação no meio de campo e perigosas jogadas pelas laterais. A maior dificuldade era a concretização de gols, caracterizando o futebol como pouco convincente para o avanço na competição (FILHO, 2004; RIBAS, 2010). Já na segunda partida, a precisão nas finalizações era vista como a principal dificuldade do Brasil, porém treinamentos específicos para esse aspecto não foram claramente observados (KFOURI; RODRIGUES, 2002). Por outro lado, Napoleão; Assaf (2006) entendem que as boas jogadas realizadas criaram esperanças de maior criatividade na seqüência da competição.

O jogo contra a Argentina, no qual a eliminação foi concretizada, apresentou ampla superioridade dos brasileiros, com inúmeras oportunidades desperdiçadas. Os adversários aproveitaram uma das chances oferecidas em contra-ataque para garantir a vitória (RIBAS, 2010). Para Napoleão; Assaf (2006), o Brasil viveu seus melhores momentos na Copa do Mundo durante essa partida.

A tática de valorização excessiva da defesa em detrimento do ataque foi, para Filho (2004), a principal razão da desclassificação brasileira, pois, essa forma de atuar, alijava o futebol brasileiro, de tradições ofensivas. Mesmo com

o time adversário recuado, poucos brasileiros atacavam, deixando os atacantes isolados (KFOURI; RODRIGUES, 2002).



2.2.10. COPA DO MUNDO 1994 – ESTADOS UNIDOS

A Seleção Brasileira apresentou algumas dificuldades para a classificação nas etapas eliminatórias. Parte desses problemas parecia estar no setor ofensivo da equipe, existindo ainda grande cobrança por parte da imprensa e dos torcedores pela ausência de Romário, jogador em boa fase, mas com problemas pessoais com a comissão técnica. No último jogo das eliminatórias, correndo o risco de ser eliminado, esse jogador foi convocado e decidiu a classificação contra o Uruguai (RIBAS, 2010).

O técnico Carlos Alberto Parreira utilizava o sistema de jogo 4-4-2 de forma bem pragmática, baseado no equilíbrio entre defesa, meio-campo e ataque. Fortaleceu o sistema defensivo, liberando um apoiador e contando com dois atacantes em grande fase (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006). Segundo considerações de Filho (2004), a equipe brasileira era diferenciada por contar com defesa sólida e excelente atuação do meio para frente.

A primeira fase da Copa do Mundo foi muito tranqüila para o Brasil. A classificação foi obtida sem problemas, apesar da mudança da dupla de zagueiros por motivos de contusão, demonstrando que a equipe estava bem ajustada (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006). Quando em vantagem, a equipe se postava de forma mais recuada (KFOURI; COELHO, 1994), anunciando o que seria visualizado durante toda a competição.

De maneira geral, os brasileiros mostraram falta de criatividade no meio-campo e pouco apoio dos laterais. O time efetuava satisfatória troca de passes,

mas sem objetividade (KFOURI; COELHO, 1994). Com a fase técnica indesejável de Raí, e a falta de opções, a equipe continuou praticando o mesmo futebol burocrático, dependendo em demasia da dupla de ataque. As substituições realizadas nos jogos não mudaram a atuação da equipe. Para os críticos, a equipe era excessivamente defensiva e carente de jogadores criativos (RIBAS, 2010).

O jogo que apresentou maiores dificuldades para o Brasil foi o realizado contra a Holanda. Nos demais, a equipe demonstrou relativa superioridade sobre todos os adversários que enfrentou. O técnico incentivava a manutenção da posse de bola, e conseqüente criação de chances, porém a Seleção Brasileira não conseguiu efetuar muitos gols, em parte porque as oportunidades criadas não poderiam expô-la a riscos (KFOURI; COELHO, 1994; RIBAS, 2010).

No jogo final, o Brasil foi contemplado por melhor e maior número de oportunidades (KFOUR; COELHO, 1994; NAPOLEÃO; ASSAF, 2006). A Itália, cautelosa no aspecto defensivo, permitiu poucos espaços ao ataque brasileiro. Com o meio de campo bastante congestionado, uma importante opção seria a utilização das laterais. Entretanto, com a contusão do lateral direito, a situação foi dificultada para a Seleção Brasileira. De maneira geral, a defesa se comportou bem assim como os volantes. Apenas os meias ofensivos foram novamente considerados “tímidos”. Os atacantes, apesar de bem marcados, foram contemplados por boas chances não aproveitadas (KFOURI; COELHO, 1994). Para Filho (2004), o time brasileiro conquistou a Copa do Mundo, sem maiores convencimentos, talvez por ter se tornado campeão apenas no momento das penalidades máximas.



2.2.11. COPA DO MUNDO 1998 – FRANÇA

O técnico Zagallo, retornando ao comando da Seleção, tentou criar a figura do “numero um”, que seria um jogador do meio-campo com liberdade para participar do ataque. Na prática, essa idéia nunca se concretizou por não existirem jogadores com essa característica. De acordo com Ribas (2010), a preocupação específica em criar essa figura, provocou a desatenção pela defesa, sempre desprotegida.

O fracasso da Copa Ouro fez com que a CBF incluísse na comissão técnica o coordenador Zico, com o papel de auxiliar no estudo do desempenho dos adversários. Em termos de treinamento, reduzidas foram as intervenções durante a preparação. O jogador Romário foi excluído da equipe, entretanto esse fato parece não ter provocado temores na Seleção Brasileira (OGAWA et al., 2002; RIBAS, 2010). Ainda para Ogawa et al. (2002), a equipe treinou pouco, em quantidade e qualidade, insistindo em variações táticas que não aproveitaram o potencial dos melhores jogadores. Mesmo em suas melhores atuações, a marcação foi considerada frágil, apresentando um nível de desconcentração grande, fato que pode explicar, em parte, a irregularidade durante a competição.

Desde a estréia, foram explicitados os temores quanto a questões táticas, dentre as quais é possível destacar falta de cobertura da defesa e função do “número um” à qual os jogadores não se adaptaram. O Brasil conseguiu avançar à final muito por conta do talento individual de alguns jogadores (RIBAS, 2010). Nos jogos finais contra holandeses e franceses, a

Seleção sofreu demasiadamente com falhas sucessivas na defesa (OGAWA et al., 2002; RIBAS, 2010).

Ao superar a Holanda, os brasileiros acreditaram que o pior adversário tinha sido transposto, haja vista a inexpressiva tradição da França em Copas do Mundo. Porém, ao analisar os números, os franceses apresentavam a melhor defesa e um dos melhores ataques (FILHO, 2004).

Os rumores a respeito de suborno para o Brasil entregar o jogo, na visão de Filho (2004), enfatizam a dimensão exata a respeito da cultura do brasileiro, que prefere justificar a derrota dessa forma a aceitar que a Seleção Brasileira apresentou fraca atuação. A convulsão de Ronaldo poucas horas antes da final também foi utilizada como desculpa, porém Napoleão; Assaf (2006) entendem que a má atuação na final pode ser creditada ao esforço despendido na semifinal contra os holandeses, explicando a apatia dos jogadores brasileiros. Já Ogawa et al. (2002) entendem que o problema médico do principal atacante brasileiro foi o sinalizador para afetar o comportamento dos demais jogadores, e a metade da razão da perda do título. A outra parcela debate acerca da defesa, que cometeu os mesmos erros durante toda a Copa do Mundo



2.2.12. COPA DO MUNDO 2002 – JAPÃO/CORÉIA DO SUL

A saída de Zagallo foi sucedida por Wanderley Luxemburgo, um treinador com idéias modernas. Com sua contribuição, esperava-se um futebol eficiente na defesa e no ataque. Depois de uma campanha perfeita na Copa América, foram iniciados os questionamentos acerca de sua atuação após as derrotas na Copa das Confederações e Eliminatórias, em parte creditada às constantes substituições na equipe. A eliminação nas Olimpíadas decretou o

fim de seu ciclo na Seleção Brasileira, sendo seu posto ocupado, por pouco tempo, por Emerson Leão, o qual acumulou derrotas contra adversários tecnicamente inferiores (RIBAS, 2010).

Diante do risco de eliminação para a Copa do Mundo, foi escolhido Luis Felipe Scolari. Uma das primeiras providências adotadas foi a implantação do esquema tático 3-5-2, fornecendo maior cobertura ao avanço dos laterais. Entre vitórias e derrotas, a equipe conquistou sua vaga. Foram efetuadas inúmeras experiências em todas as posições, mas Romário foi excluído do grupo por ser considerado desagregador (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006; RIBAS, 2010).

Na preparação para a Copa do Mundo, efetuou estudo aprimorado dos rivais, treinou situações específicas de jogo e, principalmente, consolidou a união do grupo. A parte disso, a pressão sobre o técnico foi enorme (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006; RIBAS, 2010).

A primeira fase da competição foi marcada pela insegurança e instabilidade do setor defensivo (FILHO, 2004; RIBAS, 2010). Esses problemas permaneceram até as Oitavas de Final durante o primeiro tempo, quando houve um ajuste através de substituição, arrumando a equipe. A marcação passou a funcionar melhor, diminuindo os espaços dos belgas, o que ocasionou um crescimento ofensivo (RIBAS, 2010).

A alteração promovida contra a Bélgica foi mantida até o fim da Copa, e o meio de campo tornou-se bastante sólido (RIBAS, 2010). Nos jogos finais, o Brasil se mostrou superior, possibilitando poucas chances aos adversários. Filho (2004) credita a vitória sobre a Alemanha na final à falta de criatividade da mesma, não tendo igual poder de improvisação do Brasil.



2.2.13 – COPA DO MUNDO 2006 – ALEMANHA

O Brasil chegou à Alemanha com amplo favoritismo. Essa condição foi alcançada pela conquista no ano anterior da Copa das Confederações, derrotando os anfitriões alemães na semifinal, e posteriormente seu grande rival, a Argentina, de forma categórica. Somado a isso, a Seleção Brasileira possuía um grande número de jogadores de alto nível técnico, o que fazia prever que, além da conquista do título, haveria um grande espetáculo protagonizado pelos até então campeões.

Com o início da Copa, o favoritismo começou a ser relativizado. Percebeu-se que a distância entre o Brasil e os principais adversários não era excessiva. Desde a estréia, o Brasil sinalizou que não conseguiria obter o título. Bons jogadores que não formaram uma equipe, um time sem esquema, sem técnico, sem inspiração, com performances aquém das expectativas, são relatados por Ribeiro (2006).

Segundo Ribas (2010), os problemas iniciaram na fase de preparação para o mundial, com ausência de treinamentos táticos secretos e amistosos contra equipes fortes. Até mesmo os treinos eram acompanhados por muitos torcedores, parecendo haver maior preocupação no fornecimento de espetáculo para o público, do que efetiva preparação.

Apesar de a equipe não atuar bem, o técnico Parreira insistiu em não realizar substituições e manter o esquema, denominado pela imprensa como “quadrado mágico”, composto por quatro jogadores de grande qualidade técnica, sem “magia” devido à reduzida mobilidade dos atacantes (RIBAS, 2010). A comissão técnica apostou nos jogadores mais experientes,

aguardando seu rendimento durante a competição. A rigor, o único setor que apresentou bom funcionamento foi a dupla de zagueiros (REZEK; XAVIER FILHO, 2006; RIBAS, 2010).

No terceiro jogo do Brasil, com a equipe já classificada, ocorreram várias modificações, e enfim a equipe atuou de modo satisfatório, principalmente no aspecto ofensivo, que melhorou sensivelmente sua movimentação. Curiosamente, a formação desse jogo contra os japoneses foi muito parecida com a utilizada na Copa das Confederações de 2005, conquistada pela Seleção (REZEK; XAVIER FILHO, 2006; RIBAS, 2010).

A eliminação da Copa ocorreu no jogo contra a França, alçoz da final de 1998. Finalmente, o técnico alterou o esquema, aparentemente por causa de parte da imprensa, excluindo um atacante e acrescentando um meio-campista. A atuação foi burocrática, com pouca movimentação, gerando uma mensagem subliminar de que venceria a qualquer momento, sem grande esforço. O Brasil, apenas nos minutos finais de jogo, tentou reagir após as substituições, que oportunizaram melhor movimentação à equipe (REZEK; XAVIER FILHO, 2006; RIBAS, 2010).

Segundo o técnico, a escalação da equipe não considerava os adversários e, por esse motivo, manteve o esquema até o final. Para Parreira, a eliminação foi creditada à falta de preparo físico e entrosamento da equipe. A Seleção Brasileira ficou sobrecarregada pelos espaços deixados pelos laterais e volantes (RIBAS, 2010).



2.2.14. COPA DO MUNDO 2010 – AFRICA DO SUL

Após o fracasso da Copa do Mundo anterior, os dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) optaram por um técnico com perfil de liderança, mas disciplinador. Foi escolhido para o cargo Dunga, campeão mundial como atleta em 1994, mas muito criticado por não possuir experiência como técnico de futebol. Apesar disso, em quatro anos de trabalho à frente da Seleção Brasileira, os resultados foram bastante convincentes: conquistou os títulos da Copa América e Copa das Confederações, além de terminar na frente nas Eliminatórias Sul-Americanas.

Às vésperas da Copa do Mundo, alguns dos principais jogadores apresentaram problemas físicos (casos de Kaká e Luis Fabiano), e não foram convocados jovens talentos considerados expoentes no Brasil, ainda não convocados anteriormente. O técnico Dunga optou claramente pelos atletas presentes no grupo desde o princípio da preparação e que, segundo o julgamento da comissão técnica, possuíam comprometimento com a Seleção Brasileira, ao contrário da Copa anterior em que vários jogadores demonstraram desinteresse em atuar pela equipe.

Segundo Ribeiro; Perrone (2010), Kfourri (2010) e Maia (2010), o Brasil apresentava uma equipe titular sólida, mas devido às opções da convocação, não possuía reservas à altura. Com as contusões durante o torneio, a situação agravou-se pela falta de alternativas para tentar mudar o jogo.

Devido aos equívocos na preparação do Mundial de 2006, optou-se por um regime fechado de concentração, indisponível ao público e à imprensa,

ocasionando grande insatisfação por parte da mídia. Fundamentalmente dentro do gramado, os jogadores demonstraram-se bastante instáveis emocionalmente (RIBEIRO; PERRONE, 2010; MAIA, 2010). Esse fato pode ser especulado devido ao total desequilíbrio demonstrado quando a equipe sofreu o primeiro gol contra a Holanda, onde o Brasil adotou estratégias incompatíveis com a situação do jogo, tentando acelerar o ritmo e de forma desorganizada, após um primeiro tempo quase perfeito (KFOURI, 2010).

A rigor, a partida contra a Holanda, que eliminou o Brasil, seria a primeira em termos de importância dentro da Copa do Mundo, já que a Coréia do Norte não era contemplada por bom nível técnico; a Costa do Marfim não apresentaria um jogo que definiria a situação do Brasil; com Portugal, o jogo foi praticamente um amistoso; o Chile era um adversário vencido em várias ocasiões pela Seleção (KFOURI, 2010). Contrariamente a isso, no sorteio da Copa do Mundo, o grupo do Brasil era considerado por muitos especialistas, um dos mais difíceis.

A preocupação da CBF com a organização da Copa do Mundo de 2014, que se realizará no Brasil, oportunizou a Comissão Técnica com uma autonomia excessiva, expressada na dificuldade de substituir a equipe durante os jogos e no trato com a imprensa (RIBEIRO; PERRONE, 2010).

2.3. ANÁLISE DE JOGOS

Na tentativa da aquisição de dados concretos e científicos, alguns métodos foram adotados para quantificar atividades em jogos de futebol e de outras modalidades, assim com analisar o posicionamento dos jogadores e estratégias técnicas adotadas.

Primeiramente se faz necessário distinguir os termos tática, sistema e estratégia de jogo. Vendite (2006), em estudo com técnicos e jornalistas, constatou que esses profissionais que atuam no futebol, constantemente, confundem o termo tática com sistema e estratégia de jogo. Para a autora, o sistema de jogo refere-se à distribuição dos jogadores em campo para o início da partida; estratégia de jogo é a movimentação dos jogadores dentro do sistema, tanto individual como coletivamente em consonância com os companheiros de equipe, podendo também ser consideradas as ações provenientes de bolas paradas tanto ofensiva quanto defensivamente; e tática é a concepção de jogo devidamente planejada, podendo ser aplicada em diversas circunstâncias, com a finalidade de alcançar os objetivos estabelecidos, levando em consideração as condições físicas e técnicas da equipe e do adversário, regras, regulamento, condições climáticas, local, arbitragem e dados estatísticos. A tática então fica reduzida a situações em particular, enquanto a estratégia é mais global.

Sendo assim, a tática está subordinada à estratégia de jogo, e ambos ao sistema de jogo.

2.3.1. SISTEMAS DE JOGO NO FUTEBOL

Vários estudos foram realizados utilizando o software *SKOUT* (BERGO, 1998) para determinar o posicionamento tático de grandes seleções.

Os sistemas de jogo e as ações com posse de bola da Seleção Brasileira de Futebol, nas finais das Copas do Mundo de 1958, 1962, e 2002, foram alvo do estudo de Paula (2008), permitindo verificar características de épocas distintas. Segundo a autora, os sistemas de jogo de 1958 e 1962 não

sofreram grandes modificações, entretanto o mesmo não foi constatado em relação a 2002, que apresentou grande variação, de forma bem mais compacta que as outras duas. Os números percentuais de ações técnicas foram similares, mas em números totais, passes, finalizações e dribles diminuíram, e as faltas aumentaram. Esses números indicam uma perda de qualidade e aumento do anti-*Fair Play*, porém as ações técnicas de drible e recepção de bola, para a Copa de 2002, atingiram 100% de aproveitamento, denotando um melhor controle de bola. Com relação às faltas cometidas, percebeu-se que as mesmas ocorreram no campo ofensivo nas Seleções de 1958 e 1962, enquanto que em 2002 as faltas ocorreram em seu campo defensivo.

Magalhães Junior (1999) analisou o sistema de jogo da França, campeã mundial de 1998, nos sete jogos por ela disputados. Apesar de reconhecer que o sistema de jogo, de modo isolado, não soluciona todos os problemas advindos da partida, o mesmo serve para visualizar o posicionamento de cada jogador quando participa efetivamente das ações com bola. Conclui-se que durante a competição, a França não utilizou um sistema de jogo fixo, sendo cada adversário enfrentado de uma forma diferente, característica essa de equipes consideradas de alto nível. Nos jogos considerados mais complicados, os laterais não efetuavam apoios demasiados e nenhum zagueiro posicionava-se mais à frente durante o jogo. Na final, disputada contra os brasileiros, a análise utilizando o programa revelou que sua atuação foi bem mais cautelosa, com até sete jogadores atuando, a maior parte do tempo, em seu campo de defesa.

Estudo semelhante foi desenvolvido por Guimarães (2002), tendo como objeto a Seleção Brasileira campeã mundial em 2002. Foram analisados os

sete jogos da vitoriosa campanha utilizando dois programas computacionais, o *SKOUT* e o *S-PLUS*, para determinar o posicionamento de cada jogador durante as partidas. Concluiu-se que houve variação do sistema de jogo ao longo das sete partidas devido a fatores como a equipe adversária, condicionamento físico e suspensão de atletas. Pode-se observar que os laterais, em geral, atuaram de forma bastante ofensiva, corroborando com o sistema de jogo 3-5-2, que atua com três zagueiros para liberar o apoio dos mesmos; as dificuldades defensivas apresentadas em jogos específicos são explicadas pelo espaço deixado em setores de defesa e meio campo, que deveriam ser ocupados por jogadores que atuaram fora de posição.

Ampliando a análise de Guimarães (2002), Marche (2006) comparou os sistemas de jogo utilizado pela Seleção Brasileira nas suas duas últimas conquistas durante os catorze jogos, utilizando como ferramenta os programas *SKOUT* e *MATLAB*. Pela análise do estudo ora relatado, é possível sugerir que não houve variação significativa no sistema de jogo durante a Copa do Mundo de 1994, ao contrário de 2002, momento no qual existiu bastante mudança e que o sistema de jogo dependeu principalmente dos jogadores que compuseram a equipe. De acordo com o estudo, as estratégias adotadas por Parreira, de 1994, não propunham mudanças, mantendo o mesmo desenho tático em todos os jogos, independente dos adversários. Com relação à Copa do Mundo de 2002, percebeu-se que o Brasil apresentou dificuldades defensivas nas quatro primeiras partidas devido aos espaços deixados entre o meio de campo e o ataque, porém, nos jogos seguintes, a equipe postou-se de forma bem compacta.

Nesse estudo, assim como nos anteriores, um fator limitante que pode ser apontado é a inclusão de apenas ações onde o jogador entra em contato com a bola, não considerando sua atuação sem ela. Também não são inclusas ações de jogadores que entraram no decorrer da partida, e que, por muitas vezes, alteraram o andamento do jogo. No caso do estudo de Paula (2008), há o agravante da comparação de épocas distintas, analisando apenas um jogo de cada período, o que pode não representar a realidade dos fatos.

Leitão (2009), em seu estudo sobre a complexidade do futebol em jogos da fase final do Mundial de 2006, denominou os sistemas táticos como “plataformas táticas”, ou seja, é um ponto de partida do posicionamento dos jogadores, pois ao observar as ações técnicas com bola fica difícil identificar o sistema utilizado pela equipe, com exceção do 4-4-2, quando defendendo. Mesmo quando as duas equipes que se enfrentam utilizam o mesmo sistema, o posicionamento se mostra diferente, denotando que a organização em campo das equipes está subordinada às circunstâncias do jogo, com uma equipe influenciando e sendo influenciada pela outra com relação à ocupação do espaço do campo. Percentualmente, a incidência das ações técnicas analisadas é semelhante, independente do sistema utilizado, porém há uma tendência do sistema 3-5-2 apresentar maior incidência de ações defensivas.

2.3.2. POSSE DE BOLA

O indicador de performance mais popularizado de jogos é a posse de bola. Segundo Lago; Martin (2007) existe significativa correlação positiva entre a habilidade de reter a posse da bola por tempo prolongado e o sucesso nas partidas devido a uma melhor qualidade técnica. Os mesmos autores

empreenderam estudo sobre esse indicador levando em consideração quatro variáveis (status, local, identidade da equipe e a do adversário) em 170 jogos da Liga Espanhola 2003/2004. As hipóteses defendidas pelos pesquisadores foram confirmadas no estudo. Segundo suas análises, o time que joga em casa apresenta mais posse de bola que o time de fora, sendo a diferença em torno de 6%; as equipes que estão perdendo tendem a possuir mais a bola; e as equipes mais fortes detêm mais posse de bola que as consideradas mais fracas. Adicionalmente, times diferentes parecem seguir distintas estratégias (reter mais ou menos a posse da bola), o que reflete o estilo individual do técnico, as características dos jogadores, formação da equipe e filosofia de jogo baseado na tradição. Dados similares foram obtidos por Lago-Peñas; Dellal (2010) na Liga Espanhola, constatando ainda que as equipes melhor classificadas têm uma variabilidade menor do tempo de posse de bola.

Fernandes (1994), em estudo realizado pelo observador técnico da Seleção Brasileira Jairo dos Santos, durante a Copa do Mundo de 1990, constatou que 33% dos gols foram anotados após jogadas de apenas dois ou três passes e que nenhum gol foi anotado após trocas de mais de vinte passes, denotando que retenção da posse de bola, tão valorizada por algumas equipes, não influencia no resultado do jogo. A velocidade é a chave do sucesso, pois 87% dos gols ocorreram em até sete passes, sendo que o tempo de conclusão do gol após recuperação da bola em até 15 segundos prevaleceu (60%). Observou-se que o contra-ataque e a verticalização do jogo são mais eficazes que a troca de passes laterais. Outras conclusões puderam ser tiradas, como a importância das bolas paradas (41%) e as jogadas pelas laterais (38%) na obtenção de gols. Devido a 69% dos gols terem se originado

em bolas recuperadas no campo defensivo, foi constatado que a marcação sob pressão no campo adversário não foi decisiva.

A posse de bola e faltas cometidas foram também objeto de estudo de Noguera (1980), efetuando a observação de 38 jogos das 1ª e 2ª divisão da Liga Espanhola. Dentre as conclusões óbvias como a de que as equipes da casa possuem mais posse de bola e cometem menos faltas, havendo maior posse de bola no 1º tempo, a maior posse de bola não pressupõe melhor resultado ou a possibilidade de maior número de gols.

Com a utilização cada vez mais eficiente de mecanismos defensivos, a manutenção da bola através de passes se torna fundamental. Hess (1980) desenvolveu pesquisa acerca do passe para trás como estratégia. Observou-se um percentual mais elevado desse tipo de passe entre jogadores profissionais quando comparados com categorias menores, em parte devido ao desconhecimento sobre a importância deste quando há impossibilidade de avançar. O passe para trás permite ganhar tempo e possibilita uma visão geral da jogada, propiciando ângulos mais favoráveis de finalização.

Uma das equipes mais representativas do início dos anos 90, sem dúvida alguma, foi o Milan da Itália. Costas (1994) realizou estudo sobre a posse de bola, qualidade dos passes e finalizações em amistoso contra uma seleção de estrangeiros. As reflexões sobre os dados obtidos permitiram concluir que o tempo de posse de bola e o maior número de passes não determinam claramente o resultado, fato esse comprovado pela evidência de que o volume maior apresentado pelos estrangeiros nesse fundamento foi de passes horizontais e para trás, não fornecendo prosseguimento ofensivo. A equipe do Milan, apesar do volume de jogo menor (38,25% de posse de bola),

apresentou também um número maior de passes verticais, o que acabou traduzindo-se em um número maior de finalizações. Essa verticalidade apresentada pela equipe italiana se efetivou nos três tipos de passes analisados (curtos, médios, e lançamentos).

López; Alcalde (2003) realizaram estudo que teve por objetivo determinar a influência do tempo de posse de bola no resultado do jogo. Foram analisados 380 jogos da Liga Espanhola 2000-2001. Uma série de variáveis apresentou correlação significativa com a posse de bola, tais como gols a favor (60%), balanço de gols (47%), finalizações (43%) e balanço de finalizações (40%). Os autores entendem que manter a posse de bola representa uma forma significativa de anotar gols e aumentar o número de finalizações. Entretanto, a não permanência excessiva com a posse de bola não implica em a equipe sofrer maior número de gols e finalizações.

O fato é que, nos últimos anos, a manutenção da posse de bola recebeu um grande alento com o sucesso da equipe do Barcelona, que tem como característica básica a retenção de mais de 60% de posse de bola em todos os seus jogos. As vitórias obtidas pelo time catalão foram repetidas pela Seleção Espanhola nas Copas Européia e do Mundo de 2008 e 2010, respectivamente, mantendo a mesma característica de jogo posicional, até porque a base da Seleção é o Barcelona.

2.3.3. AÇÕES OFENSIVAS E FINALIZAÇÕES

O futebol pode ser considerado um desporto diferenciado dos demais devido a sua dinâmica ofensiva *sui-generis*. É necessário um grande número de finalizações para a obtenção de um gol, o que o difere do basquetebol,

voleibol e handebol, por exemplo, onde a maior parte das tentativas é convertida em pontos. É explicável assim que, boa parte das pesquisas, sejam direcionadas para a observação e otimização das finalizações que redundam em gol.

2.3.3.a. AÇÕES TÉCNICAS

Segundo Fernandes (1994), a técnica é citada como a imagem ideal de uma seqüência de movimentos, ou seja, a eficiência e qualidade do chute no futebol serão definidas por todas as ações em cadeia que o precedem. Tem um papel decisivo em determinadas situações de jogo e estabelece estreita relação com os componentes físico e tático, não podendo estar dissociada dos mesmos.

Pesquisa realizada sobre ações ofensivas foi desenvolvida por Sledziewski; Ksionda (1983-A) através da observação de 39 jogos da Copa do Mundo de 1982 nos fundamentos finalizações, passes, cruzamentos, escanteios, e lances claros de ataque. Nos jogos entre equipes de qualidade diferente, houve clara superioridade nas ações ofensivas, nas quais, de cada 2-3 ações ofensivas, uma resultou em finalização.

As finalizações, durante 37 jogos da Copa do Mundo de 1986, foram observadas por Martin (1986). A Seleção Brasileira foi a equipe que mais finalizou, e teve como característica a boa seleção, baixo índice de chutes para fora e alto percentual de bolas a gol. A Argentina, campeã, apresentou um número de finalizações razoavelmente baixo (13ª entre todas as seleções), mas compensou selecionando bem, poucas bolas bloqueadas, e um dos melhores índices de aproveitamento à meta. Com relação à procedência das finalizações, houve um ligeiro predomínio de fora da área durante a primeira

fase, e que se acentuou nas fases seguintes devido à maior rigidez na marcação. Apenas 10,3% dos gols foram efetuados de fora da área, com a existência de significativa correlação entre o quociente de total de finalizações/gols e finalizações a gol/gols. As finalizações que predominaram nessa ocasião foram as rasteiras, porém, em termo de rentabilidade, se equiparam às bolas altas. As finalizações frontais e as ligeiramente anguladas apresentam valor similar em termos de gols efetivados.

Partridge et al. (1993) compararam os resultados obtidos através de uma análise por computador de duas competições mundiais de níveis de performance distintos: a Copa do Mundo e o mundial colegial de 1990. Foram encontradas diferenças significativas nos cruzamentos, perda de posse de bola, passes, e total de posses de bola. Para finalizações, não houve diferença. Os jogadores colegiais são menos habilidosos tecnicamente em passe e recepção de bola sob pressão, o que resulta nas frequentes mudanças de posse citadas acima. As seleções da Copa do Mundo criaram mais oportunidades de cruzamentos por jogo que os colegiais, o que é importante devido às inúmeras chances criadas, principalmente se executadas entre os defensores. Os dados obtidos ainda permitem afirmar que as equipes da Copa do Mundo poderiam aumentar a efetividade de cada posse de bola, usando técnicas de pressão para recuperar a bola em seu próprio ataque e meio de campo. A tática empregada pela maioria das seleções de recuar a marcação para seu campo reduz as possibilidades de penetrações ofensivas dos adversários e, conseqüentemente, cruzamentos e finalizações.

A década de noventa foi marcada pelo surgimento de equipes até então inexpressivas no cenário futebolístico, como foi o caso da Noruega. País de

pouca tradição, ganhou notoriedade ao derrotar a Seleção Brasileira por duas vezes, uma delas na Copa do Mundo 1998. A grande evolução dessa seleção é explicada pelos estudos empreendidos por Olsen; Larsen (1995) sobre o uso da análise de jogo pelos técnicos. São utilizados 16 parâmetros diferentes, quase todos eles baseados em ações ofensivas. Os autores entendem que a “fórmula da vitória” nunca será descoberta, pois o resultado depende da interação entre as duas equipes, porém o momento em que ocorre o gol é crucial para o andamento do jogo. Nas partidas analisadas, ficou evidente que o número de finalizações é uma medida mais confiável da efetividade de uma equipe do que o resultado em si. O estilo de jogo norueguês é baseado em um grande número de bolas paradas, e isso ficou demonstrado nos jogos estudados onde ela foi superior aos adversários em escanteios, laterais e faltas no campo ofensivo, denotando um estilo de jogo agressivo. Se considerarmos que, em boa parte do ano, a Noruega sofre com condições climáticas extremas, as análises dos jogos tem otimizado seus recursos limitados, conseguindo competir com as melhores seleções do mundo.

A investigação de Seleções vitoriosas nas Copas do Mundo é objeto de grande interesse. A tentativa de encontrar indícios que demonstrem como chegar à vitória é o que mais interessa. Luhtanen et al. (1995) utilizaram um novo sistema notacional para comparar o Brasil, campeão de 1994, e seus oponentes. Os resultados demonstraram que foi a seleção mais forte da competição, mantendo mais tempo a posse de bola, e criando, finalizando e anotando mais gols que os adversários. O autor entende que a posse de bola e a distância percorrida são a base para o sucesso no jogo de passe, notadamente no meio de campo. O alto número de tentativas e chances de gol

criadas tiveram início após interceptações no meio de campo, utilizando condução de bola, tabelas e jogadas individuais, e menos lançamentos, cruzamentos, lançamentos e bolas paradas que seus adversários.

A análise das ações técnicas de passes, desarmes, cruzamentos, finalizações e faltas foi objeto de estudo de Vendite et al. (2000) durante o Campeonato Brasileiro e Paulista. Os autores concluíram que cruzamentos e finalizações certas têm determinado, em muitas vezes, o resultado do jogo. Os acertos de finalizações e cruzamentos oscilaram entre 47,12 e 52%, 66,18 e 66%, respectivamente, no Paulista e Brasileiro. Ao contrário do que muitos pensam, a equipe que comete mais faltas normalmente perde o jogo, e há uma relação inversamente proporcional entre número de faltas e desarmes. O índice de acerto de passes no Campeonato Brasileiro foi de 85%.

Bankoff et al. (2005) avaliaram a performance do jogador de futebol profissional, traçando uma Curva de Evolução apresentando o percentual de acertos durante uma partida do Campeonato Paulista 1996, relacionando os fundamentos passe, desarme, cruzamento e finalização. Nenhum jogador obteve resultados estatisticamente melhor no segundo tempo, e os motivos elencados são, provavelmente, aquecimento inadequado, falta de preparo físico, inexperiência, descontrole emocional e despreparo psicológico. Os autores entendem que a quantificação das ações técnicas dos jogadores permite registrar a evolução da performance da equipe.

Cabezas (2002) realizou estudo quanto às ações mais relevantes e significativas da Seleção Espanhola nos seus cinco jogos na Copa do Mundo de 2002. As ações registradas foram bolas perdidas e recuperadas, bolas na área, finalizações e tempo de posse de bola. Os dados obtidos permitiram

concluir que a Espanha esteve num bom nível técnico, superando quase todos os adversários estatisticamente. O jogo que apresentou maior dificuldade foi aquele em que a equipe espanhola se viu superada claramente nas ações observadas.

2.3.3.b. AÇÕES TÁTICAS

Gayoso (1980-A) analisou 38 jogos da Copa do Mundo de 1978 analisando as finalizações quanto às regiões, concluindo que ocorreu maior número delas dentro da grande área (39%) e entrada da grande área (19%). Com relação às distâncias, houve predomínio das médias (52%), sendo que destas 49% resultaram em gol. No geral, o aproveitamento foi de 40% de finalizações dirigidas à meta. Um estudo técnico realizado pela FIFA (1980), durante o mesmo torneio, demonstrou que as equipes que mais atacaram, em geral, apresentaram mais êxito. A Seleção Brasileira apresentou melhores resultados ofensivos em todos os jogos, exceto na estréia e, apesar de não ter desenvolvido todo o seu potencial, foi a equipe mais consistente do Mundial. Os cruzamentos foram pouco explorados, mas quando realizados de forma rasteira e rápida foram bastante efetivos.

Resultados similares foram obtidos por Sledziewski; Ksionda (1982) em investigação da Copa do Mundo de 1982. Foi observado, nesse trabalho, que as diferenças entre as escolas européia e sul-americana diminuíram, se tornando uniformes, e o Brasil, mesmo estando nas primeiras colocações, foi caracterizado por índice de eficácia baixo nas finalizações, sendo que apenas quatro gols foram anotados na pequena área. A maior quantidade de finalizações ocorreu nos últimos 15 minutos de cada tempo de jogo, porém há

um aumento das finalizações erradas nesse período, provavelmente devido ao cansaço. A maior incidência de tiros a gol foi de meia-distância.

Aproveitando os dados de seu estudo obtidos na Copa do Mundo de 1978, Gayoso (1980-B) comparou-os com a Eurocopa 80, concluindo que houve uma diminuição das finalizações executadas de dentro da área devido a uma aglomeração maior de defensores na região, o que propiciou um aumento significativo de finalizações de longa distância. Observou-se também um aumento do número de finalizações por parte de jogadores não atacantes, indicando evolução nas exigências de todos os jogadores.

Wrzos (1981) analisou sete jogos das melhores equipes da Copa do Mundo 1978, enfatizando o jogo ofensivo: passes, ataque posicional ou rápido, jogadas individuais, tipos de finalização e causas da interrupção de ações ofensivas. Por seu estudo, a conclusão gerada foi que passes curtos são os mais empregados (75,9%), com a maioria das ações ofensivas se realizando de forma rápida (proporção 4:1); o ataque posicional sendo mais eficiente que o rápido (19,1% X 9,1%); e as ações mais eficazes contaram com participação do “líder” da equipe. Ainda nesse estudo, foi verificado que a maioria das finalizações ocorreu após 2-3 passes, sendo 3-4 passes mais eficazes para a concretização do gol, e os passes errados foram interpretados como os maiores causadores das interrupções de ataque.

Gayoso (1982) desenvolveu estudo sobre a forma de consecução dos gols durante as eliminatórias para a Copa do Mundo 1982. A principal característica dos gols brasileiros foram as bolas paradas. A Alemanha apresentou pouca frequência de gols de longa distância, enfatizando as combinações entre os jogadores, e a Itália obteve grande número de gols por

jogadas individuais. Em geral, houve uma superioridade na combinação de dois jogadores para anotar gols.

Sem dúvida alguma, a Seleção Brasileira de 1982 foi a que apresentou o futebol mais vistoso durante a competição. Segundo Navara (1983), o Brasil adotou um novo conceito de jogo ofensivo, que consistia em superar a defesa mais organizada, situando-se em regiões mais favoráveis para finalização através de jogadas individuais, deslocamentos sem bola, infiltrações, e criatividade. A Alemanha apresentou um conceito de jogo ofensivo, com combinações e aproveitamento de seus principais jogadores, e a campeã Itália se apoiou num forte sistema de jogo defensivo e ataque baseado em rápidos contra-ataques. De forma geral, a Copa do Mundo de 1982 apresentou uma tendência evolutiva no sentido do jogo coletivo tanto ofensiva como defensivamente, aproveitamento de todas as situações para realizar uma transição e deslocamentos rápidos, ofertando opção de passe.

Na tentativa de elaborar um modelo de jogo para uma equipe ideal de futebol, Sledziwski; Ksionda (1983-B) estabeleceram relações entre o número de finalizações e ações ofensivas, e o número de bolas perdidas, levando em consideração o tipo de jogo empregado pelas equipes, se posicional ou rápido, durante a Copa do Mundo de 1982, observando que há correlações significativas entre o resultado do jogo e os índices analisados na primeira fase da competição. Ficaram evidentes também as relações entre o nível das equipes e alguns indicadores como efetividade de jogo (relação ações ofensivas/bolas perdidas), número de bolas perdidas abaixo de 60, mais de 15 finalizações, e mais de 45 ações ofensivas. O caráter aleatório do futebol dificulta determinar fatores que influenciam o resultado final, fato esse que fica

evidente ao analisar que a Itália, campeã, não estava entre os primeiros em nenhum dos índices observados.

Tentando determinar as causas da diminuição do número de finalizações, Gayoso (1980-C) conclui que esse fato é devido a vários fatores como falta de liberdade dos jogadores, grande quantidade de defensores, especialização de poucos jogadores para finalizar, sistemas táticos pouco ousados, princípios táticos ofensivos não treinados, e preferência de muitas equipes em manter a posse de bola a finalizar, devido à incapacidade ofensiva e/ou de recuperar a bola.

Com relação aos gols, foram analisados 121 jogos da Liga Espanhola 80-81 por Gayoso (1981), levando em consideração o tempo, zonas, distâncias e jogadores executantes. Constatou-se que a maior parte dos gols ocorreu no 2º tempo (54,8%), 84,7% dentro da área, 14,4% de bola parada (faltas e penalidades máximas) e que quase 70% dos gols foram efetivados pelas equipes vencedoras.

Sledziewski (1987) analisou 132 ações de gol durante a Copa do Mundo de 1986, classificando-as em quatro tipos: posicional, rápida, bola parada, e posicional/rápida, e caracterizadas com os critérios de modo e lugar de início e término, tempo de duração e número de passes. Observou-se uma redução no número de gols, sendo a mais baixa da história até então, evidenciando o aperfeiçoamento defensivo; a maioria dos gols foi marcada depois de ações de caráter posicional, o que denota a necessidade de algumas variantes de resolução desse tipo de ataque e 84,1% dos gols foi anotado na faixa central na grande área e entrada da grande área. De acordo com esse estudo, o sucesso nesse momento foi maior com ataques partindo da própria defesa

(duração entre 10-15 segundos) e 3-4 passes, ao passo que ataques partindo do campo do adversário devem durar 5-10 segundos e 1-3 passes, com o máximo de 2-4 jogadores envolvidos. Segundo a análise do autor, a retenção excessiva da bola é ineficaz.

As estratégias utilizadas nas cobranças de falta perto da grande área foram analisadas por Uriondo (1987) durante a Copa do Mundo de 1986. O autor conclui que as estratégias não se mostraram eficazes nessa ocasião devido ao baixo número de gols obtidos por essa forma, creditando pouca convicção de que essa seja uma situação de gol clara. O Brasil, que, tradicionalmente, conta com grandes cobradores, não utilizou diferentes estratégias, abusando das finalizações de longa distância.

Em 1991, Alcaraz abordou o futebol daquela época só como atrativo para aficionados das equipes que se enfrentam, sendo monótono para os demais espectadores. As observações durante a Copa do Mundo de 1990 revelaram estilo de jogo conservador, a renúncia do ataque através da manutenção da posse de bola, e que a equipe que arrisca mais tem maiores possibilidades de perder, como um dos fatores para tal monotonia relatada. O autor supracitado entende que a Seleção Brasileira adotou esse estilo de jogo conservador devido à derrota em 1982, optando, assim, pelo chamado “futebol de resultados”.

Yamanaka et al. (1993) analisaram os padrões de jogo na Copa do Mundo 1990. Os resultados mostraram que as equipes britânicas construíram seus ataques a partir da defesa, utilizando lançamentos nos tiros de meta, além de dominar o jogo aéreo. As equipes européias utilizaram passes curtos, corridas e dribles para reduzir o risco de perder a bola. De forma geral, todos

os europeus atuaram de forma bem compacta pelo meio de campo. As seleções sul-americanas tiveram um alto índice de finalizações por cruzamentos. Camarões, que foi a grande sensação da competição, exibiu padrões similares aos sul-americanos, com grande número de finalizações. Contrariamente a isso, os africanos concentraram seu jogo a partir do campo de defesa.

Já Jinshan et al. (1993) concentraram seus estudos nas táticas utilizadas para a anotação de gols na 14ª Copa do Mundo. A tática de bola parada foi empregada com grande ênfase, sendo responsável por inúmeras chances de gol (32,2%); 27,8% surgiram de cruzamentos próximos da área, o que ajudou muito os gols de cabeceio (24,4%), enfatizando o jogo aéreo. Constatou-se um aumento de gols nos últimos 15 minutos de partida e que as equipes não apresentaram maiores intenções de atacar devido ao enorme número de defensores.

Luhtanen (1993) estudou o número de ações ofensivas e a eficiência delas relacionando com a classificação final das Seleções durante a Copa do Mundo de 1990. A Alemanha, campeã mundial, apresentou um elevado número de ações ofensivas, ataques sem perda de posse de bola, cruzamentos, finalizações e gols maior que todas as outras seleções. O padrão germânico de jogo baseou-se no ataque com corridas longas com a bola, ultrapassagens, apoio dos defensores e combinações de tabela. O pesquisador conclui que as equipes melhor classificadas criaram mais chances de gol do que as de pior classificação. A Argentina teve um padrão destoante, mas chegou à final apoiando-se numa forte defesa, um goleiro inspirado, e em dois atacantes de alto nível (Maradona e Cannigia). Os sul-americanos só foram

melhores em uma variável: as situações-padrão, o que de fato surpreendeu, pois, normalmente, são as seleções com maior criatividade.

A Copa do Mundo é reconhecida como a mais importante competição de futebol pela presença dos principais jogadores do mundo, e também porque é nela que culminam as grandes variações na forma de jogar das equipes (GAMA, 1991). Para Fernandes (1994), esta competição representa o que está ocorrendo no alto nível do futebol no mundo todo, em relação à tática e treinamento.

Outro estudo com dois grupos distintos foi empreendido por Bishovets et al. (1993) para jogadores das Olimpíadas de 1988 e da Copa do Mundo 1990. Os estudiosos analisaram a estrutura e a efetividade dos movimentos técnico-táticos, o que permitiria identificar fatores que afetam positivamente para o resultado do jogo. Os resultados mostraram que vencedores e perdedores não diferiram muito na efetividade na defesa, mas sim no ataque, com a criação de oportunidades de gol na grande área, e aproveitamento das situações críticas pelo ganho de bolas no campo de defesa adversário. É sugerida, na preparação para competições, uma atenção especial aos estágios finais da movimentação ofensiva e melhora no entrosamento da equipe.

Um país que evoluiu bastante no cenário futebolístico foi o Japão. Com a instituição de uma liga profissional, havia uma ambição em levá-lo, pela primeira vez, a uma Copa do Mundo. Dois estudos foram importantes para analisar o padrão de jogo dos orientais no intuito de detectar problemas. O primeiro deles (YAMANAKA et al., 1995) centrou-se nas Eliminatórias Asiáticas, onde os japoneses não conseguiram sucesso. Táticas de drible e passes no campo de ataque foram mais freqüentes que para os classificados

Arábia Saudita e Coréia do Sul. Número maior de finalizações foi maior para equipes vitoriosas. Concluiu-se que fazer mais passes não significa necessariamente grande habilidade de anotar gols; que equipes perdedoras tendem a usar mais as laterais do campo, e que o Japão necessitaria estabelecer táticas mais flexíveis no ataque e na defesa. O segundo (YAMANAKA et al., 2002) estudou os padrões de jogo dos japoneses durante três partidas na Copa do Mundo 1998. Os resultados demonstraram que o Japão utilizou a mesma tática de passes e dribles do estudo anterior, porém de forma menos freqüente que seus adversários, mostrando-se mais organizado coletivamente. Ainda continuou utilizando um estilo de jogo pouco criativo, baseado em “manuais”.

Garganta et al. (1995) analisaram os padrões de gols anotados em equipes de alto nível da Europa, descrevendo e comparando ações ofensivas positivas (ataques com gol) e de recuperação da posse de bola com finalização para definir padrões de jogo que possam ser associados com equipes bem sucedidas. Vários analistas identificaram que uma das principais características de equipes vencedoras é a capacidade de ganhar a bola no campo de ataque. Concluiu-se que os grandes times europeus, freqüentemente, recuperam a bola no campo do adversário, os gols anotados não ultrapassam 10 segundos, envolvem poucos jogadores (três ou menos) e com poucos passes (três ou menos). A eficácia de uma equipe parece depender especialmente da capacidade de mudar o ritmo de jogo, vários métodos de ataque, e aplicar diferentes estilos de jogo para surpreender o adversário.

Outro estudo sobre os padrões de anotação de gols foi desenvolvido por Abt et al. (1995) no futebol australiano, observando especialmente a

dependência do tempo de ocorrência dos mesmos. Há uma tendência ao aumento na frequência de gols com o progresso do jogo, e esse fenômeno é provavelmente devido a uma grande deterioração da condição física e lapsos de concentração. A primeira condição parece favorecer os atacantes sobre os defensores, e a segunda situação ajuda a explicar a incidência de gols antes do intervalo. A realidade climática dos australianos, com calor e umidade intensa favorece a anotação de gols nos finais de partida, principalmente nos cinco minutos finais, o que leva a estratégias de manipulação dietética e garantia de pré-hidratação adequada durante os jogos.

O sucesso e fracasso das Seleções participantes da Copa do Mundo de 1994 foi objeto de estudo de Garcia (1994), que analisou as estratégias desenvolvidas para a concretização dos gols. Constatou-se que 39% dos gols foram obtidos de bola parada e a média de gols por estratégia apresentou crescimento acelerado durante o Mundial, tornando-se, então, elemento decisivo. As principais seleções do Mundial conseguiram mais de um terço dos gols em jogadas estratégicas. O Brasil obteve mais de 40% dos seus gols com a utilização de bolas paradas. Seguindo mesma linha, ainda em 1994, Maudes (1994) objetivou determinar o que seria mais importante no jogo de futebol para potencializar o rendimento de uma equipe. Segundo suas considerações, partindo da premissa de que uma equipe já esteja formada, o mais importante seriam as movimentações e as idéias de jogo, ou seja, a tática seguida pela técnica do jogador.

A análise de gols da Copa do Mundo de 1994 foi também objeto de estudo de Castellano Paulis; Zubyaga (1995-a; 1995-b). Com relação à quantidade de gols distribuída em blocos de 15 minutos houve equilíbrio,

porém existiu um percentual elevado de gols obtidos nos acréscimos do 2º tempo. Mais da metade dos gols contaram com a participação de três jogadores, efetuando menos de dois passes, sendo que aproximadamente 84% foram originados no campo de ataque. A execução rápida das faltas, que é muito efetiva, foi pouco utilizada nessa Copa (ZABAL; VIVES,1996)

A participação do goleiro no início de ações ofensivas que terminaram em finalização ou perda da posse da bola foi objeto de estudo de Cabezón; Yagüe (1995). Foram analisados sete jogos a partir das quartas de final da Copa do Mundo de 1994, concluindo que a Alemanha foi a seleção que apresentou o maior potencial de ataque utilizando o goleiro, e o Brasil foi o selecionado com menor número. A ação do goleiro que proporcionou maiores chances de finalização foi o passe curto, enquanto os lançamentos resultaram, em sua maioria, na perda da posse de bola.

As ações ofensivas e defensivas dos goleiros também foram objeto de interesse de Romero (1999-a; 1999-b), analisando os goleiros das principais seleções da Copa do Mundo de 1998, em três jogos para cada um deles. No total, foram analisadas 30 partidas, observando-se que a maioria das ações é ofensiva (71,2%). O goleiro que menos atuou efetivamente foi o brasileiro, totalizando 25 ações defensivas e 79 ofensivas. Observado o tempo de jogo, ele fica quase sem atuar no 1º tempo, ao passo que, nos últimos 15 minutos, tem maior participação. Os dados apresentados indicam que a defesa brasileira foi armada para conter finalizações adversárias, e/ou o goleiro não obteve participação efetiva, haja vista o número de gols sofrido ser demasiadamente elevado.

A França, campeã da Copa do Mundo de 1998, também teve seu estilo de jogo analisado (GARCÍA,1998). Os franceses foram os melhores do Mundial, pois praticaram o futebol completo, tendo o domínio dos jogos, seja defendendo, atacando, contra-atacando ou no jogo estratégico. A equipe atingiu o posto de melhor ataque, obtendo gols de ataque posicional, contra-ataque e bola parada, baseando-se num estilo coletivo onde as individualidades foram sacrificadas em prol do grupo. Jogadores franceses expressivos foram excluídos da Copa do Mundo de 1998 por sua característica individualista.

Estudo com a intenção de analisar os aspectos mais importantes relacionados aos cruzamentos que terminam em gol foi realizado por Caballero (1999) durante a Copa do Mundo de 1998. Os gols obtidos dessa forma foram os que atingiram maior percentual (29,8%), sendo que a maioria deles surgiu a partir da intermediária, zona de ataque fora da área, e escanteios. A finalização normalmente foi realizada pelo atacante central, sendo a conclusão por defensores quase nula, com jogadas desenvolvidas em menos de cinco segundos, com o cruzamento proveniente do lado da área e dirigido à segunda trave. Nos escanteios, a consecução de gols foi mais efetiva na primeira trave. A maioria dos arremates foi de cabeça.

López (1999) realizou estudo comparativo das Copas do Mundo de 1994, 1998 e da Liga Espanhola 98-99 a respeito do desenvolvimento e finalização das ações ofensivas. Foi observado que apenas 8,7% das jogadas de ataque terminam em finalização, sendo que, destas, 26,56% terminam em gol. Os gols de bola parada nos mundiais representaram um terço do total enquanto, na Liga Espanhola, o observado foi de apenas 16,3%, ficando

evidente que esse tipo de jogada é estratégico e característico de Copas do Mundo.

A incidência de gols por tempo de jogo no Campeonato Brasileiro 2001 foi objeto de estudo de Leitão et al. (2003). Os autores entendem que o gol é o principal objetivo do futebol, e representa, em algum momento da partida, o desequilíbrio dos componentes resultantes da preparação de uma equipe. Foi observado que ocorreram mais gols no segundo tempo (54,1%), com maior frequência, no intervalo de 75 a 90 minutos, sendo que houve diferença significativa entre os grupos de melhores colocados e rebaixados, havendo maior incidência de gols, para essa faixa, entre os primeiros colocados do campeonato, assim como no início de cada tempo de jogo, sugerindo que as melhores equipes apresentam como característica o menor tempo gasto para atingir um melhor rendimento técnico, físico e tático dentro da partida. A ocorrência da maioria dos gols nos finais de jogo parece ser devida ao desgaste físico ou diminuição do nível de atenção.

Saes et al. (2007) analisaram os 18 gols anotados pela Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2002. A maior incidência de gols foi no segundo tempo (61,1%), sendo que os mesmos ocorreram nos 30 minutos iniciais. A rota mais utilizada pela Seleção Brasileira foi roubada de bola no campo de defesa, pelo corredor central. A média para conclusão da jogada durou em mais ou menos 17 segundos com a participação de aproximadamente cinco jogadores.

Levando em consideração variáveis chutes a gol e nível das equipes, e variáveis modificadas como finalizações e escanteios por posse de bola, Papahristodoulou (2008) analisou 814 jogos do Campeonato Europeu de

clubes (UEFA CHAMPIONS LEAGUE). O autor considera que é difícil determinar com certeza que variáveis explicam vitórias e derrotas nas competições, mas são importantes parâmetros como as condições atmosféricas, as decisões da arbitragem, as decisões táticas dos técnicos e a sorte. No entanto, baseado na significância de correlações do presente estudo, podem-se derivar algumas implicações práticas. As finalizações são uma variável consistente para anotar gols, demonstrando forte correlação. Desse modo, observou-se que tanto equipes que jogam em casa como fora têm maiores probabilidades de vitória finalizando mais que o adversário. As punições, como expulsão e faltas cometidas representam um fator importante para o resultado do jogo na medida em que equipes faltosas e com número de jogadores reduzido tendem a finalizar menos. A tática de colocar jogadores do time de fora em impedimento é um recurso que deve ser adotado com cautela porque surgem muitos gols dessa forma. No entanto, quando os atacantes são pressionados, eles tendem a finalizar de posições desfavoráveis. As equipes de melhor nível técnico vencem mais jogos, independente de jogarem em casa ou não. A manutenção da posse de bola deve ser mantida, porém só tentar a finalização quando surgirem situações favoráveis. Embora o número de escanteios seja entendido como um indicador de jogo ofensivo, foi encontrada uma correlação negativa entre gols e escanteios conquistados, ou seja, há um aumento de chutes para fora, sem contar que, em muitos desses escanteios, há um risco tático aumentado pelo avanço de defensores altos para tentar o cabeceio, deixando espaços que poderiam ser aproveitados pelo adversário, levando à conclusão de que é melhor trabalhar a posse de bola do que alçar a bola na área. Outra conclusão curiosa baseada nas correlações é que é

interessante permitir a posse da bola para as equipes de fora, pois as mesmas finalizam menos nessa situação.

Os detalhes do jogo de futebol, sendo de conhecimento dos técnicos, servirão de base para o processo de treinamento mais próximo da realidade (GODIK, 1997). A análise dos jogos dos últimos mundiais tem mostrado que os esquemas táticos utilizados levam em conta o modelo do adversário. O autor entende que o sucesso de uma equipe depende do número de gols marcados e, por isso, vários pesquisadores tem dado atenção a analisar a forma como os gols são anotados no alto nível. Ficou claro que os gols não só são marcados, em sua maioria, no segundo tempo como também no final dele. Contrariamente a isso, o número de ações técnico-táticas coletivas diminui no segundo tempo. No estudo do Mundial de 1982, grande número de gols foram anotados de bola parada ou contra-ataques rápidos; em campeonatos da Europa, 87% dos gols acontecem após roubo de bola no campo adversário. A chance de marcar gols é sete vezes maior se a bola for recuperada no campo de ataque. As ações técnico-táticas ofensivas se mostram mais efetivas com um máximo de até cinco toques, pois há uma diminuição da quantidade de gols anotados após demorada troca de passes. Diante do exposto, fica evidente que há duas concepções de jogo, que são o ataque rápido, e o ataque posicional (lentidão na troca de passes). Dessa forma, Godik (1997) orienta a tática adequada para conquistar vitórias: roubo de bola no ataque e imediato contra-ataque, e controlar a posse de bola na defesa excluindo possibilidade de perdê-la. Utilizando esse estilo de jogo, os russos conseguiram um número maior de finalizações, pressionando o adversário, do que em jogos anteriores onde realizavam uma defesa passiva, esperando o erro do oponente.

Na tentativa de determinar quais fatores são decisivos para obter vitórias no futebol, Szwarc (2007) analisou as ações técnico-táticas de finalistas de sete jogos do Campeonato Europeu de clubes. Ficou demonstrado que as finalizações e uma ação efetiva do goleiro são fatores que fazem a diferença entre equipes de sucesso e perdedores. As equipes bem sucedidas são melhores, particularmente em alguns elementos que demonstram uma maturidade técnica e tática, e grande competência em ações individuais. Os resultados mostraram que o número de finalizações foi similar entre os dois grupos, mas a efetividade foi três vezes maior para os vitoriosos, assim como estes têm maior eficiência em passes em situações difíceis. Levando em conta que o ponto crucial numa competição é anotar gols, as equipes bem sucedidas adotam primeiramente técnicas e táticas simples na defesa para não perder, deixando, muitas vezes, a iniciativa para o oponente, roubando bolas durante o ataque adversário, e chutando para fora em situações de um contra um. A perfeita cooperação entre os defensores facilita o trabalho do goleiro.

Outro estudo de Szwarc (2004) tentou indicar fatores de efetividade no futebol comparando os finalistas da Copa do Mundo 2002, Brasil e Alemanha, com as seleções enfrentadas por eles. Foi provado que uma eficiência maior em poucos elementos, que indicam uma maturidade técnica e tática e alta competência em ações individuais, como finalizações, bons passes e desarmes em situações de um contra um, são fatores que fazem a diferença entre equipes de sucesso e fracasso. O autor entende que é difícil precisar fatores de vitória e derrota, porém é possível determinar os fatores de efetividade na performance de competição. O número de finalizações entre os dois grupos foram similares, mas a efetividade dos finalistas foi três vezes maior. Em

relação à defesa, Brasil e Alemanha foram melhores nos desarmes e bolas afastadas com ameaça de gols. Foi observado que, geralmente, equipes vencedoras deixam a iniciativa ao adversário, forçando-o a uma posição de ataque estéril e posse de bola em situações sem perigo, utilizando métodos técnicos e táticos simples, diminuindo as ações do goleiro pela excelente cooperação de até oito defensores.

As 64 partidas da Copa do Mundo de 2002 foram analisadas quanto a sua dinâmica goleadora (Folgueira, 2003), constatando uma predominância da técnica coletiva (64,7%) sobre as jogadas individuais (32,2%). A maioria absoluta dos gols de combinação envolveu apenas dois passes. O autor entende que o ritmo de jogo e a posse de bola se manifestam favoráveis se forem mantidos no campo do adversário. Observou-se um aumento paulatino do jogo aéreo a partir do Mundial de 1982, chegando ao índice de um gol a cada quatro obtidos.

Suárez; Sanjurjo (2004) observaram 118 ações ofensivas em 12 jogos da equipe do Deportivo La Coruña pela Liga Espanhola 2000-2001 para estabelecer padrões ofensivos. Conclui-se que 66,7% dos ataques iniciaram após recuperação da posse de bola, denotando que a equipe baseia seu jogo ofensivo no trabalho defensivo. O número de passes efetuados para obter uma finalização é dois, com início da seqüência ofensiva na intermediária ofensiva em decorrência da marcação sob pressão no campo adversário. As finalizações, em sua maioria, ocorrem na área e entrada da grande área (62,5%), sendo que a equipe se caracteriza pela utilização dos corredores centrais tanto para finalizar quanto para realizar o último passe.

As jogadas de bola parada apresentam importância considerável no futebol moderno, visto o elevado número de gols provenientes desse tipo de lance. Armatas et al. (2007) investigaram os 64 jogos da Copa do Mundo de 2006, concluindo que 32,6% dos gols ocorreram de bolas paradas, sendo que 41,6% ocorreram no primeiro tempo e 58,4%, no segundo tempo ($p < 0.05$). Dos gols de bola parada, 26,7% foram de escanteios, 33,3% de faltas, 33,3% de pênaltis, e 6,7% de laterais, a maioria deles anotados de dentro da área. Conclui-se que os técnicos devem focar os treinamentos de bola parada nos aspectos, tanto ofensivo, quanto defensivo.

Tem-se observado na evolução das Copas do Mundo uma diminuição gradativa da média de gols. Há cada vez mais o interesse em entender a maneira como os gols são conseguidos. Folgueira (2007) realizou estudo sobre a Copa do Mundo de 2006 para determinar o tipo de estratégia adotada no ataque. Observou-se uma prevalência do contra-ataque como nova perspectiva do futebol de alto rendimento. Dos 147 gols anotados no Mundial, 41,5% foram de jogadas de estratégia, 35,37% de contra-ataque, e apenas 23,13% de ataque posicional. A jogada de bola parada se destacou bastante, tanto cobrada direta quanto realizada de forma coletiva. O grande aumento da participação do contra-ataque na obtenção de gols levantou dúvidas sobre o conceito da posse de bola como forma de jogo. Os ataques tem sido curtos (um a três passes) e com participação de poucos jogadores. O autor entende que é um erro imaginar que só quem joga de forma ofensiva consegue mais gols ou ganha jogos.

Resultados mais sólidos sobre o jogo de contra-ataque foram apresentados, durante o Campeonato Europeu de Seleções 2008, em pesquisa

de Folgueira (2008). Dos gols anotados durante a competição, 55,84% foram de contra-ataque, 29,87% de estratégia, e apenas 14,28% de ataque posicional. Enquanto a eficácia dos passes repetiu os dados do Mundial de 2006 (um a três passes), a eficiência das bolas paradas sofreu um decréscimo, indicando a necessidade de aperfeiçoamento desse tipo de jogada.

2.3.4. AÇÕES DEFENSIVAS

As atividades defensivas têm sido apontadas como fundamentais na atualidade. É por esse motivo que estudos científicos averiguando comportamento defensivo também vêm sendo desenvolvidos.

2.3.4.a. AÇÕES TÉCNICAS

As bolas perdidas foram objeto de estudo de Ksionda; Sledziewski (1983-A) durante a Copa do Mundo de 1982. Os dados coletados permitiram concluir que o maior número de bolas perdidas ocorreu por passes errados com participação do adversário, e que o aumento desse dado somado à redução das bolas perdidas sozinho atestam a melhora no nível técnico e da agressividade da marcação das equipes. A variação apresentada do número de bolas perdidas, dependendo do nível técnico do adversário, pressupõe o maior emprego do jogo posicional. No início de cada tempo de jogo, as perdas de bola foram maiores denotando preparação física e psicológica insuficientes. Particularmente, a Seleção Brasileira, comparada com as seleções finalistas, contou com um número mais elevado de bolas perdidas.

Rubio (2005) realizou um estudo comparativo das Seleções Brasileiras que disputaram as finais das Copas do Mundo de 1998 e 2002, quanto ao trabalho defensivo efetuado contra o atacante com bola. Houve diferenças

significativas em todas as ações defensivas analisadas (pressão sobre o passador e receptor com um, dois e três jogadores; interceptações próximas e distantes do passador e/ou receptor). A maioria dos indicadores apontou que o Brasil de 2002 superou amplamente o Brasil de 1998 e a Seleção Espanhola de 2002. O número de ações defensivas superior se deu na intermediária ofensiva, enquanto na Copa do Mundo de 1998, ocorreram principalmente na zona defensiva, com o detalhe de que a maior parte das ações do selecionado brasileiro de 1998 ocorreram no 2º tempo quando a equipe já perdia por 2x0. A maioria das ações defensivas de pressão que se produzem sobre o receptor (62,97%) contra o passador (32,02%) indica a importância da antecipação defensiva para neutralizar o passe, sendo que as ações com apenas um defensor são as de maior ocorrência (< 80%). Conclui-se que parece existir certa relação do rendimento de uma equipe com a capacidade de neutralizar passes, assim como o possível potencial para iniciar o jogo ofensivo depois de recuperar a posse de bola.

2.3.4.b. AÇÕES TÁTICAS

Em estudo sobre a Copa do Mundo de 1978 (FIFA, 1980), foram observados alguns aspectos relacionados ao comportamento defensivo das seleções. A grande maioria manteve uma defesa sólida com até oito jogadores atrás da linha da bola, sendo essa uma estratégia efetiva para anular os ataques adversários. A marcação na saída de bola com até sete jogadores, empregada por equipes como a Holanda, apresentou grande risco, dependendo da capacidade volitiva e habilidade dos atletas para efetuar a linha de impedimento. Foi uma Copa do Mundo marcada pela adoção de um estilo de jogo cauteloso, o que tornou o espetáculo pouco atrativo, onde a ênfase foi

dada em anular o jogo do adversário confiando nos contra-ataques para anotar gols.

A recuperação da posse de bola no campo defensivo foi objeto de estudo de Grehaigne et al. (1995). Os autores concluíram que é possível estabelecer regras sobre o funcionamento de uma boa recuperação de bola na zona defensiva. A defesa deve estar em bloco ou numericamente balanceada; e quando a bola está em jogo, um defensor fixo é inútil. Essas regras devem ser aplicadas com número reduzido de técnicas defensivas e em áreas específicas do campo, devendo conhecer que regiões devem ser protegidas primeiramente, e, do ponto de vista do ataque, que tipos de ações retardam os defensores. Velocidade de corrida e de execução são fatores muito importantes para o jogo. Ao analisar o jogo, é interessante saber de forma específica quais ações coletivas e individuais induzem o jogador que está com a bola a adotar escolhas táticas pobres ou execuções técnicas ruins.

Galán; Alonso (1994) analisaram os sistemas de jogo empregados, táticas utilizadas, características, tipo de jogo, classes de cada selecionado, mentalidade e resumo das partidas das oito melhores seleções da Copa do Mundo de 1994. Os autores concluíram que a maior parte dos gols ocorreu no 2º tempo, particularmente nos finais de cada tempo de jogo, e que chegam às finais as equipes com grande estrutura defensiva.

A Copa América é o torneio de seleções mais antigo do mundo. Galán; Alonso (1995) realizaram observações sobre as táticas aplicadas por todas as Seleções, concluindo que houve predomínio do jogo coletivo, ocorrendo uma adaptação do futebol sul-americano ao estilo de jogo europeu, em que todos os

jogadores correm por longas distâncias e pouco criam, por enfatizarem a pressão na tentativa de recuperar a bola.

A constatação observada anteriormente sobre uma homogeneização das seleções dos diversos continentes foi constatada também por Galán (1998) a respeito dos sistemas de jogo utilizados pelas equipes durante a Copa do Mundo de 1998. Basicamente, utilizaram-se os sistemas 4-4-2 e 3-5-2, nos quais as variações dentro dos mesmos levavam em geral um dos jogadores de meio de campo a jogar à frente da defesa, demonstrando que a maior parte das equipes se preocupou em demasia com o setor defensivo, imperando o planejamento tático e inibindo os destaques individuais.

2.3.5. ESTUDOS COMPLEXOS: ANÁLISES QUANTITATIVAS E QUALITATIVAS

Garganta (1997) realizou dois estudos exploratórios sobre a fase ofensiva de equipes de níveis diferentes. No primeiro, analisando vinte jogos de dois grupos com distintos níveis competitivos, foram observadas 260 seqüências ofensivas com finalização. Para isso, foi utilizado um modelo mais restrito, como em grande parte dos estudos, onde o entendimento do fenômeno centra-se apenas nos dados obtidos. Nesse caso, foram analisados o número de jogadores que participam da jogada, número de passes, número de contatos com a bola pelo finalizador e assistente, número total de contatos com a bola, número de bolas recebidas, tempo de realização do ataque, velocidade de transmissão da bola e número de bolas jogadas. Apesar dos resultados apresentarem significância estatística, o pesquisador considerou que os

mesmos não podem fornecer uma imagem relevante dos acontecimentos do jogo, o que o levou a partir para uma segunda alternativa de análise.

Em segundo estudo de Garganta (1997), foram realizadas análises de seqüências de unidades táticas em equipes de alto rendimento, em quatro jogos de Copa do Mundo e Europeu de Seleções, com base em sua eficiência ofensiva. Nesse caso, o embasamento foi efetuado em três dimensões fundamentais: tempo (tempo de jogo decorrido, tempo de realização do ataque, e velocidade de transmissão da bola), espaço (local de recuperação da bola, espaço de jogo efetivo, e número de variações do corredor) e tarefa (forma de recuperação da bola, número de contatos com a bola, alcance e direção dos passes, número de variações de passe, número de jogadores que tocam a bola, número de bolas recebidas, roubadas e jogadas). Foram ainda registradas as seqüências ofensivas quanto ao êxito, número de variações de ritmo nas ações de jogo, ação de ruptura (desequilíbrio no balanço ataque-defesa), método de jogo, contra-ataque, ataque rápido, ataque posicional, tipo de organização defensiva, marcação sob pressão. Segundo Garganta (1997), a eficácia das equipes está associada à variação das ações ofensivas bem como às variações de corredor, tipo de passe e ritmo de jogo. Ações simples como lançamentos podem provocar rupturas no equilíbrio ataque-defesa. A interceptação se mostrou a forma mais vantajosa na eficácia ofensiva e a velocidade do ataque não está obrigatoriamente associada à superioridade na eficácia.

Em 2004, Leitão realizou análises qualitativas e quantitativas para estabelecer modelos de sistemas complexos de jogo. Para isso, utilizou 61 jogos do Campeonato Brasileiro e Copa do Mundo, ambos de 2002. Foi

analisado o espaço de jogo, de acordo com a localização e forma das ações, e mais 17 variáveis das quais é possível destacar as zonas preferenciais de desarme, frações temporais de importância do jogo, situações de importância no jogo e forma de recuperação da posse de bola, dentre outros. De acordo com os dados observados nesse estudo, o meio de campo ofensivo se mostrou mais vantajoso como local de recuperação da bola, sendo que o desarme se mostrou mais eficiente para criar situações de ataque, e as faltas cometidas parecem mais perigosas quando ocorrem no setor defensivo. O caminho que, segundo o estudo, parece mais plausível para a obtenção do gol, seria um desarme na zona ofensiva, pelas laterais do campo, com participação de três jogadores com quatro passes entre si, alternando os setores do campo, com um tempo máximo de vinte segundos, culminando com uma finalização correta, no segundo tempo do jogo.

A variabilidade do jogo de equipes em diferentes mundiais foi objeto de estudo de Castellano Paulis et al. (2008), que registraram os contextos de interação desenvolvidos por diferentes equipes que participaram da fase final dos mundiais de 1998, 2002, e 2006, perfazendo um total de 58 jogos, e considerando quatro facetas: mundial, resultado, zonas de campo e contextos de interação. Foi utilizado o programa SOCCAF v2.2 vídeo para observação das ações de jogo no futebol. Apesar da média de gols apresentar paulatina diminuição, indicando mudanças no jogo, este estudo comparativo entre os mundiais não permitiu concluir que houve alterações nesse intervalo de oito anos, pois a variância foi de apenas 1%.

A posse de bola tem sido alvo de inúmeros estudos. Castellano Paulis et al. (2007-A) procederam à análise das posses de bola no Mundial de 2006 a

partir de uma amostra de 5 jogos, que foram generalizados para os 64 jogos da competição. Com o programa *Match Vision Studio v 1.0*, foi possibilitada a codificação das seqüências de posse de bola durante cada jogada com a “bola em jogo” desenvolvidas pelas equipes, assim como o tipo de interrupção regulamentar para as “bolas paradas”. Os resultados mostraram que o percentual de bolas em jogo, com uma ou sem posse de bola, tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, indicando que, em grande parte, as equipes iniciam sua posse de bola a partir de bola parada. Os autores entendem que isso é motivado pela exigente realidade competitiva, somada aos avanços na investigação, melhora do treinamento e o emprego de meios tecnológicos que obrigam técnicos e jogadores a adotar comportamento conservador durante os jogos, baseado no equilíbrio defensivo, deixando em segundo plano a tentativa de vencer.

Corroborando essa idéia estratégica de primeiramente defender, Castellano Paulis et al. (2009) estudaram a importância de marcar gol primeiro e os efeitos no resultado final da partida. Parece lógico que, com o marcador favorável, a equipe adote uma forma diferente de jogar, permitindo ditar o ritmo, enquanto a equipe em desvantagem se arrisca mais para tentar um empate na partida. Foram analisados e classificados os 708 jogos das Copas do Mundo entre 1930 e 2006, utilizando dados oficiais da FIFA. Observando a evolução do futebol através das Copas do Mundo, pode-se afirmar que as mudanças se apóiam principalmente na disposição tática das equipes, com poucas variações durante as partidas e reduzido número de gols, ressaltando a importância da equipe em abrir o placar. Sugere-se a existência de 21% de chances da equipe que sai na frente de perder, e esse percentual vai diminuindo paulatinamente

com o passar do tempo de jogo, ao ponto de no minuto 60 as possibilidades se tornarem escassas (<5%). Se a vantagem é obtida no primeiro tempo, os percentuais são mais elevados.

Esses achados vêm reforçar a análise empírica do futebol realizada por Palomino et al. (1998), que constataram que as habilidades, o placar de momento e a vantagem de jogar em casa são variáveis significantes para determinar o resultado do jogo. A equipe que está perdendo é relativamente mais provável que faça gol, pois ataca mais, assim como a que está ganhando adote uma postura mais conservadora, principalmente quando a partida se aproxima do final. Quando o jogo está empatado, ambos atacam. Normalmente, a equipe que sai ganhando é aquela que assume a iniciativa do jogo.

Reep; Benjamin (1968) estudaram a probabilidade de anotar gols através de seqüências de passes em equipes do futebol inglês e Copas do Mundo, totalizando 578 jogos. Os resultados mostraram que, com raras exceções, são necessárias dez finalizações para a concretização de um gol; 50% dos gols são originados próximos da grande área e que 1/3 dos ataques são oriundos dessa região, sendo que 50% são originados de recuperação da bola por falhas na troca de passes da defesa; desses, 30% levam à finalização; 15% dos ataques que chegam às proximidades da área levam a finalizações e 22% dos ataques originados dessa região levam a finalizações; aproximadamente 40% das seqüências de ataque não chegam a ter nenhum passe, e se forem englobadas seqüências de ataque com dois ou menos passes, o valor chega a 83%. A interpretação bruta desses dados levou as equipes da Grã-Bretanha a adotarem um estilo de jogo denominado “jogo

direto”. Os autores entendem que um grande número de finalizações não garante que a equipe vença, mas que as convicções acerca da construção de um estilo de jogo de sucesso estão fundadas na busca do aumento do número de finalizações. Contudo, o futebol parece ser dominado pelo acaso, assim como em outros jogos similares com bola.

Hughes; Franks (2005) ampliaram a análise do estudo de Reep & Benjamin (1968), analisando as seqüências de passe que levaram a gols nas Copas do Mundo de 1990 e 1994, totalizando 116 jogos, a partir das quais confirmou-se o observado na pesquisa anterior. Entretanto, cabe ressaltar que, quando os dados foram normalizados quanto à freqüência dos respectivos comprimentos dos passes, ocorreram mais gols em seqüências mais longas que curtas para equipes vitoriosas. Diante desses dados, os autores entendem que a principal dificuldade dos técnicos é a de determinarem, com exatidão, o nível técnico de suas equipes para adotar a tática adequada. O estilo de “jogo direto” é exeqüível apenas para equipes com limitações técnicas, pela dificuldade de manutenção da posse de bola.

Para medir a efetividade das estratégias no futebol, Pollard; Reep (1997) estabeleceram uma variável quantitativa representando a probabilidade de um gol ser anotado, subtraindo a possibilidade de conceder um. Para isso, é proposto o conceito de rendimento a partir da posse de bola, levando em consideração a região (campo dividido em seis partes no sentido lateral) e tipo (bola parada, e bola em jogo). Foram analisadas 5844 posses de bola na Copa do Mundo 1986. Cruzamentos da linha de fundo (região 6) rasteiros atingiram alto índice de probabilidade de gol (96,6%), assim como laterais cobrados na boca do gol (21,7%). Na intermediária ofensiva (região 4), a estratégia mais

efetiva é o lançamento (23,1%), sobrepujando passes curtos (11,1%) e dribles (16,3%). Tiros de meta em forma de lançamento (-2,7%) e laterais em seu próprio campo cobrados de forma curta (-0,2%) são estratégias que aumentam o risco de sofrer gols.

Tentando compreender a dinâmica do futebol, Castellano Paulis et al. (2007-B) codificaram e registraram 12 partidas do Mundial 2006, utilizando o Sistema de Observación de La Acción en El Fútbol (SOCCAF v2.2), o que permitiu conhecer o desenvolvimento de jogo pela conduta gerada pelos jogadores, levando em consideração a dimensão temporal das condutas e contextos de interação pela posição de origem, e como ocorrem durante o jogo. Para estimar se as condutas ocorridas respeitaram dada cadência, realizou-se a técnica de retardo, que permite estabelecer se sua presença ou ausência segue transições que se repetem com assiduidade, o que permite configurar padrões de conduta. Os resultados mostraram que, em contextos de interação marcadamente defensivos, há maiores probabilidades de transitar para contextos similares de componente defensivo, o mesmo ocorrendo para os componentes do meio-campo e ofensivo, levando à interpretação de que, por baixo da aparente desordem do futebol, coexiste uma lógica intrínseca de funcionamento; jogar futebol obriga jogadores e equipe a usar caminhos habituais ou permanentes de jogo.

O tipo de conhecimento supramencionado, permite ao técnico desenhar novas tarefas de treinamento, e aos jogadores, dispor de um “guia” de jogo dinâmico, o que é denominado a “probabilidade do possível”, permitindo-lhes antecipar, apontando as decisões motrizes mais eficientes.

Borrie et al. (2002), tentando compreender as interações complexas de eventos que ocorrem durante uma partida de futebol, contrapondo-se aos métodos de análise quantitativa, utilizaram T-pattern detection (padrão de detecção T) em 13 jogos de futebol (quatro de equipes inglesas e nove internacionais). Os resultados desse estudo mostraram que é possível identificar perfis de jogadores e equipes baseados na análise de padrões de comportamento temporais.

Não há como negar que o acaso é sempre reportado no futebol para explicar a ocorrência de resultados inesperados. Lago (2005) utilizou uma metodologia baseada na regressão linear e comparação das médias na Liga Espanhola 2003/2004, estudando os efeitos do rendimento e acaso na posição ocupada pelas equipes na classificação nas rodadas 3, 5, 10, e 17. O rendimento da equipe foi calculado somando o número de finalizações que uma equipe conseguiu, subtraindo-se dele o número de finalizações contra sua meta. Os resultados sugerem que o acaso é relevante na explicação do resultado das equipes numa única partida, mas, a partir de uma certa quantidade de jogos, o rendimento é fator determinante para ocupar as primeiras posições. Até a décima rodada, o rendimento não mostrou diferença significativa para explicar a classificação. Arnold & Davis (1973) consideraram provável que a equipe que joga o melhor futebol numa Copa do Mundo vença ou, pelo menos, atinja a fase final, porém, de muitas maneiras, o Mundial é injusto e favorece as Seleções que jogam em casa. Entretanto, apesar do sistema eliminatório provocar resultados surpreendentes, não tendo as duas melhores equipes na final, é improvável que equipes limitadas tecnicamente cheguem a esse posto.

O fator “jogar em casa” tem sido alvo de interesse de muitos pesquisadores. Um estudo foi realizado por Brown et al. (2002) incluindo 3914 jogos de 32 seleções internacionais para descobrir o efeito da vantagem de jogar em casa. Os resultados mostraram, de forma consistente, que as equipes de futebol venceram 64% dos jogos em casa, e que as que não aproveitam a vantagem de atuarem em seu campo não chegam às fases finais das competições. Há um pequeno efeito no fator viagem, que atinge atletas de todos os níveis técnicos. Aspectos como a importância do jogo e familiaridade com o estádio não parecem afetar o resultado do jogo, mas os pesquisadores entendem que a língua, cultura, e comida podem ser mais importantes. Interessante observar que, após um estudo com tão grande número de jogos, não foi levada em consideração a variável arbitragem.

As Copas do Mundo até 2006 apresentaram, praticamente, campeões apenas em seu próprio continente. O único campeão em solo europeu foi o Brasil em 1958, sendo que as Seleções Européias jamais haviam vencido em ambiente externo. Parte disso era creditado às condições climáticas, sendo, por exemplo, complicado para Seleções Sul-Americanas enfrentarem o rigor dos campos na Europa, muitas vezes, sob chuva e frio intenso, enquanto, para as Seleções do velho mundo, o trabalho era dificultado pelas temperaturas elevadas e, por duas vezes, a altitude do México, que favorecia o jogo mais lento de toque de bola dos sul-americanos (ARNOLD; DAVIS, 1973; CRUIFF, 1974). Na atualidade em que o futebol está globalizado e grande parte dos atuantes em Copas do Mundo já efetua seus treinamentos em equipes européias, esse fator apresenta-se diluído.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Procedimentos Experimentais

Para a concretização do estudo, foram adotados procedimentos experimentais com obtenção das gravações dos jogos analisados, visualização dos jogos da Seleção Brasileira e seus adversários, utilizando recursos audiovisuais disponíveis e ainda execução de scout (anotações) acerca das atividades quantitativas e qualitativas desempenhadas pelas seleções.

3.1.1 Jogos analisados

Foram analisados 75 jogos da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de Futebol Profissional, compreendidos no período de 1958 até 2010. Para as análises efetuadas, foram considerados o tempo regular de jogo e os acréscimos, não sendo analisadas as prorrogações dos jogos em que esta ocorreu.

Os jogos mais recentes e que foram televisionados na íntegra por canais televisivos nacionais ou internacionais, em redes abertas ou fechadas, foram registrados em DVDs. Entretanto, alguns jogos (especialmente os mais antigos) foram obtidos por meio de colecionadores, visto ser impraticável consegui-los por redes de televisão, devido a cortes importantes ao longo das filmagens.

As ilustrações 1 e 2 exemplificam imagens que foram analisadas, sendo a primeira referente a um jogo efetuado no ano de 1962 e a segunda, relativa a um jogo ocorrente em 2002.



Ilustração 1. Imagem do jogo Brasil 2x1 Espanha, realizado na Copa do Mundo de 1962



Ilustração 2. Imagem do jogo Brasil 2x0 Bélgica, realizado na Copa do Mundo de 2002

3.1.2. Análise das ações técnicas e ocorrências do Brasil e seus adversários (SCOUT)

Para análise de todos os jogos estudados no presente estudo, foi utilizado o método denominado SCOUT, que consiste na visualização e registro manual das ações técnicas efetuadas nas partidas, as quais serão explicitadas posteriormente. Uma amostra aleatória composta por sete jogos foi analisada em dois momentos, para testar a reprodutibilidade do método. Por esse procedimento, não foi observada diferença estatística entre os registros efetuados em dois momentos (pelo mesmo avaliador) e ainda foi observada elevada correlação entre ambas as análises, o que sugere a sistematização no registro dos dados.

Em todos os jogos estudados, foi efetuado SCOUT das Seleções Brasileiras, bem como de seus adversários, possibilitando a oportunidade da comparação similar, ou distintas épocas, da atuação brasileira com a atuação mundial.

Foram analisados, em todos os jogos, o tempo em que o Brasil e seus adversários mantiveram a posse de bola, bem como observadas as ações referentes a passes de bola (completos, errados e percentual de passes), finalizações (número total, finalizações corretas e percentual de finalizações corretas), escanteios cobrados, cruzamentos realizados, roubos de bola, desarmes efetuados, interceptações, faltas cometidas, número de gols conquistados, duração dos jogos em que esses gols ocorreram e impedimentos marcados.

Por ser o *scout* um método de análise realizado por um avaliador, com base em sua compreensão de cada ação técnica apontada, é necessário o

esclarecimento acerca do que foi interpretado por cada ação. Desse modo, estão descritas, a seguir, explicações acerca das compreensões do pesquisador para cada ação anotada.

3.1.2.a. Quantificação do tempo mantido com posse de bola

O tempo mantido com posse de bola, interpretado como a manutenção do controle da bola, sem interrupção, por parte do adversário, foi obtido com o auxílio do relógio de xadrez CHESS TIMER II (figura 1), que funciona com dois mostradores. Quando um deles é acionado, concomitantemente, há a interrupção da atividade do outro. Em ocasiões em que a bola se encontrava em ambiente externo ao campo (fora de jogo), o tempo era pausado.



Figura 1. Foto ilustrativa do relógio de xadrez CHESS TIMER II, utilizado no estudo para quantificar, com maior precisão, o tempo de manutenção da posse de bola da Seleção Brasileira e seus adversários

3.1.2.b. PASSES

Para efeito de anotação, foram considerados os lançamentos e qualquer toque de bola dominada, inclusive bolas despachadas com clara intenção de aliviar perigo de gol ou ganho de tempo. Considerou-se passe completo quando o passador obteve sucesso na tarefa, propiciando que a bola chegasse, em boas condições, a um companheiro de equipe. Por outro lado, foram considerados incompletos ou errados, passes que não atingiram o fim do trajeto inicialmente optado para a bola. Para a análise de passes, houve também análise percentual dessa atividade.

3.1.2.c. FINALIZAÇÕES

Para essa atividade, foram computados o número total e suas frações (finalizações corretas e incorretas).

Qualquer arremate a gol por chute ou cabeceio foi interpretado como finalização. Foram classificadas como corretas, as finalizações nas quais a bola chegou à meta adversária, necessitando da intervenção do goleiro para evitar o gol. Bolas na trave, chutes bloqueados, bolas que iriam em direção ao gol, mas que foram interceptadas por jogadores adversários antes de atingirem a meta adversária, foram considerados errados.

O quociente de gols por finalização também foi analisado para os jogos em que a Seleção Brasileira atuou.

3.1.2.d. ESCANTEIOS

Bolas desviadas pela linha de fundo por jogador de defesa foram interpretadas como escanteio. Segundo Perdigão (1986), um volume acentuado de escanteios denota uma pressão da equipe que os obtém,

indicando um recurso extremo do goleiro ou da defesa para evitar a ameaça iminente de gol.

3.1.2.e. CRUZAMENTOS

Foram considerados cruzamentos, os passes que partiram das laterais em direção à grande área adversária (Figura 2). Foram classificados como certo com finalização, se houve conclusão direta a gol; certo se chegou a um companheiro que não finalizou e procurou realizar um passe; e errado se foi interceptado pelo adversário.

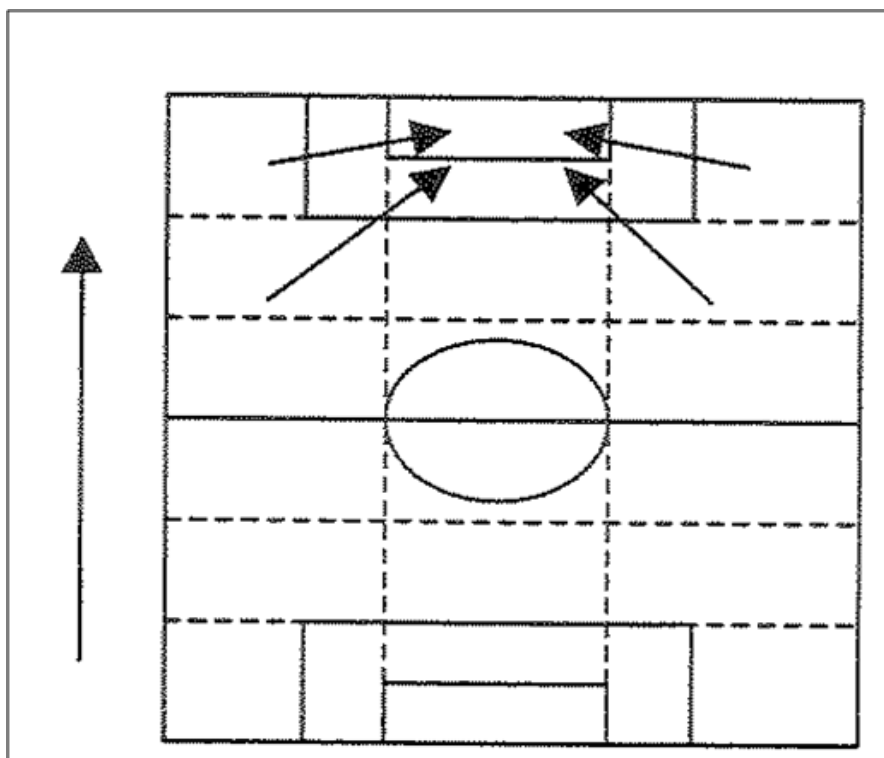


Figura 2. Cruzamentos partindo das laterais de campo (Adaptado de Leitão, 2004)

3.1.2.f. ROUBOS DE BOLA, DESARMES E INTERCEPTAÇÕES

Foram considerados “roubos de bola”, as interrupções diretas da progressão da jogada do adversário quando este está com a posse da bola (condução ou drible), conseguindo recuperar a posse de bola de imediato.

Desarmes foram interpretados como formas de interrupção da jogada do adversário, sem conseguir retomar imediatamente a posse de bola. Já interceptações foram registradas quando houve a interrupção direta de passes, cruzamentos e lançamentos da equipe adversária que chegariam efetivamente ao companheiro de equipe do passador. Também foram considerados os bloqueios de finalizações a gol.

3.1.2.f. FALTAS COMETIDAS

Considerou-se falta a forma ilegal de interrupção do jogo, sancionada pelo árbitro e prevista em regra. Para Leitão (2004), a falta pode ser considerada uma ação defensiva, pois destrói a seqüência ofensiva do adversário, e serve como recurso para garantir a reorganização defensiva.

3.1.2.g. GOLS E DURAÇÃO DO JOGO EM QUE OCORRERAM

Não há dificuldade de interpretação do número de gols efetuados pela Seleção Brasileira e seus adversários, por serem esses extremamente objetivos. Com relação ao tempo de ocorrência desses gols, foram registrados em minutos, sendo sempre efetuado o arredondamento do mesmo para o minuto posterior. A exemplo, se um gol ocorreu aos 20 minutos e 40 segundos, sua ocorrência foi registrada aos 21 minutos. Gol nos acréscimos do 1º tempo, como 45 minutos com um sinal de mais à frente (45 +). É importante destacar que o tempo de jogo foi registrado do 1º. ao 90º. minuto. Para análise

qualitativa, apenas na discussão do estudo, os gols foram classificados segundo sua forma de consecução, tais como: posicional (caracterizado por elevado número de passes sem verticalidade e enfrentando a defesa adversária equilibrada), estratégico (jogadas de bola parada) e contra-ataque (passes rápidos e em pouca quantidade, partindo de uma recuperação de bola com a defesa adversária em desequilíbrio) (SLEDZIEWSKI, 1987), e, ainda, segundo a quantidade de passes que o antecederam.

3.1.2.h. IMPEDIMENTOS MARCADOS

Previsto no livro de regras (nº11), ocorre quando o jogador que recebe o passe está à frente do penúltimo adversário (incluindo o goleiro) no momento em que este passe sai do pé de seu companheiro.

Em alguns jogos, as análises apresentaram um pequeno comprometimento e foram dificultadas devido à apresentação de repetição de lances (REPLAY), quando do jogo em andamento, ou por perda do sinal da transmissão por instantes.

3.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para análise dos resultados, utilizou-se inicialmente o Pacote Excel for Windows (Microsoft Office Excel 2007), para o qual foram transcritos os resultados fracionados de cada jogo, antes registrados manualmente em fichas-planilha elaboradas especificamente para o estudo (Apêndice 2).

Posteriormente, adotou-se a análise estatística descritiva utilizando o pacote estatístico SPSS 17.0, a partir do qual determinaram-se os valores

médios, mínimos, máximos, o desvio padrão e o erro padrão da média para todos os registros efetuados

Correlações entre posse de bola e número de gols, tanto para o Brasil quanto para seus adversários, foram visualizadas utilizando o Teste de Correlação de Pearson. O nível de significância foi pré-fixado em 5%.

Índices referentes ao aproveitamento de gols (gols realizados/finalizações corretas) foram determinados, tanto para a Seleção Brasileira, quanto para seus adversários.

Para melhor visualização, os dados estão apresentados em gráficos de barra, sendo explicitados, em todos os casos, os valores referentes à média \pm erro padrão da média.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados a seguir foram analisados por estatística descritiva, sendo os dados expressos em média \pm erro padrão da média. As figuras utilizadas para visualização dos dados explicitam as atividades efetuadas pelo Brasil e seus adversários, nos jogos das Copas do Mundo de 1958 a 2010.

O quadro 1 sintetiza todos os jogos que foram analisados no presente estudo. Maiores informações sobre os jogos, tais como escalação das seleções, gols, data e local de realização dos jogos, estão apresentados no Apêndice 1.

Quadro 1. Jogos efetuados por Seleções Brasileiras em Copas do Mundo de Futebol, no período de 1958 a 2010, analisados no presente estudo.

Ano	Jogo	Resultado	Adversário	Penalidades
1958	Brasil	5 x 2	França	
	Brasil	5 x 2	Suécia	
1962	Brasil	2 x 0	México	
	Brasil	2 x 1	Espanha	
	Brasil	3 x 1	Inglaterra	
	Brasil	4 x 2	Chile	
	Brasil	3 x 1	Tchecoslováquia	
1966	Brasil	2 x 0	Bulgária	
	Brasil	1 x 3	Hungria	
	Brasil	1 x 3	Portugal	
1970	Brasil	4 x 1	Tchecoslováquia	
	Brasil	1 x 0	Inglaterra	
	Brasil	3 x 2	Romenia	
	Brasil	4 x 2	Peru	
	Brasil	3 x 1	Uruguai	
	Brasil	4 x 1	Itália	
1974	Brasil	0 x 0	Iugoslávia	
	Brasil	0 x 0	Escócia	
	Brasil	3 x 0	Zaire	
	Brasil	1 x 0	Alemanha Oriental	
	Brasil	2 x 1	Argentina	
	Brasil	0 x 2	Holanda	
	Brasil	0 x 1	Polônia	
1978	Brasil	1 x 1	Suécia	
	Brasil	0 x 0	Espanha	
	Brasil	1 x 0	Áustria	
	Brasil	3 x 0	Peru	
	Brasil	0 x 0	Argentina	
	Brasil	3 x 1	Polônia	
	Brasil	2 x 1	Itália	
	Brasil	2 x 1	União Soviética	
1982	Brasil	4 x 1	Escócia	
	Brasil	4 x 0	Nova Zelândia	
	Brasil	3 x 1	Argentina	
	Brasil	2 x 3	Itália	
	Brasil	1 x 0	Espanha	
1986	Brasil	1 x 0	Argélia	
	Brasil	3 x 0	Irlanda do Norte	
	Brasil	4 x 0	Polônia	
	Brasil	1 x 1	França	pen. 3x4
	Brasil	2 x 1	Suécia	
1990	Brasil	1 x 0	Costa Rica	
	Brasil	1 x 0	Escócia	
	Brasil	0 x 1	Argentina	
1994	Brasil	2 x 0	Rússia	
	Brasil	3 x 0	Camarões	
	Brasil	1 x 1	Suécia	
	Brasil	1 x 0	EUA	
	Brasil	3 x 2	Holanda	
	Brasil	1 x 0	Suécia	
1998	Brasil	0 x 0	Itália	pen. 3x2
	Brasil	2 x 1	Escócia	
	Brasil	3 x 0	Marrocos	
	Brasil	1 x 2	Noruega	
	Brasil	4 x 1	Chile	
	Brasil	3 x 2	Dinamarca	
	Brasil	1 x 1	Holanda	pen. 4x2
2002	Brasil	0 x 3	França	
	Brasil	2 x 1	Turquia	
	Brasil	4 x 0	China	
	Brasil	5 x 2	Costa Rica	
	Brasil	2 x 0	Bélgica	
	Brasil	2 x 1	Inglaterra	
	Brasil	1 x 0	Turquia	
	Brasil	2 x 0	Alemanha	
	Brasil	1 x 0	Croácia	
2006	Brasil	2 x 0	Austrália	
	Brasil	4 x 1	Japão	
	Brasil	3 x 0	Gana	
	Brasil	0 x 1	França	
	Brasil	2 x 1	Coreia do Norte	
2010	Brasil	3 x 1	Costa do Marfim	
	Brasil	0 x 0	Portugal	
	Brasil	3 x 0	Chile	
	Brasil	1 x 2	Holanda	

Na figura 3 estão explicitados a média e erro padrão da média de passes completos efetuados pelo Brasil e seus adversários. Como é possível observar, em todas as Copas do Mundo, o Brasil apresentou superioridade com relação ao número de passes, denotando o estilo de jogo brasileiro, o qual valoriza a posse de bola. Pode-se perceber, em geral, tendência de elevação do número de passes até 1994, provavelmente devido ao aumento da velocidade de jogo e redução da condução de bola. Também é possível destacar que, dentre todas as copas, aquela em que o Brasil caracterizou maior número de passes (em 1994), ele foi campeão.

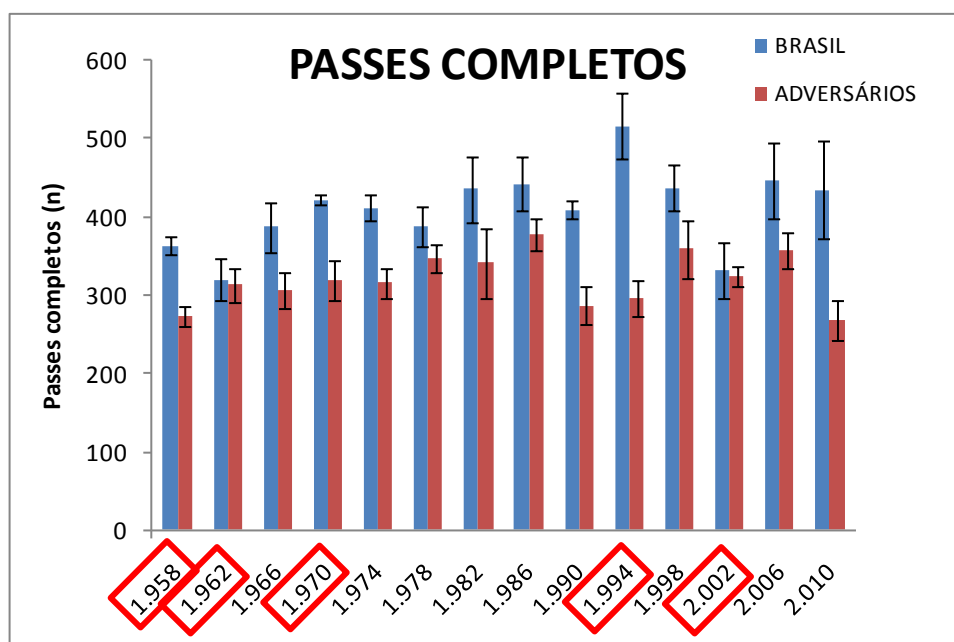


Figura 3. Número de passes completos efetuados pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

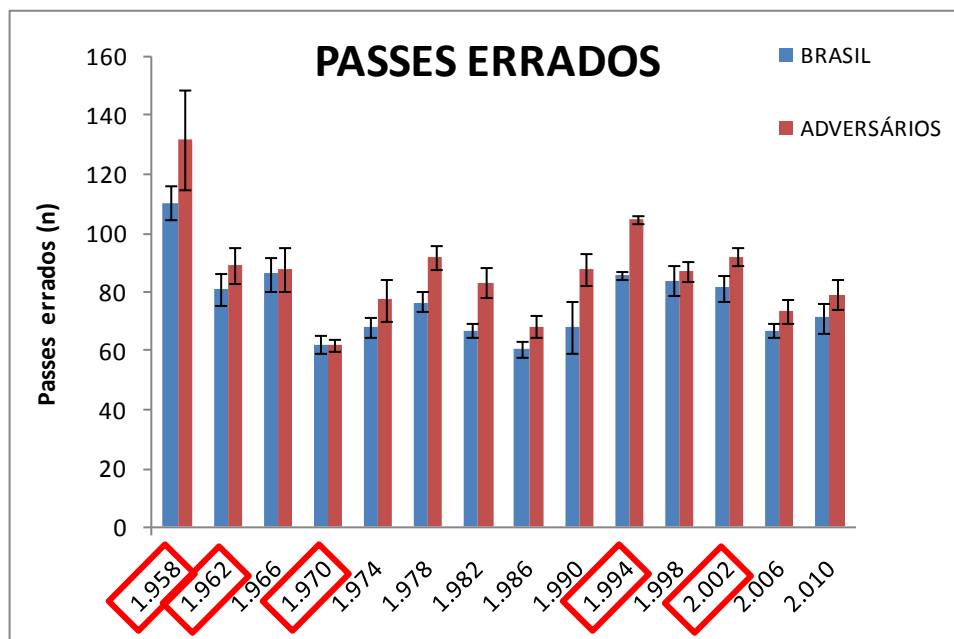


Figura 4. Número de passes errados efetuados pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

Apesar de ficar mais tempo com a bola (figura 10), o Brasil apresentou uma média menor de passes errados que os adversários em todas as Copas do Mundo analisadas (Figura 4), o que demonstra uma melhor qualidade. Porém, na observação das gravações dos jogos, nota-se uma lentidão maior no preparo das ações ofensivas em relação aos adversários, que, por tentarem chegar mais rápido à meta ou até por deficiência técnica, faziam uso preferencial de passes verticais e/ou lançamentos. Segundo Hess (1980), os passes para trás são importantes instrumentos estratégicos por criarem maiores possibilidades de penetração e, por conseguinte, chances de gol, porém parece que um volume maior de passes com sucesso não representou mais finalizações para o Brasil.

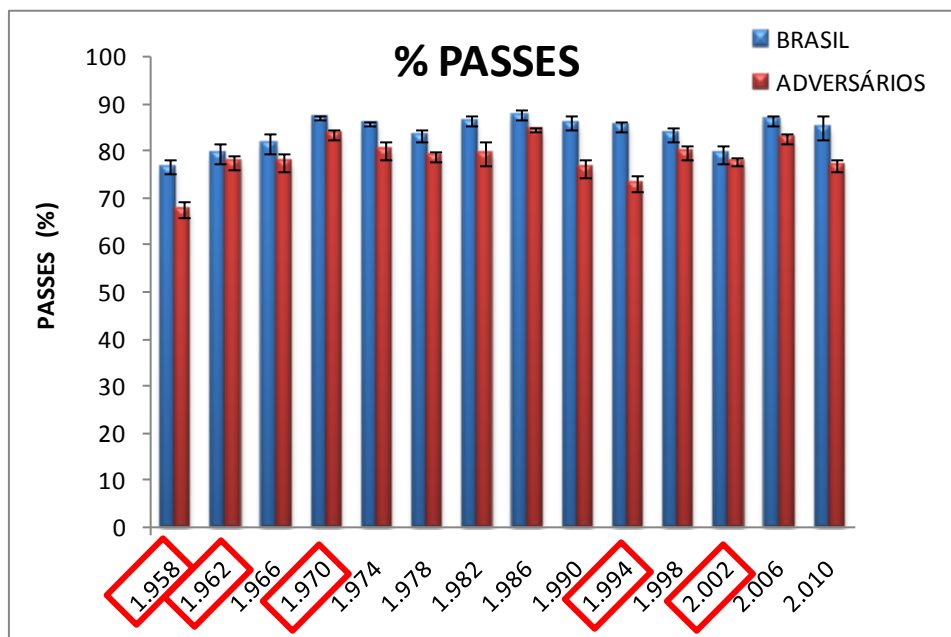


Figura 5. Percentual de passes totais corretos efetuados pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

Os dados acerca do aproveitamento nas últimas Copas do Mundo (Figura 5) se mostram similares aos de Vendite et al. (2000), que constataram índices médios de 85% de acertos nos passes durante o Campeonato Brasileiro. Das Copas em que o Brasil foi vitorioso, especialmente em 1958 e 1994, houve importante superioridade dessa equipe em relação aos seus adversários, no que tange ao percentual de passes corretos.

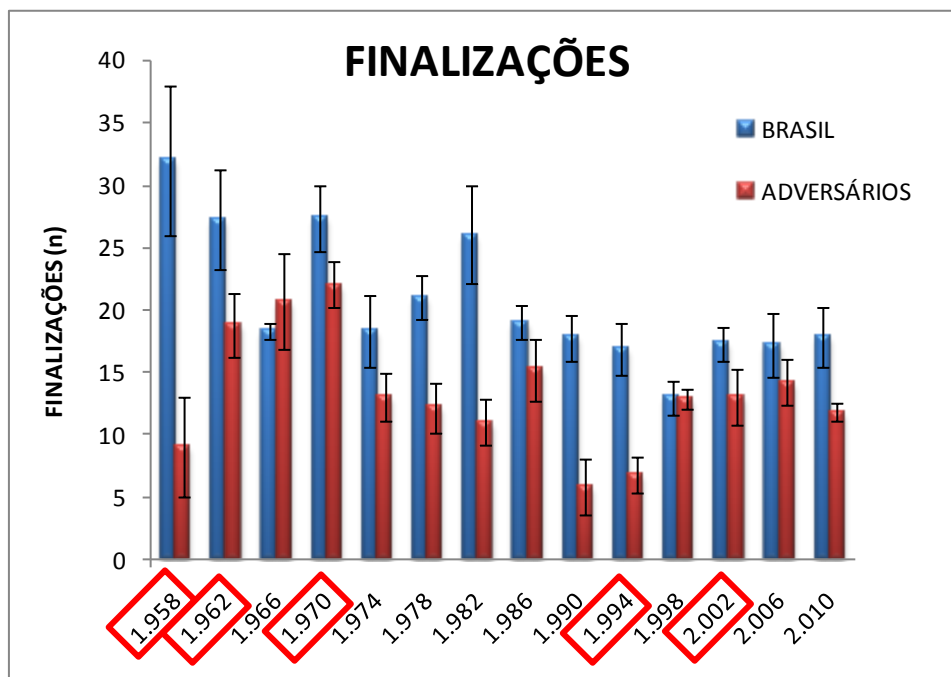


Figura 6. Número de finalizações efetuadas pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

Os números médios de finalizações do Brasil e seus adversários nas Copas do Mundo podem ser observados na figura 6, e, com exceção dos anos de 1966 e 1998, o selecionado brasileiro apresentou superioridade expressiva.

Segundo Olsen; Larsen (1995), apesar de não existir uma receita de vitória, o número de finalizações é um indicador da eficiência de uma equipe. Em contrapartida, Reep; Benjamin (1968) afirmam que, apesar do fato de uma equipe finalizar de modo quantitativo mais pronunciado, essa não é a garantia da vitória. Os autores entendem que equipes de sucesso têm como característica esse aspecto. Yamanaka et al. (1995) constataram que finalizar por um número maior de vezes foi característica das seleções vencedoras durante as Eliminatórias da Ásia, dado similar ao obtido em estudo de

Luhtanen et al. (1995) sobre a Seleção Brasileira de 1994, considerada pelo autor como a mais forte da Copa por finalizar mais que seus adversários.

Papahristodoulou (2008) comprovou estatisticamente que equipes que finalizam por mais vezes têm maiores possibilidades de vitória, assim como já reportado pela FIFA (1980), a qual afirmou que equipes que mais atacaram na Copa 1978 obtiveram melhores classificações. Bishovets et al. (1993) foram mais adiante, ao afirmarem em seu estudo que o que diferencia equipes não é a defesa e sim a capacidade de finalizar, principalmente dentro da grande área. No mesmo sentido, estudo de Sledziewski; Ksionda (1983-A), na Copa do Mundo 1982, parece ser bastante elucidativo com respeito às ações ofensivas ao observar que as mesmas são decisivas entre equipes de nível técnico distinto, porém quando ambas são de alto nível, não representam fator de desequilíbrio, o que parece justificar as conquistas da Itália em 1982 (Sledziewski; Ksionda,1983-B) e Argentina em 1986 (Martin, 1986), com reduzidas, mas produtivas situações ofensivas.

A tendência de valorização de finalizar quantitativamente mais foi preconizada por Lago (2005), com sua teoria de rendimento, em que essa característica determina equipes de sucesso, porém só aplicável em torneios mais longos, o que não é o caso da Copa do Mundo, de caráter eliminatório. O estudo de Partridge et al. (1993), comparando jogadores de Copa do Mundo e colegiais, constatou que ambos finalizam na mesma proporção, dando a idéia de que o que os diferencia é a maturidade técnica. De fato, é interessante observar que mesmo nas Copas em que o resultado não foi bom, as equipes brasileiras criaram um número elevado de oportunidades e poderiam ter vencido seus jogos.

De acordo com os resultados observados no presente estudo, houve a diminuição progressiva do número de finalizações com o passar dos anos. Conforme estudos de Gayoso (1980-C), Alcaraz (1991), Sledziewski (1987), há o apontamento para a necessidade urgente do aprimoramento das finalizações, visto que as mesmas passaram a ser bastante escassas nos jogos atuais.

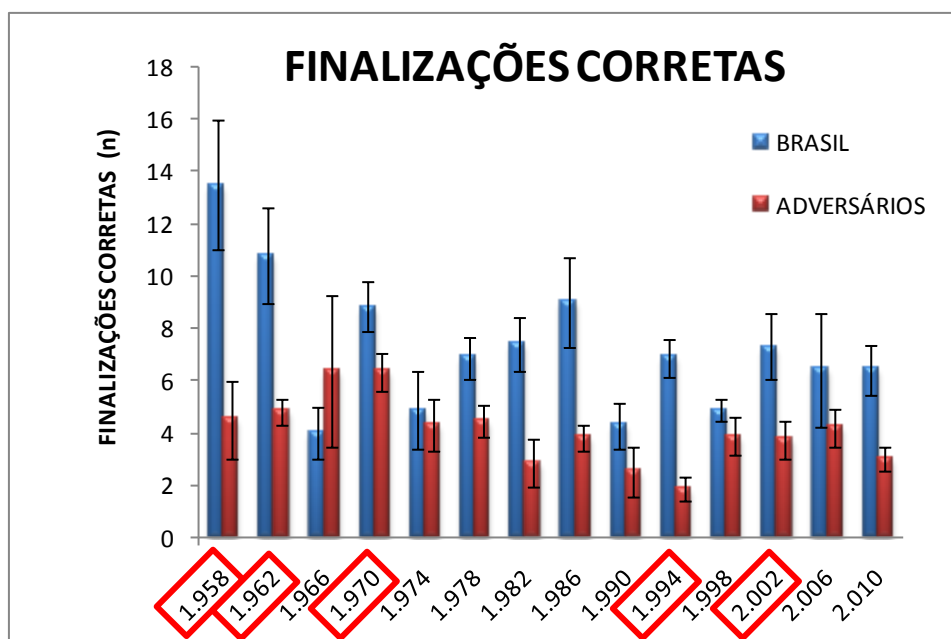


Figura 7. Número de finalizações corretas obtidas pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

A figura 7 expressa o número médio de finalizações certas de cada uma das seleções do Brasil. A equipe que possuiu maior sucesso nesse quesito foi a de 1958, seguida pelas seleções de 1962, 1970 e 1986. Dessas, três foram Campeãs. Interessante verificar que, em contrapartida, as duas seleções com menores médias foram as equipes de 1966 e 1990, as quais obtiveram as piores classificações finais entre todas.

Desse modo, de acordo com os resultados do presente estudo e ao menos para as seleções Brasileiras, é possível sugerir que finalizações certas compõem um fator importante no resultado final da competição.

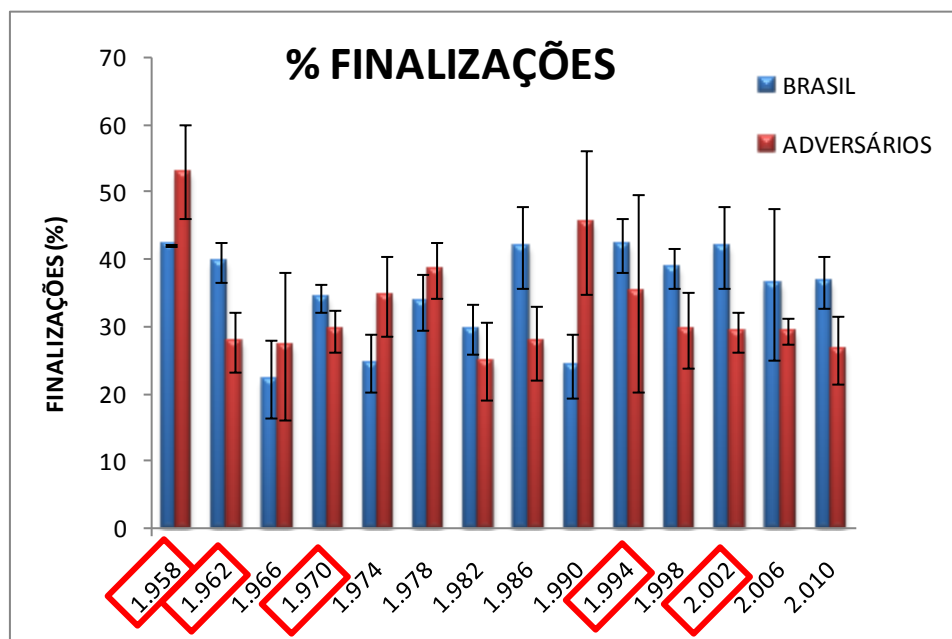


Figura 8. Percentual de finalizações efetuadas pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

O percentual médio de finalizações que foram endereçadas à meta está sendo apresentado na figura 8. Podemos observar que seleções de 1994, 1998, e 2002, que não efetuaram elevado número de finalizações (figura 6), estão, percentualmente, entre as mais qualificadas. Mesma situação pode ser observada na figura 9, representativa do aproveitamento de finalizações convertidas em gol. Nesse sentido, é possível sugerir que essas seleções avançaram até as finais precisamente por terem um índice de aproveitamento excelente, o que coincide com análises efetuadas por Szwarc (2004), e Szwarc (2007) que observaram que equipes de sucesso são caracterizadas por efetividade maior nas finalizações. A Alemanha de 1990, por exemplo, se

beneficiou por grande e principal virtude: a eficácia nas finalizações (LUHTANEN, 1993). As Seleções Brasileiras de 1966, 1974 e 1990 apresentaram índice inferior aos adversários, o que pode ser apontado como um fator importante para a eliminação.

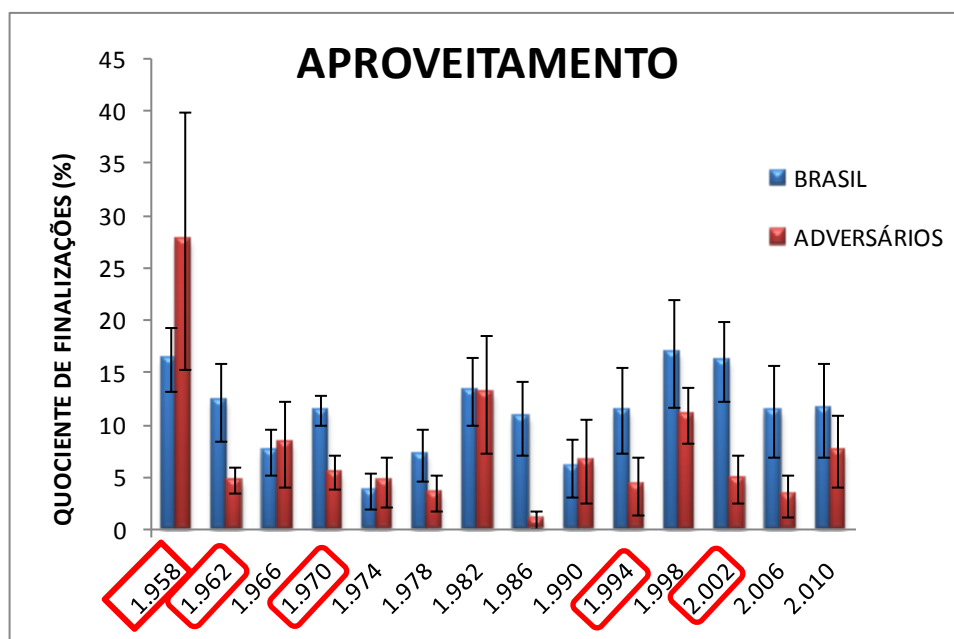


Figura 9. Índice de aproveitamento das finalizações efetuadas pelo Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

A rigor, após a catastrófica performance ofensiva em 1990, o Brasil experimentou uma sensível melhora nesse fundamento nas Copas do Mundo subseqüentes, até mesmo pela presença de excelentes atacantes em boas condições físicas. Já a tão desencantada seleção de 1982, que possui número de finalizações entre as mais elevadas (figura 6), apresentou um índice de aproveitamento baixo, o que pode ser considerado um dos fatores preponderantes de sua eliminação prematura. De toda forma, todos os valores obtidos se mostram inferiores aos achados de Vendite et al. (2000) que

observaram índices entre 47 e 52%, analisando campeonatos de nível inferior. López (1999) constatou diferenças de aproveitamento entre a Copa do Mundo e Liga Espanhola, sendo o da primeira inferior, podendo justificar a diferença supracitada.

Gayoso (1980-A) estimou o aproveitamento da Seleção da Copa de 1978 em 40% de aproveitamento geral, resultado próximo dos melhores da Seleção Brasileira em todas as Copas do Mundo no presente estudo. Na mesma competição Mundial, Sledziwski; Ksionda (1982) constataram que Argentina e Holanda, finalistas, foram as que demonstraram melhor aproveitamento nas finalizações.

Entende-se que as equipes de melhor qualidade técnica normalmente detêm a posse de bola por maior tempo. Como é possível notar na figura 10, em todas as Copas do Mundo analisadas, o Brasil deteve maior percentual de posse de bola que os adversários, denotando um estilo significativo de “manter a bola nos pés”. Particularmente, os resultados do presente estudo corroboram a maior parte da literatura consultada, a qual sugere que a posse de bola não influencia nos resultados dos jogos (LEITÃO, 2004; FERNANDES, 1994; CASTELLANO PAULIS et al., 2007; GAYOSO, 1980; ALCARAZ, 1991; NOGUERA, 1980; SLEDZIEWSKI, 1987; e SZWARC, 2004) , pois as médias das seleções de 1962 e 2002 que, apesar de estarem entre as mais baixas, ainda assim se tornaram campeãs.

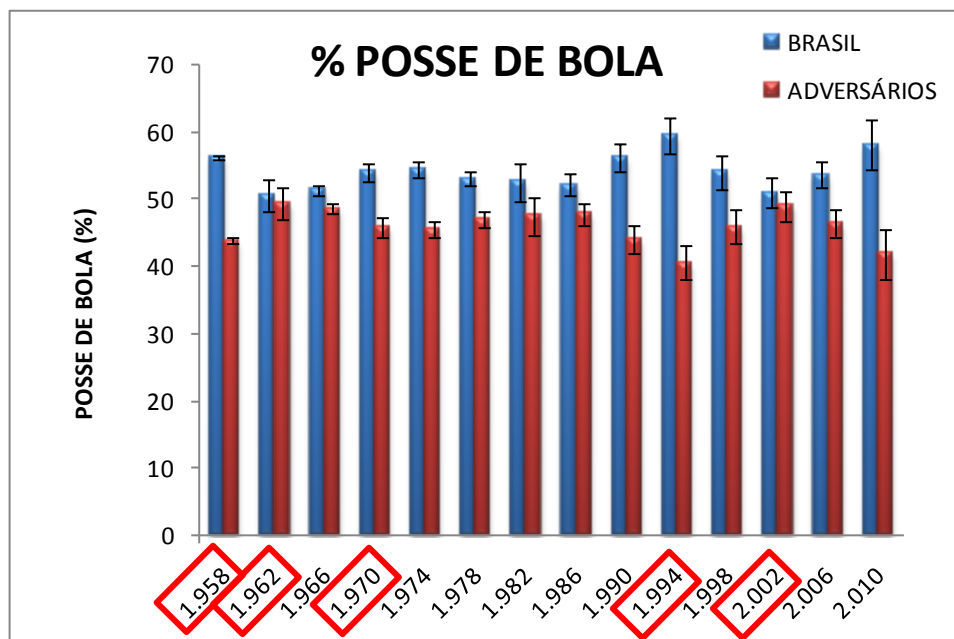


Figura 10. Percentual de posse de bola mantida com o Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

Apesar de a análise a seguir não ser foco do presente estudo, na maioria das Copas do Mundo, a posse de bola do Brasil se deu por passes laterais e para trás, na intermediária e campo defensivo. De fato, esse dado pode ser constatado em estudo de Costas (1994), onde foi observado que a equipe com menor posse de bola mostrou um volume maior de finalizações por utilizar um número maior de passes verticais.

De fato, como é possível observar na tabela 2, as Seleções Brasileiras de 1990, 1994 e 2010, que tiveram os maiores índices de posse de bola, apresentaram correlação negativa com anotação de gols. A equipe de 1962 também apresentou correlação negativa significativa entre posse de bola e número de gols.

Tabela 2. Correlações (r) entre posse de bola, expressa em segundos e em percentual, e número de gols anotados pela Seleção Brasileira e por seus adversários, nas Copas do Mundo compreendidas entre 1958 e 2010.

COPADO MUNDO	Posse de bola (s) vs Número de gols		Posse de bola (%) vs Número de gols	
	Brasil	Adversários	Brasil	Adversários
	1958 (n=2)	x	x	x
1962 (n=5)	-0,92*	0,46	-0,79*	0,76*
1966 (n=3)	0,99*	-0,99*	0,99*	0,99*
1970 (n=6)	-0,27	-0,32	0,36	-0,08
1974 (n=7)	0,48	0,01	0,36	0,25
1978 (n=7)	0,35	-0,72*	0,45	0,31
1982 (n=5)	0,15	-0,16	0,05	0,09
1986 (n=5)	-0,33	0,35	-0,08	0,47
1990 (n=4)	0,85*	-0,58	-0,73*	-0,69
1994 (n=7)	-0,71*	0,46	-0,72*	0,42
1998 (n=7)	-0,45	-0,49	-0,46	-0,55
2002 (n=7)	0,58	-0,11	0,45	-0,13
2006 (n=5)	0,52	-0,62	0,21	-0,73*
2010 (n=5)	-0,45	-0,13	-0,44	0,20

* $P \leq 0,05$

Apesar de ter vencido a Copa do Mundo de 1994, o grande percentual de posse de bola não poderia justificar o resultado, pois observou-se que a maior parte dos gols foram obtidos de bolas paradas e contra-ataques, dado esse reforçado pelo estudo de Garcia (1994). De acordo com López; Alcalde (2003), manter a posse de bola garante um número maior de finalizações e gols, o que, apenas parcialmente, segue no sentido das observações do presente estudo.

Nos poucos jogos em que a Seleção Brasileira deteve menor posse de bola, em geral, vantagens menores nas finalizações em relação aos adversários foram observadas.

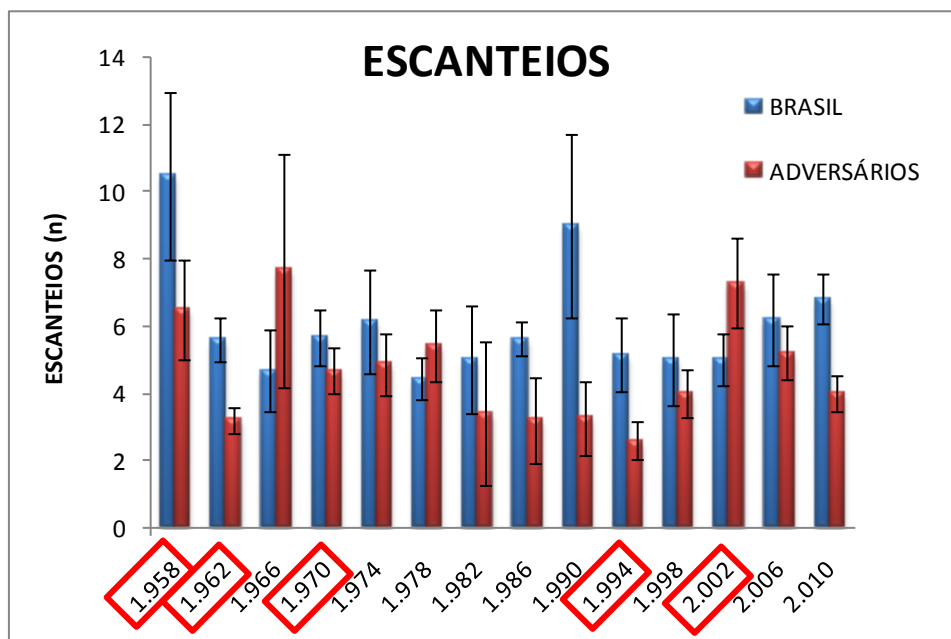


Figura 11. Número de escanteios cobrados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

Na figura 11 podem ser visualizados os valores médios dos escanteios conquistados pelo Brasil e seus contendores. Os dados levantados mostram claramente que a seleção de 1958, seguida pela de 1990, foi a equipe com maior número de escanteios cobrados, demonstrando a busca e proximidade do gol adversário. Isso contrasta com a tímida média de finalizações da equipe de 1990, o que pode ser devido à pouca qualidade e vocação dos atletas no quesito finalização.

Papahristodoulou (2008) entende que, apesar de o escanteio ser um indicador ofensivo, o mesmo apresenta correlação negativa com anotação de

gols, colocações essas que caminham ao encontro ao presente estudo. Também Zabal; Vives (1996), analisando a Copa do Mundo 1994, observaram que os escanteios não foram efetivos para obtenção de gols. Para Olsen; Larsen (1995), o número de escanteios obtidos denotam agressividade de uma equipe, como pode ser constatado durante a final do Mundial de 1950, na qual, mesmo derrotada, a Seleção Brasileira pressionou bastante o Uruguai, conseguindo muitos escanteios a serem cobrados (PERDIGÃO, 1986).

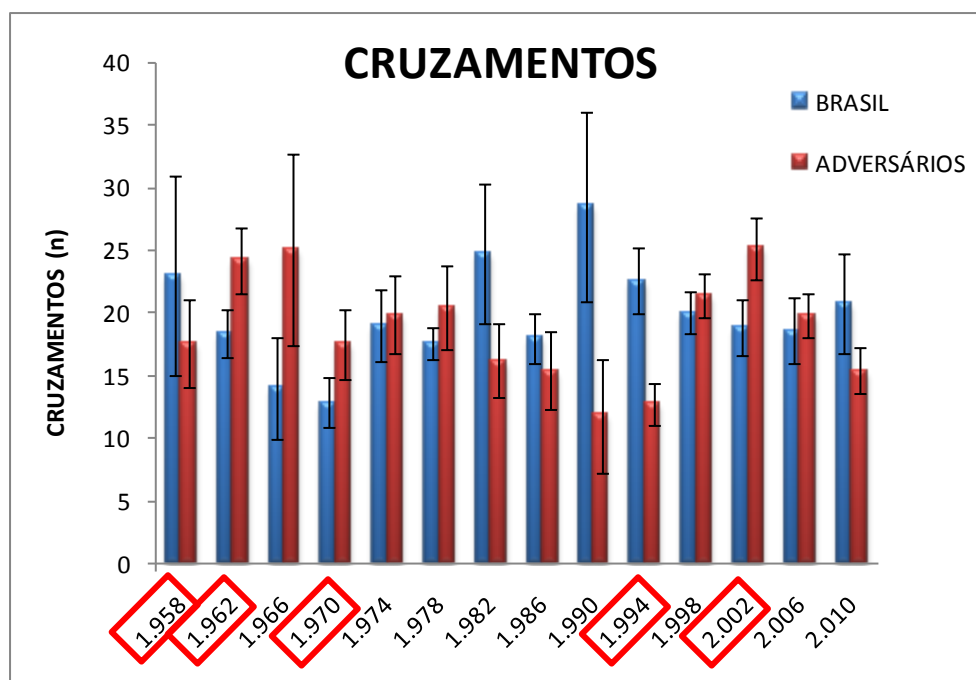


Figura 12. Resultados médios para o número de cruzamentos efetuados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

A média de cruzamentos do Brasil em cada Copa do Mundo, pode ser observada na figura 12. Sugere-se que a seleção que mais trabalhou pelas laterais dos campos foi a de 1990, seguindo ao encontro de uma tendência do futebol mundial, já que o meio de campo apresenta-se bastante congestionado.

Nesse caso, pela primeira vez em um Campeonato Mundial, o Brasil atuou no sistema 3-5-2, fornecendo maior liberdade para os alas atuarem de forma mais efetiva no ataque. Outro aspecto a ser destacado foi o volume acentuado também da seleção de 1982 que, apesar de não atuar na época com um atacante fixo pela direita, contava com as constantes ultrapassagens tanto dos laterais quanto dos meio-campistas. Yamanaka et al. (1995) entendem que equipes perdedoras tendem a atuar de modo mais pronunciado pelas laterais, o que parece o caso da Seleção de 1990. Já Pollard; Reep (1997) constataram que cruzamentos têm alta probabilidade de gol, porém devem ser executados da linha de fundo. Em estudo da FIFA (1980), foi observado que essa ação técnica foi pouco utilizada na Copa 1978, porém, quando realizada de forma forte e rasteira, foi bastante efetiva. Luhtanen (1993), estudando a eficiência de determinadas ações técnicas, considerou que a Alemanha, campeã em 1990, baseou-se, entre outros fatores, nos cruzamentos, fato este também apontado por Partridge et al. (1993), comentando que, nos jogos da Copa do Mundo 1990, foram criadas inúmeras chances de gol através dessa ação técnica.

Vendite et al. (2000) entendem que cruzamentos certos têm determinado efeito no resultado do jogo. As finalizações, após cruzamentos, foram principal característica de equipes sul-americanas durante o Mundial 1990 (YAMANAKA, 1993). Nesta mesma Copa, Jinshan et al. (1993) constataram que um quarto dos gols surgiram de cruzamentos e, portanto, o Brasil esteve dentro dos padrões de tal competição, porém sem eficiência. Caballero (1999) ressalta que, aproximadamente, um terço dos gols surgiu após cruzamentos, na Copa 1998.

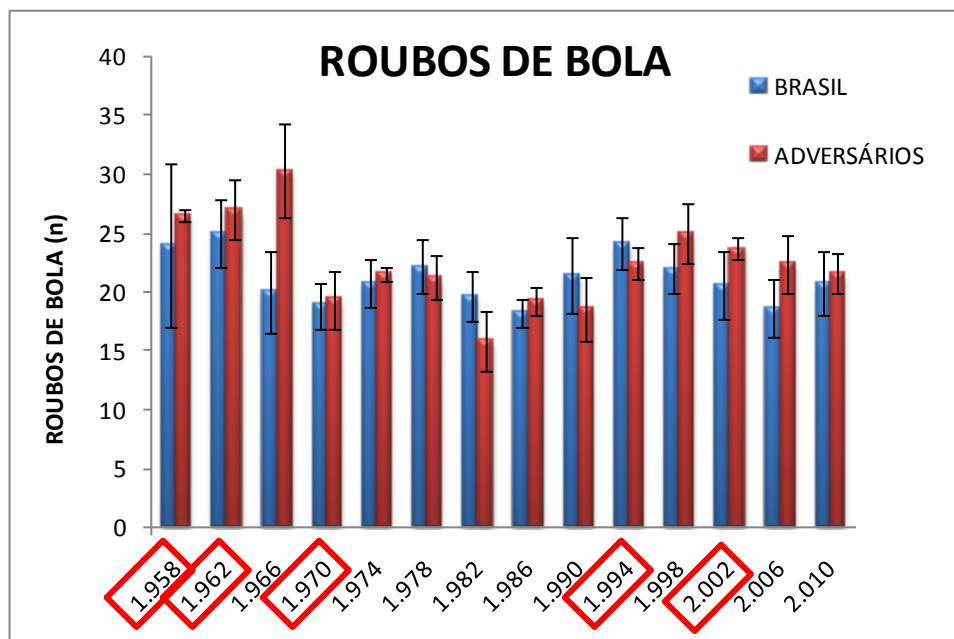


Figura 13. Resultados médios referentes à quantidade de “roubos de bola” (n) efetuados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

Em geral, no que se refere a atividades de “roubos de bola”, a Seleção Brasileira apresentou médias inferiores aos adversários que enfrentou em quase todas as Copas do Mundo analisadas, exceto em 1978, 1982, 1990, e 1994 (Figura 13). O dado expressivo, sem dúvida, é observado pela seleção que atuou na Copa de 1982 que, apesar de ser reconhecida como uma equipe extremamente ofensiva, apresentou excelente performance nas ações defensivas comparadas aos seus adversários, especialmente no que se refere a roubos de bola. Apesar disso, em estudo de Ksionda; Sledziwski (1983-A), foi constatado que o Brasil perdeu mais bolas que as equipes finalistas. Nas Copas de 1958 e 1962, os valores também se mostraram elevados, porém se faz necessário observar que, naquela época, os jogadores buscavam com bastante frequência as jogadas individuais, o que, com o tempo, decaiu gradativamente. A Copa de 1966 apresentou uma diferença bastante

discrepante, pois, enquanto os brasileiros continuaram tentando resolver individualmente os lances, os adversários enfatizaram o jogo coletivo. Em 1978, pela primeira vez, o selecionado brasileiro apresentou média superior, e isso pode ser creditado ao trabalho desenvolvido por todos os jogadores da equipe, inclusive dos meio-campistas ofensivos e atacantes.

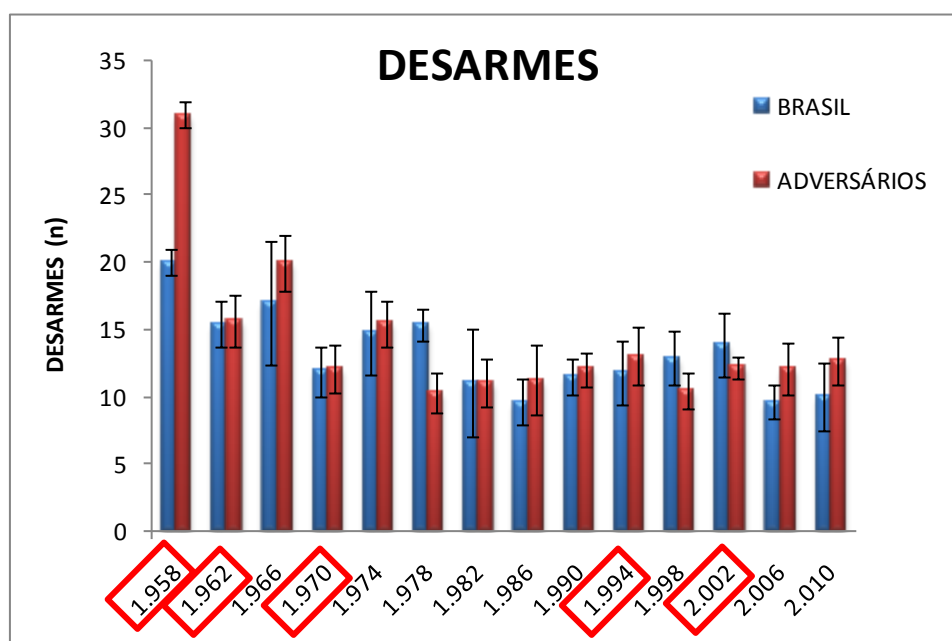


Figura 14. Resultados médios referentes a número de desarmes efetuados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

A média de desarmes, da mesma forma que os “roubos de bola”, na maioria das vezes, foi maior para os adversários (Figura 14).

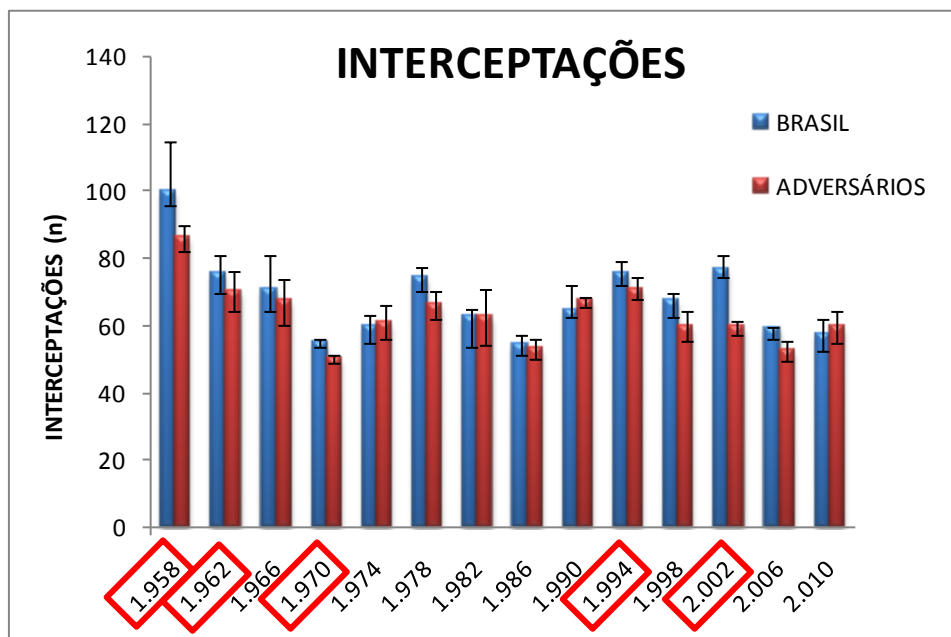


Figura 15. Resultados médios referentes à número de intercepções efetuados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

A ênfase destinada ao sistema defensivo, que se iniciou de maneira mais consistente a partir da Copa do Mundo de 1966 (ESCARTIN, 1966), adquiriu status e maior importância na década de 70, com as equipes adotando uma postura extremamente cautelosa com até oito jogadores atrás da linha da bola (FIFA, 1980). Esse fato também foi verificado por Galán; Alonso (1995) e Galán (1998).

As figuras 13, 14 e 15 demonstram média de ações defensivas, ficando evidente que a ocorrência mais destacada é de intercepções, corroborando Leitão (2004), que também encontrou dados similares. O fato é que, apesar de serem analisados jogos de épocas diferentes, é possível sugerir uma tendência do futebol brasileiro em exercer métodos defensivos de espera em sua intermediária, sem uma tentativa deliberada de dificultar a saída ou roubar a bola no campo do adversário, o que contraria os modernos sistemas

defensivos de desarme no campo adversário para ampliar as possibilidades de marcação de tentos (LEITÃO, 2004; GODIK, 1997; e SUARÉZ; SANJURJO, 2004). Garganta et al. (1995), estudando equipes européias, constataram que a característica de equipes vencedoras é a capacidade de roubar bolas, porém esta tem que ser executada no campo ofensivo. Talvez esses dados devam ser relativizados, pois, em estudo de Rubio (2005), comparando o desempenho defensivo por interceptações, foi demonstrado que, em 2002, houve uma maior efetividade que em 1998, o que seria, então, uma das causas da conquista do título. Pelo presente trabalho, pode-se observar que a Seleção Brasileira de 1998 roubou mais bolas que a de 2002, porém perdeu a final.

Ainda no que se refere a características defensivas, Grehaigne et al. (1995) estipularam algumas regras para sua consecução eficiente, entre elas a velocidade após a conquista da bola; o que se pode constatar em muitos dos jogos analisados foi uma preocupação maior em reter a posse do que propriamente buscar chegar rapidamente à meta adversária por intermédio de contra-ataques, aproveitando-se do desequilíbrio defensivo momentâneo. A grande performance defensiva de nossa seleção, em 1994, talvez possa ser considerada como a principal razão da conquista do título pois, segundo Galán; Alonso (1994), essa também foi característica das seleções finalistas.

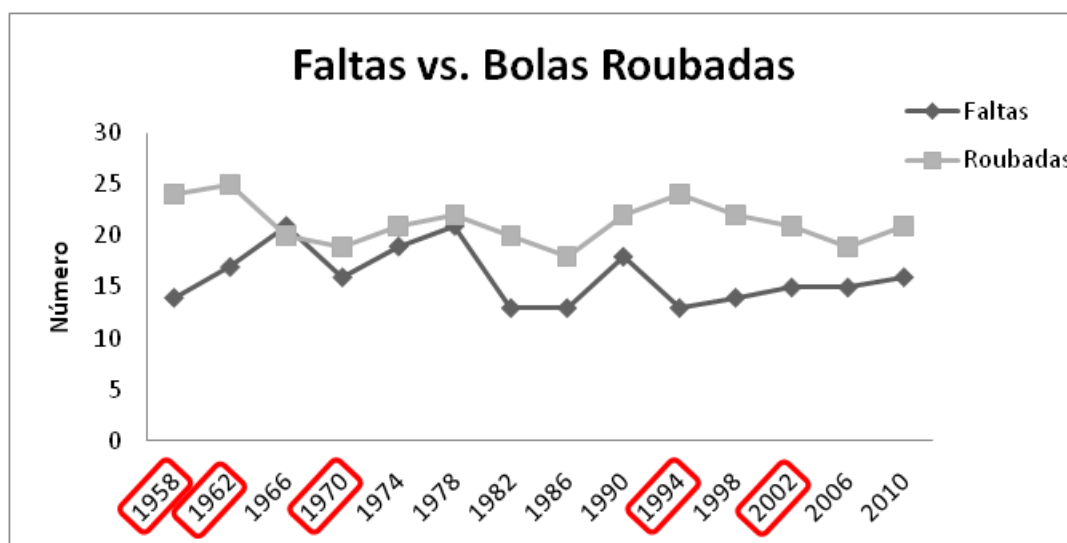


Figura 16. Curvas evolutivas médias das atuações das Seleções Brasileiras de 1958 a 2010, para as atividades de faltas cometidas e roubos de bola efetuados. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão.

Segundo Leitão (2004), as faltas poderiam ser consideradas um fundamento defensivo, visto que, quando se busca desarmar o adversário, há grande possibilidade de sua ocorrência. Em seus achados, foi reportada uma relação inversamente proporcional no decorrer do jogo. Observando a evolução desses fundamentos, ao longo das Copas do Mundo (figura 16), é possível notar que, na maioria das vezes, existe uma relação proporcional, ou seja, quando há um aumento no número de desarmes, este é acompanhado do aumento de faltas (o inverso também pode ser visualizado), demonstrando que cada seleção apresentou características diversas, com algumas evidenciando uma vocação mais agressiva de marcação. Esses dados são contrários aos de Vendite et al. (2000), que observaram, nos Campeonatos Paulista e Brasileiro, uma relação inversa entre faltas e bolas efetivamente roubadas. No caso das Seleções Brasileiras analisadas no presente estudo, é interessante observar que, a partir de 1970, houve um crescimento desses fundamentos, e com os

resultados não esperados (título), decaí novamente por duas Copas do Mundo e volta a subir, denotando haver uma mudança de filosofia de jogo, ora enfatizando a defesa, ora o ataque.

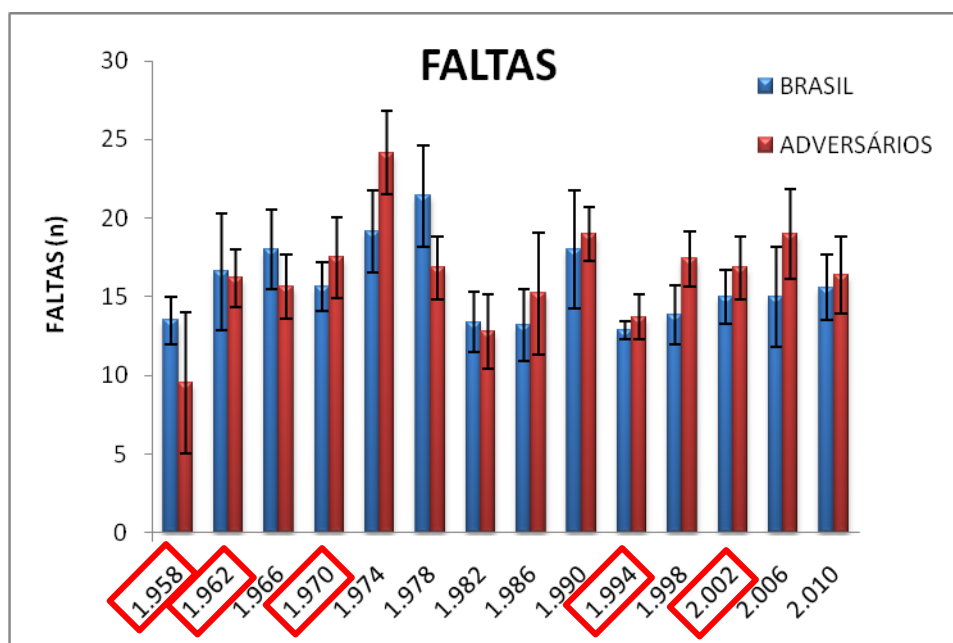


Figura 17. Número de faltas cometidas pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

O fato de a Seleção Brasileira manter a posse de bola por um tempo maior, conforme observado na figura 10, pode justificar a menor quantidade de faltas em relação aos adversários (figura 17), na maioria das Copas do Mundo analisadas, o que corrobora com achados de Noguera (1980). É curioso observar que, em 1958 e 1962 (campeões), e 1982, equipes que apresentaram grande poderio ofensivo cometeram maior média de faltas que os adversários. O contrário foi observado no estudo de Vendite et al. (2000) que concluíram que as equipes mais faltosas não obtêm sucesso nas competições por

tenderem a um menor número de finalizações. Mesma opinião foi também compartilhada por Papahristodoulou (2008).

Nas primeiras Copas analisadas foi observada tendência de aumento do número de faltas, assim como nas pesquisas de Paula (2008), porém nas últimas percebe-se uma tendência de estabilidade em jogos da Seleção Brasileira. Entende-se que esta estabilização se deu basicamente por dois motivos: 1) punições mais severas da arbitragem com faltas seguidas mesmo que não violentas, levando à exclusão de jogadores; e 2) aproveitamento eficiente das cobranças nas proximidades da grande área, ocasionando muitos gols de bola parada conforme estudos de Gayoso (1981), Gayoso (1982), Garcia (1994), Castellano Paulis; Zubyaga (1995-a; 1995-b), Cabezón; Fernandez (1995), López (1999), e Folgueira (2007).

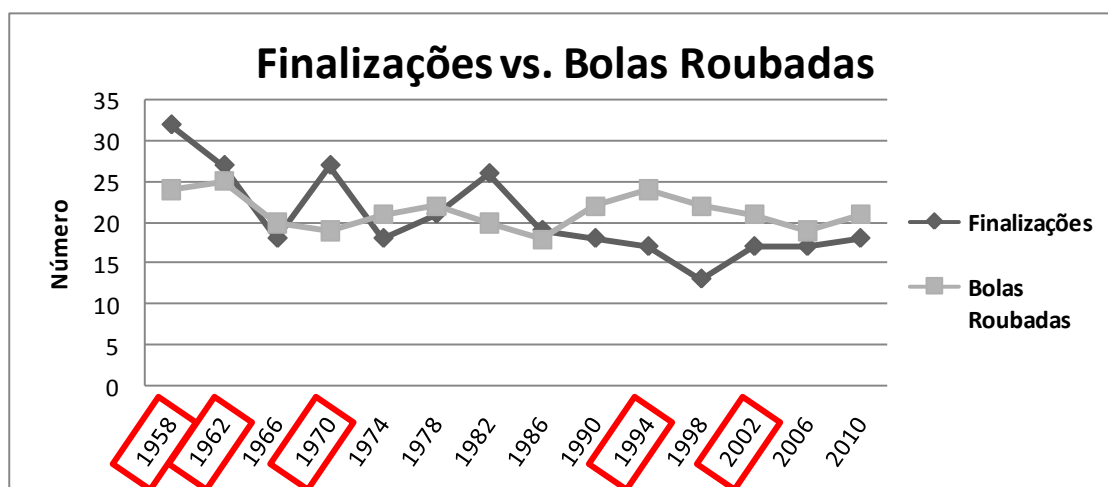


Figura 18. Curvas evolutivas médias das atuações das Seleções Brasileiras de 1958 a 2010, para as atividades de finalizações e “bolas roubadas”. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão.

Conforme podemos analisar na figura 18, existe uma tendência ao aumento de desarmes e diminuição de finalizações, entretanto, nas últimas cinco Copas, observa-se uma estabilização nos dois fundamentos. Essa

consideração corrobora o estudo de Castellano Paulis et al. (2006), que não constataram mudanças nos últimos Campeonatos Mundiais. Com as equipes mais bem preparadas física e taticamente, ocorreu uma melhora progressiva do equilíbrio defensivo e conseqüente dificuldade de finalizar a gol. Também pode ser concluído que não houve um aumento das finalizações com o aumento de desarmes. Ao contrário, na maioria das vezes, houve uma relação inversa e, sugestivamente, isso pode ser creditado ao fato de que a maioria dos desarmes ocorriam no seu próprio campo defensivo, e o jogo de transição para o ataque era bem lento sem preocupação com contra-ataques rápidos. Outra possibilidade refere-se à característica dos jogadores, normalmente especializados em defender ou atacar. Em 2006, podemos observar que, além de não ter havido aumento no número de finalizações, também houve diminuição do número de desarmes, demonstrando um retrocesso do futebol brasileiro, fato esse verificado também na Copa do Mundo de 1966, no qual foi observada a pior classificação de nossa seleção.

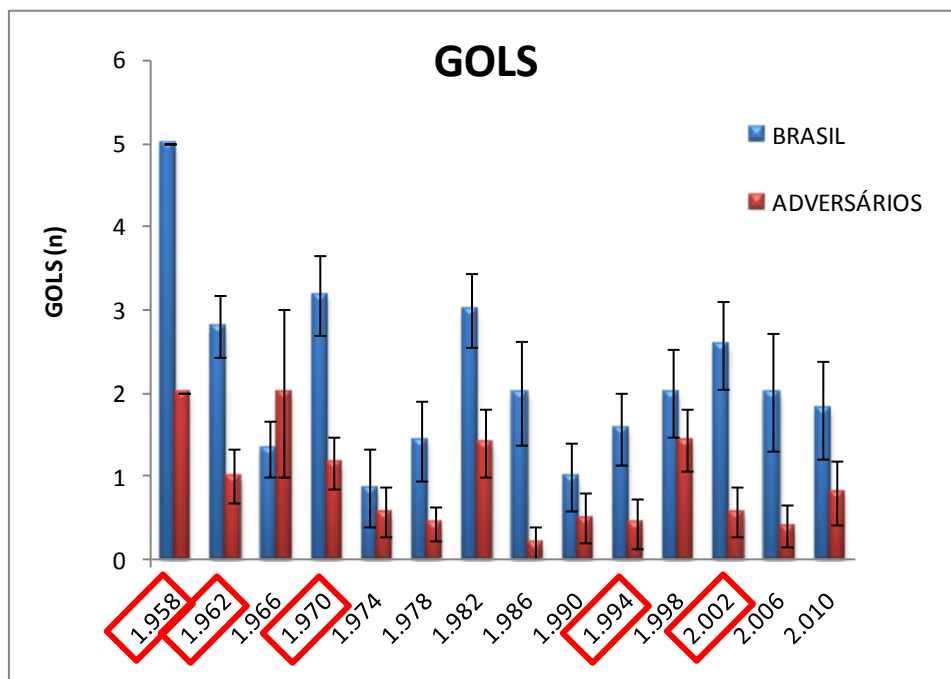


Figura 19. Números de gols concretizados pelo Brasil e por seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

Na figura 19, é possível observar a média de gols de cada seleção brasileira, e as que se destacaram ao longo dos anos foram as de 1958, 1970 e 1982, reforçando todos os adjetivos que o público e a imprensa, de forma geral, dispensam a essas equipes, pois na realidade o que fica na mente da maioria é o momento máximo do futebol: o gol. Também podemos observar, por intermédio da figura, a vulnerabilidade das seleções de 1966 e 1998, que sofreram muitos gols, principalmente devido a falhas individuais dos jogadores. Tão importante quanto anotar gols é a capacidade de obtê-los de diversas formas, como conseguiu a França em 1998 (GARCÍA, 1998) e, por isso, concretizando o ataque mais positivo do mundial, baseando-se sobremaneira na qualidade coletiva do que em jogadas individuais. O predomínio de gols

obtidos de maneira coletiva sobre a individual foi constatado por Folgueira (2003), porém o número de jogadores e passes é pequeno.

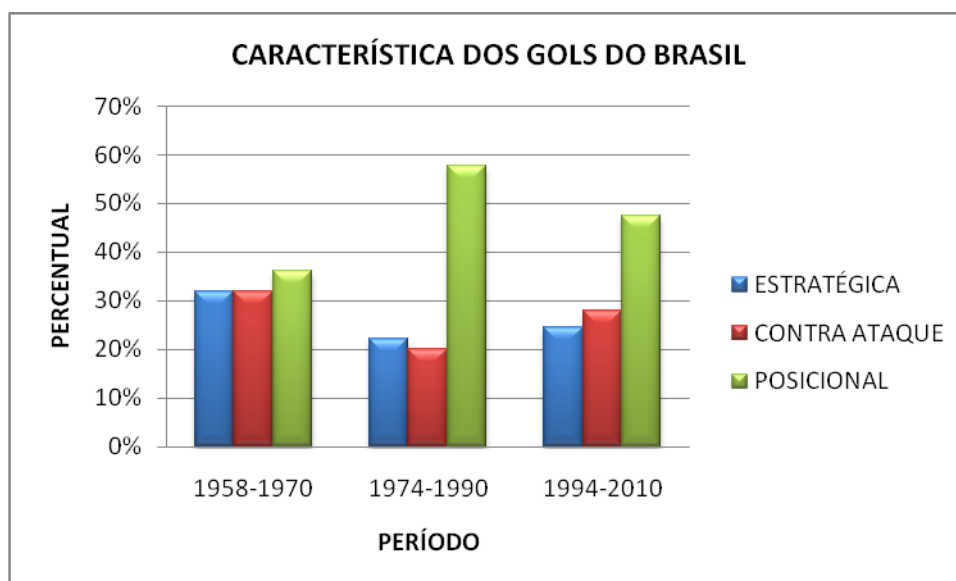


Figura 20. Característica dos gols anotados pela Seleção Brasileira, nos períodos compreendidos entre 1958 a 1970, 1974 a 1990 e 1994 a 2010.

Outro aspecto que se tem observado nos últimos Mundiais é o aumento dos gols obtidos utilizando contra-ataques, o que implica em um jogo de transição rápido (FOLGUEIRA, 2007; FOLGUEIRA, 2008), e contrasta com os gols brasileiros, geralmente obtidos em jogo posicional (figura 20). Apesar de a Seleção Brasileira adentrar a Copa do Mundo de 2010 reconhecida por sua eficácia nas bolas paradas e contra-ataques, mais da metade dos gols foram obtidos por jogo posicional.

Nas primeiras quatro Copas do Mundo, a Seleção Brasileira apresentou um equilíbrio em relação à característica dos gols assinalados, mas, a partir de 1974, acentuou-se o percentual de gols obtidos de forma posicional, enquanto os seus adversários variaram bastante nos três períodos analisados e, nas últimas cinco Copas do Mundo, houve um predomínio dos gols obtidos de forma estratégica, seguido dos contra-ataques (figura 21).

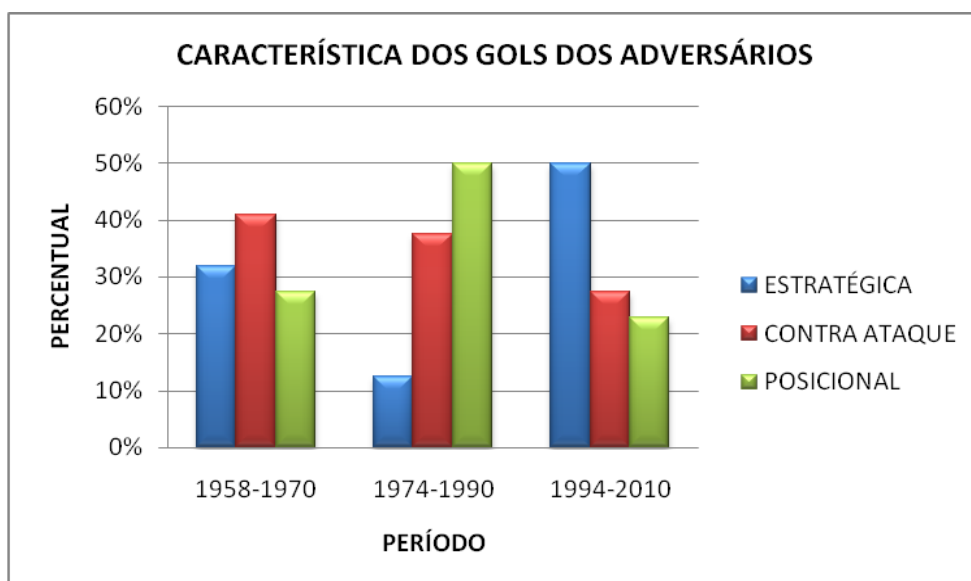


Figura 21. Característica dos gols anotados pelos adversários da Seleção Brasileira, nos períodos compreendidos entre 1958 a 1970, 1974 a 1990 e 1994 a 2010.

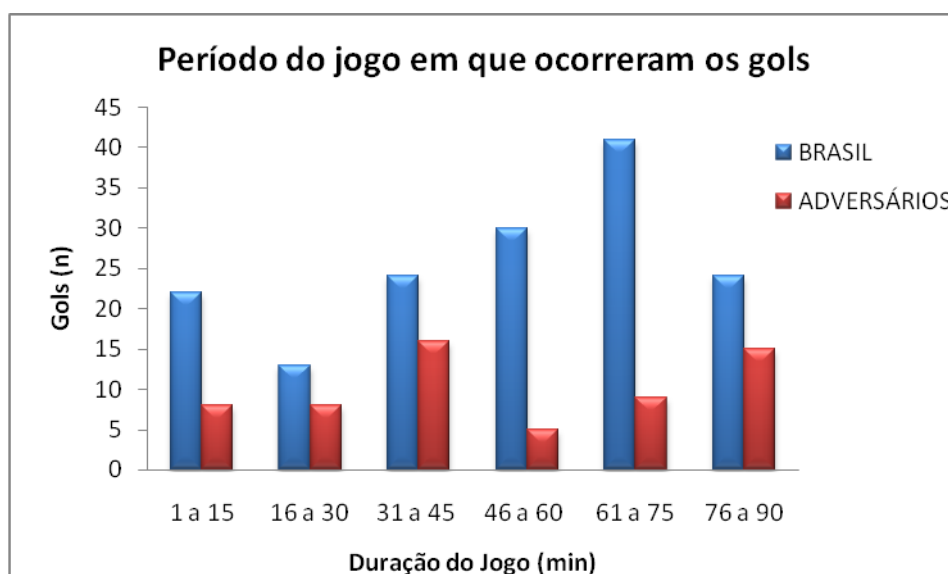


Figura 22. Números de gols e período do jogo de sua ocorrência (min), em análise efetuada para todas as Copas do Mundo (de 1958 a 2010), tanto pelo Brasil quanto por seus adversários.

De acordo com os dados expressos na figura 22, representativos do período do jogo em que os gols brasileiros e dos adversários foram realizados

na totalidade das Copas do Mundo, os intervalos em que a maioria dos tentos brasileiros foram anotados estão localizados no segundo tempo, principalmente entre os minutos 61 a 75, padrão esse constatado por Saes et al. (2007) na Seleção Brasileira, na Copa do Mundo 2002, e que coincide com pesquisas de Gayoso (1981), Galán; Alonso (1994). Armatas et al. (2007) observaram que a maioria dos gols nas Copas do Mundo de 1994 e 2006, respectivamente, ocorreram no segundo tempo. As equipes adversárias concentraram seus gols exatamente nos finais de cada período de jogo, o que corrobora os estudos de Galán; Alonso (1994), Castellano Paulis; Zubyaga (1995-a; 1995-b), e de Abt et al. (1995), que constataram uma tendência de ocorrência de gols nos finais de cada tempo de jogo devido ao cansaço físico e psíquico dos jogadores. GODIK (1997) sugere que a maioria dos gols, não apenas ocorrem no segundo tempo, mas principalmente no final dele, mesmo resultado encontrado por Jinshan et al. (1993). Dessa forma, percebe-se que os tempos em que a Seleção Brasileira faz e sofre gols são distintos, denotando que ela não aproveita o cansaço psicológico dos adversários da mesma maneira como estes aproveitam. Observa-se que o Selecionado Brasileiro demora para conseguir anotar gols, o que compromete, segundo Castellano Paulis et al. (2007), o resultado final, pois quanto mais próximo do final do jogo, mais difícil se torna reagir no placar. Para Palomino (1998), a equipe que inicia o placar, conseqüentemente, apresenta maior chance de ditar o ritmo da partida. Leitão et al. (2003) concluíram que concretizar maior número de gols nos últimos quinze minutos é característica de equipes de sucesso. Contrariamente a isso, Bankoff et al. (2005) constataram queda de rendimento no segundo tempo em seus achados. Importante lembrar que a maior derrota brasileira em Copas do

Mundo foi em 1950, com um gol sofrido aos 79 minutos de jogo (PERDIGÃO, 1986).

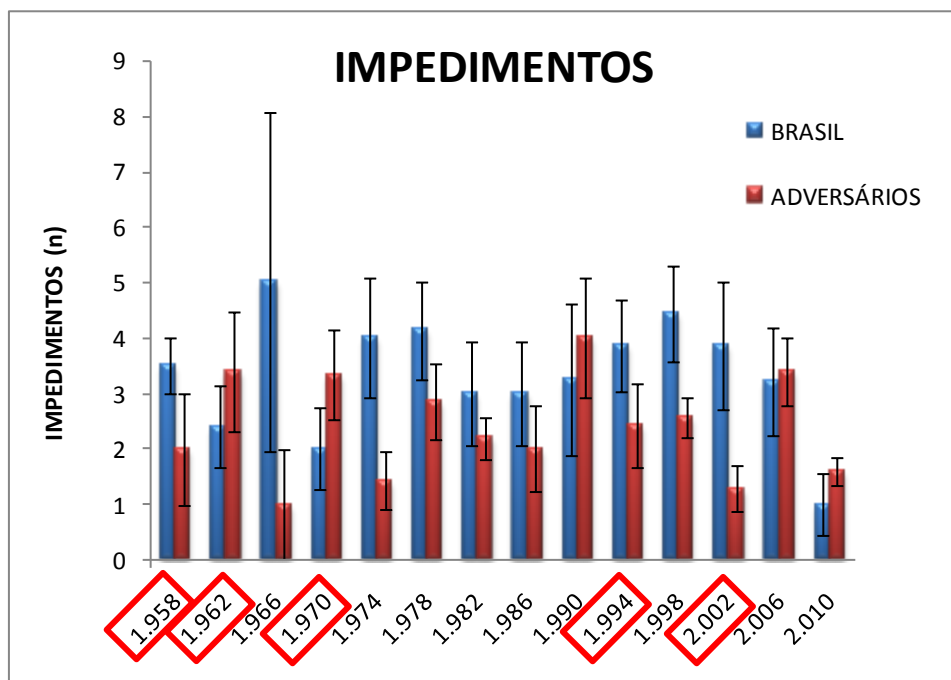


Figura 23. Números de impedimentos anotados para o Brasil e seus adversários, nas Copas do Mundo de 1958 a 2010. No eixo x, estão circundados em vermelho os anos em que o Brasil obteve êxito na Copa do Mundo, sendo campeão. Resultados expressos em média \pm EPM.

Os dados relativos às primeiras Copas no quesito impedimentos (figura 23) devem ser analisados com certa reserva, pois naquela época, o atacante na mesma linha era considerado em posição ilegal, e também porque é possível afirmar, por meio de repetição de lances, que sempre quando aparecia um jogador de ataque à frente da defesa, os auxiliares imediatamente impugnavam o lance. No entanto, é claro o despreparo dos atletas brasileiros com relação à execução da linha de impedimento pelos adversários, por não conseguirem se perceber a estratégia, principalmente em 1966. Pode-se

observar que, a partir da Copa do Mundo de 1974, houve a tendência de aumento dos impedimentos da Seleção Brasileira em relação aos adversários, com exceção de 1990 e 2010, devido à estratégia defensiva de pressionar e reduzir os espaços por parte de quase todas as seleções que enfrentaram a equipe brasileira e, para isso, aplicando a lei do impedimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados obtidos pelo presente estudo, sugere-se que:

- Apesar da grande expressividade do futebol em nosso país, há nítida carência de estudos científicos que objetivem contextualizar historicamente as Seleções Brasileiras dessa modalidade;
- Em todas as Copas do Mundo, o Brasil apresentou superioridade em relação a seus adversários no que tange ao número de passes completos. Entretanto, não parece existir relação entre esse parâmetro e as vitórias Brasileiras, já que, nas Copas de 1962 e 2002, proximidades foram visualizadas entre nossas equipes e as adversárias;
- Em contrapartida, na totalidade dos jogos analisados, os adversários apresentaram valores mais elevados para o número de passes errados, com maior discrepância em duas Copas nas quais o Brasil foi campeão (1958 e 1994);
- Correlações significantes e inversas entre posse de bola e número de gols indicam que, não necessariamente, a posse de bola foi o diferencial para o sucesso da Seleção Brasileira em relação a seus adversários, nas Copas compreendidas entre 1958 e 2010.
- Com relação a finalizações corretamente endereçadas ao gol, não há como negar que o Brasil foi superior em todas as Copas nas quais atuou. Analisando o contexto histórico, houve um achatamento das distâncias entre o Brasil e seus adversários, com o passar dos anos, sendo observados maiores valores de finalizações corretas nas Copas de 1958 e 1962. Na atualidade, ainda é possível visualizar superioridade do Brasil, mas com quantidades menos discrepantes de seus adversários;

- O volume acentuado de interceptações em relação aos adversários pode indicar tendência ao tipo de marcação de espera;
- As faltas parecem favorecer o estilo de jogo brasileiro, por desestruturar as seqüências ofensivas do adversário. Isso parece indicar uma deficiência dos jogadores brasileiros e, de modo geral, dificuldade em desarmar a equipe adversária por outros métodos;
- Por outro lado, após 1986, o número de faltas cometidas pelos adversários é superior ao cometido pelo Brasil;
- O número de gols marcados pela seleção Brasileira e por seus adversários apresenta redução com o passar do tempo. Utilizando a análise descritiva adotada no presente trabalho, observa-se menor quantidade de gols nas Copas do Mundo de 1974, 1978 e após 1986;
- O número médio de gols concretizados pela Seleção do Brasil foi, em quase a totalidade de Copas analisadas, superior quando comparado a seus adversários e, após 1974, há uma predominância de gols provenientes de jogo posicional;
- Dos gols concretizados pelo Brasil, grande parte ocorreu no segundo período do jogo, na faixa compreendida entre 46 a 75 minutos de jogo. Esse fato difere de seus adversários, os quais produziram maior número de gols no primeiro período, entre 31 a 45 minutos da partida;
- Seguindo a tendência do futebol moderno, é possível sugerir o treinamento de jogadas de bola parada, que têm se mostrado decisivas nos últimos jogos que decretaram a eliminação do Brasil das Copas do Mundo.

REFERÊNCIAS

ABT, G. A.; DICKSON, G.; MUMMERY, W. K. Goal scoring patterns over the course of a match: an analysis of the Australian National Soccer League. In: Reilly, T.; Korkusuz, F.; Murphy, A. **Science and Football IV**. London: E & FN SPON, 2002, p. 106-111.

ALCARAZ, C. F. Situación actual del espectáculo en el fútbol. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 49, p. 48-52, jun., 1991.

ARMATAS, V.; YIANNAKOS, A., PAPADOPOULOU, S., GALAZOULAS, C. Analysis of the set-plays in the 18th Football World Cup in Germany. **Physical Training**, out., 2007.

ARNOLD, P.; DAVIS, C. **The Hamlyn Book of World Soccer**. Londres: Hamlyn Publishing, 1973.

ASSAF, R. **Banho de Bola: os técnicos, as táticas e as estratégias que fizeram história no futebol**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

AZÊDO, M.; GUIMARÃES, W. Nosso time diabólico. **Revista Placar**, São Paulo, n. 14, p. 10, 1970.

BANKOFF, A. D. P.; GUIMARÃES, P. R. M.; SCHMIDT, A.; ZAMAI, C. A. Habilidades específicas do futebol: uma análise quantitativa da performance das principais habilidades em jogadores profissionais. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v.5, n.6, jan./jun. 2005.

BISHOVETS, A.; GADJIEV, G.; GODIK, M. Computer analysis of the effectiveness of collective technical and tactical moves of footballers in the matches of 1988 Olympics and 1990 World Cup. In: Reilly, T. **Science and Football II**. London: E & FN SPON, 1993, p. 232-236.

BORRIE, A.; JONSSON, G. K.; MAGNUSSON, M. S. Temporal pattern analysis and its applicability in sport: an explanation and exemplar data. **Journal of Sports Sciences**, v. 20, p. 845-852, 2002.

BROWN, T. D.; VAN RAALTE, J. L.; BREWER; B. W.; WINTER, C. R.; CORNELIUS, A. E.; ANDERSEN, M. B. World Cup soccer home advantage. **Journal of Sport Behavior**, v. 25, n. 2, p. 134-144, 2002.

CABALLERO, J. M. Estudio de los centros que acabaron el gol en el Mundial de Francia 98. Aplicación práctica al entrenamiento (Primera Parte). **El Entrenador Español**, Madrid, n. 81, p. 47-57, jun., 1999.

CABEZAS, M. M.; BENÍTEZ, M. A. G.; GÓMEZ, L. C. J.; CARRÉGALO, R. R. T. Estudio observacional de la participación de la Selección Española em el Campeonato Del Mundo de fútbol 2002. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 94, p. 12-32, out., 2002.

CABEZÓN, J. M. Y. ; FERNÁNDEZ, J. P. Aproximación al conocimiento dela eficácia em el fútbol. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 64, p. 46-52, mar., 1995.

CABEZÓN, J. M. Y. El ataque del portero em el Mundial de Fútbol USA 94. **El Entrenador Español**, Madrid, 67: 38-48, dez., 1995.

CASTELLANO PAULIS, J. ; ZUBYAGA, A. Z. Análisis de los goles Mundial USA 94 (2ª Parte). **El Entrenador Español**, Madrid, n. 65, p. 46-57, jun., 1995.

_____. Análisis de los goles Mundial USA 94 (3ª Parte). **El Entrenador Español**, Madrid, n. 66, p. 12-21, set., 1995.

CASTELLANO PAULIS, J. ; RODRIGUES, A. P.; PASTOR, D. A. Poseer o no poseer el balón en fútbol, esa es la cuestión. In: Castellano Paulis, J. ;

Arruabarrena, O. U. **Investigation em La Actividad Fisica y Deporte II**. Universidad Del País Vasco, 2007, cap. 11, p. 181-92.

_____. Seguimiento intensivo de contextos de interacción em el Mundial de Alemania 2006. In: Castellano Paulis, J. ; Arruabarrena, O. U. **Investigation em La Actividad Fisica y Deporte II**. Universidad Del País Vasco, 2007, cap. 13, p. 205-14.

CASTELLANO PAULIS, J. ; RODRIGUES, A. P.; VILLASEÑOR, A. B. Estudio de la variabilidad del juego desplegado por los equipos em diferentes mundiales de fútbol. **Psicothema**, v. 20, n.4, p. 928-932, 2008.

CASTELLANO PAULIS, J. et al. Es importante marcar primero em um partido de fútbol ? .**Estudio mundiales**, Universidad de Málaga, v. 10, n. 1, p. 01-12, 2009.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **A História das Copas do Mundo – 50 Anos de Emoção e Gol**. Rio de Janeiro: Block Editores, 1980.

COSTAS, A. C. Breve estudio sobre elementos técnico-tácticos del fútbol actual. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 62, p. 52-58, set., 1994.

CRUIFF, J. **Futebol Total**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

DUARTE, M. **História do Futebol: As Origens do Planeta Bola**. Coleção Revista Placar, n. 1, 1998.

ESCARTIN, P. **Apoteose do Brasil**. Rio de Janeiro: Monterrey, 1959.

_____. **El Mundial defensivo**. Madri: Pedro Pueyo, 1966.

_____. **El Mundial de Alemania**. Madri: Pedro Pueyo, 1974.

FIFA. Copa Mundial: Estudio Técnico Argentina /78. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 4, p. 72-81, abr., 1980.

FILHO, B. **Brasil em Copas do Mundo**. São Paulo: Editora Panorama, 2004.

FERNANDES, J. L. **Futebol: ciência , arte ou ... sorte!** . São Paulo: EPU, 1994.

FOLGUEIRA, S. V. Dinámica goleadora en el Mundial de fútbol 2002. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 96, p. 18-29, mar., 2003.

_____. Realidad de la estrategia, contraataque emergente sobre el ataque em el Campeonato Mundial de Fútbol 2006. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 114, p. 32-50, out., 2007.

_____. El credito ofensivo de las selecciones de fútbol em el Campeonato Europeo 2008. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 118, p. 20-35, dez., 2008.

GAMA, V. **Análise da evolução dos sistemas de jogo no futebol através dos tempos: no mundo e, especialmente no Brasil**. Rio Claro: UNESP, 1991.

GALÁN, M. A. J. Sistemas, tácticas y números del Mundial Francia 98. Primera Parte. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 79, p. 34-57, dez., 1998.

GALÁN, M. A. J. ; ALONSO, U. Sistemas, tácticas y números del Mundial 94. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 63, p. 26-45, dez., 1994.

_____. Copa América 95: conclusiones tácticas. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 66, p. 22-26, set., 1995.

GARCÍA, J. A. M. Análisis de la estrategia em el Mundial 94. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 62, p. 12-27, set., 1994.

_____. Campeonato del Mundo do Fútbol Francia 98: análisis del juego del equipo campeón del mundo. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 79, p. 22-33, dez., 1998.

GARGANTA, J. M. **Modelação táctica do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipes de alto rendimento**. 1997. 302f. Tese

(Doutorado) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1997.

GARGANTA, J.; MAIA, J.; BASTO, F. Analysis of goal scoring: patterns in European top level soccer teams. In: Reilly, T.; Bangsbo, J.; Hughes, M. **Science and Football III**. London: E & FN SPON, 1995, p. 246-257.

GAYOSO, F. Los tiros em fútbol. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 4, p. 31-36, abr., 1980.

_____. Breve estudio comparativo de la cantidad de ensayos de los tiros ejecutados em la Eurocopa 80 com respecto al Mundial 78. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 5, p. 63-70, jul., 1980.

_____. Causas determinantes de la poca frecuencia de los tiros em general y de los tiros desde la larga distancia em particular (I Parte). **El Entrenador Español**, Madrid, n. 5, p. 12-18, jul., 1980.

_____. Los goles em La Liga Española de 1ª División 80-81. Resumen de su distribución por tiempos, zonas, distancias, jugadores, ejecutantes... **El Entrenador Español**, Madrid, n. 9, p. 38-47, jul., 1981.

_____. Los goles para El Mundial 82: resumen esquemático de los goles conseguidos por las 22 selecciones em la fase de clasificación. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 12, p. 53-69, abr., 1982.

GEHRINGER, M. **A Saga da Jules Rimet: A História das Copas de 1930 a 1970**. Suplemento da Revista Placar. São Paulo: Abril, 2006.

GODIK, M.A. **Futebol: Preparação dos futebolistas de alto nível**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra, 1996.

GREHAIGNE, J. F.; MARCHAL, D.; DUPRAT, E. Regaining possession of the ball in the defensive area in soccer. In: Reilly, T.; Korkusuz, F.; Murphy, A. **Science and Football IV**. London: E & FN SPON, 2002, p. 112-120.

GUIMARÃES, M. F. **Análise do sistema de jogo utilizado pela Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2002**. 2002. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002.

HESS, R. El pase hacia atrás como médio de avance. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 6, p. 44-45, out., 1980.

HUGHES, M.; FRANKS, I. Analysis of passing sequences, shots and goals in soccer. **Journal of Sports Sciences**, v. 23, n. 5, p. 509-514, 2005.

JINSHAN, X.; XIAOKE, C.; YAMANAKA, K.; MATSUMOTO, M. Analysis of the goals in the 14th World Cup. In: Reilly, T. **Science and Football II**. London: E & FN SPON, 1993, p. 203-205.

KFOURI, A. Anatomia de um vexame. **Revista ESPN**, São Paulo, n. 9, p. 48-50, jul., 2010.

KFOURI, J.; RODRIGUES, J. L. **Copa 1990**. Especial Placar nas Copas, São Paulo, p.32-35, 2002.

KSIONDA, J.; SLEDZIEWSKI, D. Análisis de las acciones ofensivas durante los XII Campeonatos Mundiales de Fútbol España 1982. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 16, p. 13-19, abr., 1983.

_____. Las perdidas de balón durante los Mundiales de Fútbol-España 82. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 17, p. 38-43, jul., 1983.

_____. Elaboración del modelo de juego para um equipo ideal de fútbol. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 18, p. 22-8, out., 1983.

LAGO, C. Ganar o perder en el fútbol de alto nivel. Uma questão de sorte?. **European Journal of Human Movement**, v. 14. p. 135-150, 2005.

LAGO, C.; MARTIN, R. Determinants of possession of ball in soccer. **Journal of Sports Sciences**, v. 25, n. 9, p. 969-974, 2007.

LAGO-PEÑAS, C.; DELLAL, A. Ball possession strategies in elite soccer according to the evolution of the match-score: the influence of situational variables. **Journal of Human Kinetics**, v. 25, p. 93-100, 2010.

LEITÃO, R. A. A.; GUERREIRO JR, F. C.; ZAGO, L.; MORAES, A. C. Análise da incidência de gols por tempo de jogo no Campeonato Brasileiro de futebol 2001: estudo comparativo entre as primeiras e últimas equipes colocadas na tabela de classificação. **Revista Conexões**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 195-212, 2003.

LEITÃO, R. A. A. **Futebol**: análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos de jogo. 2004. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. **O jogo de futebol**: investigação de sua estrutura, de seus modelos e da inteligência de jogo, do ponto de vista da complexidade. 2009. 244f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

LÓPEZ, M. G. Desarrollo y Finalizacion de las Acciones Ofensivas: Análisis Comparativo USA 94, Francia 98 y Liga Española 98-99. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 4, n. 17, 1999.

_____. Relaciones temporales y frecuencia de las acciones em el desarrollo de un partido de fútbol: análisis comparativo Francia 98 y Liga Española 98-99.

El Entrenador Español, Madrid, n. 85, p. 22-33, jul., 2000.

LÓPEZ, M. G.; ALCALDE, J. A. El tiempo de posesión como variable no determinante del resultado en los partidos de fútbol. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 97, p. 39-57, jul., 2003.

LUHTANEN, P.H. A statistical evaluation of offensive actions in soccer at World Cup level in Italy 1990. In: Reilly, T. **Science and Football II**. London: E & FN SPON, 1993, p. 215-220.

LUHTANEN, P.H.; KORHONEN, V.; IIKKA, A. A new notational analysis system with special reference to the comparison of Brazil and its opponents in the World Cup 1994. In: Reilly, T.; Bangsbo, J.; Hughes, M. **Science and Football III**. London: E & FN SPON, 1995, p. 229-232.

MAGALHÃES JUNIOR, W. J. **Análise do sistema de jogo utilizado pela equipe de futebol da França na Copa 98**. 1999. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1999.

MAIA, C. Garrincha não apareceu. **Revista ESPN**, São Paulo, n. 9, p. 51, jul., 2010.

MARCHE, A. L. **Análise comparativa dos sistemas de jogo utilizados pela Seleção Brasileira de futebol nas Copas do Mundo de 1994 e 2002**. 2006. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

MARTIN, S. M. Los tiros en México 86 (I Parte). **El Entrenador Español**, Madrid, n. 30, p. 23-30, dez., 1986.

_____. Los tiros en México 86 (II Parte). **El Entrenador Español**, Madrid, n. 31, p. 34-42, mar., 1987.

_____. Los tiros en México 86 (III Parte). **El Entrenador Español**, Madrid, n. 32, p. 20-25, jul., 1987.

MAUDES, R. B. El Sistema, los jugadores o la táctica? **El Entrenador Español**, Madrid, n. 61, p. 49-52, jun., 1994.

MÁXIMO, J. **História das Copas do Mundo**. Suplemento da Revista Placar, São Paulo: Editora Abril, 1986.

NAPOLEÃO, A. C.; ASSAF, R. **Seleção Brasileira: 1914-2006**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

NAVARA, M. Tendencias del desarrollo del fútbol mundial. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 16, p. 46-48, abr., 1983.

NOGUERA, M. A. Análisis de las faltas cometidas em fútbol y tiempo de posesión del balón. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 4, p. 26-30, abr., 1980.

OGAWA, A.; XAVIER FILHO, S.; GARCIA, S. **Copa 1998**. Especial Placar nas Copas, São Paulo, p. 44-50, 2002.

OLSEN, E.; LARSEN, O. Use of match analysis by coaches. In: Reilly, T.; Bangsbo, J.; Hughes, M. **Science and Football III**. London: E & FN SPON, 1995, p. 209-220.

PALOMINO, F.; RIGOTTI, L.; RUSTICHINI, A. Skill, strategy, and passion: an empirical analysis of soccer. **Discussion Paper 129**, Tilburg University, Center for Economic Research, p. 01-33, 1998.

PAPAHRISTODOULOU, C. An analysis of UEFA Champions League match. **Internacional Journal of Applied Sports Sciences**, v. 20, n. 1, p. 67-93, 2008.

PARTRIDGE, D.; MOSHER, R.E.; FRANKS, I.M. A computer assisted analysis of technical performance – A comparison of the 1990 World Cup and intercollegiate soccer. In: Reilly, T. **Science and Football II**. London: E & FN SPON, 1993, p. 221-231.

PAULA, S. J. de. **Análise comparativa dos sistemas de jogo e das ações técnicas realizadas pela Seleção Brasileira de futebol**. 2008. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

PERDIGÃO, P. **Anatomia de Uma Derrota**. Porto Alegre: L & PM Editores Ltda, 1986.

POLLARD, R.; REEP, C. Measuring the effectiveness of playing strategies at soccer. **The Statiscian**, v. 46, n. 4, p. 541-550, 1997.

REEP, C.; BENJAMIN, B. **Skill and Chance in Association Football**. Journal Royal Statistical Society, n. 131, p. 581-585, 1968.

REGIS, J. Por decreto, não. **Revista Placar**, São Paulo, n. 225, p. 03, 1974.

_____. Fora! Chega! Basta! . **Revista Placar**, São Paulo, n. 427, p. 03, 1978.

RIBAS, L. V. **O Mundo das Copas: as curiosidades, os momentos históricos e os principais lances do maior espetáculo do esporte mundial**. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

RIBEIRO, A.; PERRONE, R. 4 anos em 20 minutos. **Revista Placar**, São Paulo, n. 1344, p. 40-48, jul., 2010.

ROMERO, A. I. Acciones ofensivas y defensivas de los porteros basadas em el Mundial de Francia 98 (Primera Parte). **El Entrenador Español**, Madrid, n. 80, p. 45-58, mar., 1999.

_____. Acciones ofensivas y defensivas de los porteros basadas em el Mundial de Francia 98 (Segunda Parte). **El Entrenador Español**, Madrid, n. 81, p. 12-26, jun., 1999.

RUBIO, J. M. El rendimiento dela Selección Brasileña de fútbol em función del trabajo defensivo que efectúan todos sus componentes contra el atacante com balón (presión colectiva).Aplicaciones prácticas: analisis observacional de su participación em las dos finales consecutivas de la Copa Del Mundo de La FIFA de 1998 y 2002. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 105, p. 12-46, jul., 2005.

SAES, L. R.; JESUS E. C.; SOUZA F. B. **Análise quantitativa e qualitativa dos gols da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2002**. In: XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, São José dos Campos (SP), Universidade do Vale do Paraíba, 2007.

SLEDZIEWSKI, D.; KSIONDA, G. Investigaciones sobre los condicionantes de la efectividad del juego del fútbol. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 12, p. 33-38, abr., 1982.

SLEDZIEWSKI, D. XIII Campeonatos Mundiales de Fútbol, Méjico'86: Análisis de las acciones de gol. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 34, p. 08-17, dez., 1987.

SUÁREZ, T. A.; SANSURJO, C. A. C. Evaluación de las acciones ofensivas de êxito em fútbol 11 mediante diseños diacrônicos intensivos retrospectivos. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 100, p. 20-29, mar., 2004.

SZWARC, A. Efficacy of successful and unsuccessful soccer teams taking part in finals of Champions League. **Medsportpress**, v. 13, n. 2, p. 221-225, 2007.

SZWARC, A. Effectiveness of Brazilian and German teams and the teams defeated by them during the 17th FIFA World Cup. **Kinesiology**, v. 36, n. 1, p. 83-89, 2004.

URIONDO, L. F. Estudio sobre las estrategias utilizadas en la ejecución de faltas cercanas a las áreas em partidos del Mundial México-86 retransmitidos por TVE. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 33, p. 45-50, jul., 1987.

VENDITE, L. L.; MORAES, A. C.; VENDITE, C. C. **Scout no Futebol: Uma Análise Estatística**. In: Congresso Científico Latino-Americano FIEP-UNICAMP, Piracicaba, Brasil, 2000.

VENDITE, C. C.; VENDITE, L. L.; MORAES, A. C. **Scout no Futebol: Uma Ferramenta para a Imprensa Esportiva**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação UERJ, Rio de Janeiro, 2005.

VENDITE, C. C. **Sistema, estratégia e tática de jogo: uma análise dos profissionais que atuam no futebol**. 2006. 66f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

WRZOS, J. Análisis del juego ofensivo delos mejores equipos de los Campeonatos Mundiales del Fútbol de 1978. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 10, p. 12-19, out., 1981.

YAMANAKA, K.; HUGHES, M.; LOTT, M. An analysis of the playing patterns in the 1990 World Cup for Association Football. In: Reilly, T. **Science and Football II**. London: E & FN SPON, 1993, p. 206-214.

YAMANAKA, K.; HUGHES, M.; LIANG, D. Y. An analysis of the playing patterns of the Japan National Team in the 1994 World Cup qualifying match for Asia. In: Reilly, T.; Bangsbo, J.; Hughes, M. **Science and Football III**. London: E & FN SPON, 1995, p.221-228.

YAMANAKA, K.; NISHIKAWA, T.; YAMANAKA, T.; HUGHES, M. D. An Analysis of the playing patterns of the Japan National Team in the 1998 World Cup for soccer. In: Reilly, T.; Korkusuz, F.; Murphy, A. **Science and Football IV**. London: E &FN SPON, 2002, p. 101-105.

ZABAL, L. A. P.; VIVES, E. V. i. Análisis de la estrategia a balón parado em USA 94. **El Entrenador Español**, Madrid, n. 69, p. 48-57, jun., 1996.

APÊNDICE 1 - JOGOS ANALISADOS

COPA DO MUNDO 1958 – SUÉCIA

BRASIL 5X2 FRANÇA (24/06 – Solna)

Brasil: Gilmar, De Sordi, Orlando, Bellini, Nilton Santos, Zito, Didi, Zagallo, Pelé, Garrincha, e Vavá.

França: Abbes, Kaelbel, Lerond, Jonquet, Marcel, Penverne, Fontaine, Kopa, Piantoni, Vincent, e Wisnieski.

Gols: Vavá (2); Fontaine (9); Didi (39); Pelé (52, 64,75); e Piantoni (83)

BRASIL 5X2 SUÉCIA (29/06 – Solna)

Brasil: Gilmar, Djalma Santos, Orlando, Bellini, Nilton Santos, Zito, Didi, Zagallo, Pelé, Garrincha, e Vavá.

Suécia: Svensson, Bergmark, Axbom, Liedholm, Parling, Hamrin, Gren, Simonsson, Skoglund, Gustavsson, e Borgesson.

Gols: Liedholm (4), Vavá (9,32), Pelé (55, 90), Zagallo (68), e Simonsson (80).

COPA DO MUNDO 1962 – CHILE

BRASIL 2 X 0 MÉXICO (30/05 – Vina del Mar)

Brasil: Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Zito, Mauro, Zózimo, Garrincha, Didi, Vavá, Pelé, e Zagallo.

México: Carbajal, Del Muro, Villegas, Cardenas, Sepúlveda, Najera, Del Aguilla, Reyes, Hernandez, Jasso, e Diaz.

Gols: Zagallo (56), e Pelé (73).

BRASIL 2 X 1 ESPANHA (06/06 - Vina del Mar)

Brasil: Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Zito, Mauro, Zózimo, Garrincha, Didi, Vavá, Amarildo, e Zagallo.

Espanha: Araquistain, Rodrigues, Gracia, Verges, Echeverria, Pachin, Collar, Adelardo, Puskas, Peiro, e Gento.

Gols: Adelardo (35), e Amarildo (72,86).

BRASIL 3 X 1 INGLATERRA (10/06 – Vina del Mar)

Brasil: Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Zito, Mauro, Zózimo, Garrincha, Didi, Vavá, Amarildo, e Zagallo.

Inglaterra: Springett, Armfield, Bob Moore, Wilson, Norman, Flowers, Douglas, Greaves, Hitchens, Haynes, e Bob Charlton.

Gols: Garrincha (32,59), Hitchens (36), e Vavá (54).

BRASIL 4 X 2 CHILE (13/06 – Santiago)

Brasil: Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Zito, Mauro, Didi, Zózimo, Garrincha, Vavá, Amarildo, e Zagallo.

Chile: Escuti, Eyzaguirre, Rodrigues, Contreras, R. Sanchez, Rojas, Ramirez, Toro, Landa, Tobar, e L. Sanchez.

Gols: Garrincha (9,32), Toro (42), Vavá (47,78), e L. Sanchez (61).

BRASIL 3 X 1 TCHECOSLOVÁQUIA (17/06 – Santiago)

Brasil: Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Zito, Mauro, Zózimo, Garrincha, Didi, Vavá, Amarildo, e Zagallo.

Tchecoslováquia: Schroif, Tichy, Novak, Pluskal, Popluhar, Masopust, Pospichal, Scherer, Kadabra, Kvasnak, e Jelinek.

Gols: Masopust (15), Amarildo (17), Zito (69), e Vavá (78).

COPA DO MUNDO 1966 – INGLATERRA

BRASIL 2 X 0 BULGÁRIA (12/07 – Liverpool)

Brasil: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Altair, Paulo Henrique, Denílson, Lima, Garrincha, Alcindo, Pelé, e Jairzinho.

Bulgária: Naidenov, Schalamanov, Penev, Kutzov, Gaganelov, Kitov, Jetchev, Dermendjev, Asparukhov, Iakmov, e Kolev.

Gols: Pelé (15), e Garrincha (63).

BRASIL 1 X 3 HUNGRIA (15/07 – Liverpool)

Brasil: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Altair, Paulo Henrique, Gérson, Lima, Garrincha, Alcindo, Tostão, e Jairzinho.

Hungria: Gelei, Mátrai, Kaposzta, Mészoly, Sipos, Szepesi, Mathesz, Rákosi, Bene, Farkas, e Albert.

Gols: Bene (2), Tostão (14), Farkas (64), e Mészoly (72).

BRASIL 1 X 3 PORTUGAL (19/07 – Liverpool)

Brasil: Manga, Fidélis, Brito, Orlando, Rildo, Denílson, Lima, Jairzinho, Silva, Pelé, e Paraná.

Portugal: Pereira, Morais, Baptista, Vicente, Hilário, Graça, Coluna, Augusto, Euzébio, Torres, e Simões.

Gols: Simões (14), Euzébio (26,85), e Rildo (72).

COPA DO MUNDO 1970 – MÉXICO

BRASIL 4 X 1 TCHECOSLOVÁQUIA (03/06 – Guadalajara)

Brasil: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gérson (Paulo César), Rivelino, Jairzinho, Tostão, e Pelé.

Tchecoslováquia: Viktor, Dobias, Migas, Horvath, Hagara, Kuna, Hrdlicka (Kvasnak), F. Vesely (B. Vesely), Petras, Adamec, e Jokl.

Gols: Petras (12), Rivelino (25), Pelé (60), e Jairzinho (64,82).

BRASIL 1 X 0 INGLATERRA (07/06 – Guadalajara)

Brasil: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Paulo César, Rivelino, Jairzinho, Tostão (Roberto), e Pelé.

Inglaterra: Banks, Wright, Labone, Bob Moore, Cooper, Mullery, Ball, Bob Charlton (Astle), Peters, Lee (Bell), e Hurst.

Gol: Jairzinho (60).

BRASIL 3 X 2 ROMÊNIA (10/06 – Guadalajara)

Brasil: Félix, Carlos Alberto, Brito, Fontana, Everaldo (Marco Antonio), Clodoaldo (Edu), Piazza, Paulo César, Jairzinho, Tostão, e Pelé.

Romênia: Adamache (Raducanu), Satmareanu, Lupescu, Dinu, Mocanu, Dumitru, Nunweiler, Dembrowschi, Lucescu, Neagu, e Dumitrache (Tataru).

Gols: Pelé (19,66), Jairzinho (21), Dumitrache (33) e Dembrowschi (82).

BRASIL 4 X 2 PERÚ (14/06 - Guadalajara)

Brasil: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Marco Antonio, Clodoaldo, Gérson (Paulo César), Rivelino, Jairzinho (Roberto), Tostão, Pelé.

Peru: Rubinos, Campos, Fernandez, Chumpitaz, Fuentes, Challe, Mifflin, Baylon (Sotil), Leon (Reyes), Cubillas, e Gallardo.

Gols: Rivelino (11), Tostão (15,52), Gallardo (28), Jairzinho (75), e Cubillas (69).

BRASIL 3 X 1 URUGUAI (17/06 – Guadalajara)

Brasil: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gérson, Rivelino, Jairzinho, Tostão, e Pelé.

Uruguai: Mazurkiewicz, Ubinas, Ancheta, Matosas, Mujica, Montero Castilho, Maneiro (Esparrago), Cubilla, Cortes, Fontes, e Morales.

Gols: Cubilla (18), Clodoaldo (45), Jairzinho (76), e Rivelino (90).

BRASIL 4 X 1 ITÁLIA (21/06 – Cidade do México)

Brasil: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gérson, Rivelino, Jairzinho, Tostão, e Pelé.

Itália: Albertosi, Burgnich, Cera, Rosato, Facchetti, Bertini (Juliano), Domenghini, Mazzola, De Sisti, Boninsegna (Rivera), e Riva.

Gols: Pelé (17), Boninsegna (37), Gérson (65), Jairzinho (71), e Carlos Alberto (87).

COPA DO MUNDO 1974 – ALEMANHA OCIDENTAL

BRASIL 0 X 0 IUGOSLÁVIA (13/06 – Frankfurt)

Brasil: Leão, Nelinho, Marinho Peres, Luis Pereira, Marinho Chagas, Piazza, Rivelino, Paulo César, Valdomiro, Jairzinho, e Leivinha.

Iugoslávia: Maric, Buljan, Katalinski, Bogicevic, Hadziabidic, Muzinic, Oblak, Acimovic, Petkovic, Surjak, e Dzajic.

BRASIL 0 X 0 ESCÓCIA (18/06 – Frankfurt)

Brasil: Leão, Nelinho, Luis Pereira, Marinho Peres, Marinho Chagas, Piazza, Rivelino, Paulo César, Jairzinho, Mirandinha, e Leivinha (Carpegianni)

Escócia: Harvey, Jardine, McGrain, Buchan, Holton, Bremner, Dalglish, Hay, Morgan, Jordan, e Lorimer.

BRASIL 3 X 0 ZAIRE (22/06 – Frankfurt)

Brasil: Leão, Nelinho, Luis Pereira, Marinho Peres, Marinho Chagas, Piazza (Mirandinha), Rivelino, Carpegianni, Jairzinho, Leivinha (Valdomiro), e Edu.

Zaire: Kasadi, Mwepu, Mukombo, Buhanga, Lobilo, Kobonge, Tshinabu (Kembo), Mana, Ntumba, Kidumu (Kilasu), e Myanga.

Gols: Jairzinho (12), Rivelino (67), e Valdomiro (79).

BRASIL 1 X 0 ALEMANHA ORIENTAL (26/06 – Hannover)

Brasil: Leão, Luis Pereira, Zé Maria, Marinho Peres, Marinho Chagas, Rivelino, Carpegianni, Paulo César, Valdomiro, Jairzinho, e Dirceu.

Alemanha Oriental: Croy, Kische, Bransch, Weise, Watzlich, Lauck (Lowe), Hamann (Irmscher), Kurbjuweit, Streich, Sparwasser, e Hoffmann.

Gol: Rivelino (61).

BRASIL 2 X 1 ARGENTINA (30/06 – Hannover)

Brasil: Leão, Zé Maria, Luis Pereira, Marinho Peres, Marinho Chagas, Rivelino, Carpegianni, Paulo César, Valdomiro, Jairzinho, e Dirceu.

Argentina: Carnevali, Glaria, Bargas, Heredia, Sa (Carrascosa), Brindisi, Squeo, Babington, Balbuena, Ayala, e Kempes (Houseman).

Gols: Rivelino (31), Brindisi (34), e Jairzinho (48).

BRASIL 0 X 2 HOLANDA (03/07 – Dortmund)

Brasil: Leão, Zé Maria, Luis Pereira, Marinho Peres, Marinho Chagas, Carpegianni, Rivelino, Paulo César (Mirandinha), Valdomiro, Jairzinho, e Dirceu.

Holanda: Jongbloed, Suurbier, Rijsbergen, Haan, Krol, Jansen, Neeskens (Israel), Van Hannegem, Rep, Cruiff, e Resenbrink (de Jong).

Gols: Neeskens (50), e Cruiff (65).

BRASIL 0 X 1 POLÔNIA (06/07 – Munique)

Brasil: Leão, Zé Maria, Alfredo, Marinho Peres, Marinho Chagas, Rivelino, Carpegianni, Ademir da Guia (Mirandinha), Valdomiro, Jairzinho, e Dirceu.

Polônia: Tomaszewski, Szymanowski, Gorgon, Zmuda, Musial, Kasperczak (Kapka), Maszczyk, Deyna, Lato, Szarmach (Cmikiewicz), e Gadocha.

Gol: Lato (76)

COPA DO MUNDO 1978 – ARGENTINA**BRASIL 1 X 1 SUÉCIA** (03/06 – Mar del Plata)

Brasil: Leão, Oscar, Toninho, Amaral, Edinho, Batista, Zico, Cerezo, Gil (Nelinho), Reinaldo, e Rivelino.

Suécia: Hellstrom, Andersson, Borg, Nordqvist, Erlandsson, L.Larsson (Edstrom), Tapper, Linderoth, Bo Larsson, Sjoberg, e Wendt.

Gols: Sjoberg (37), e Reinaldo (45+).

BRASIL 0 X 0 ESPANHA (07/06 – Mar del Plata)

Brasil: Leão, Amaral, Nelinho (Gil), Oscar, Edinho, Cerezo, Batista, Zico (Jorge Mendonça), Dirceu, Toninho, e Reinaldo.

Espanha: Miguel Angel, Olmo, Marcelino, Migueli (Biosca), Uria (Guzman), Leal, Asensi, Cardenosa, San Jose, Juanito, e Santillana.

BRASIL 1 X 0 AUSTRIA (11/06 – Mar del Plata)

Brasil: Leão, Amaral, Toninho, Oscar, Rodrigues Neto, Batista, Cerezo (Chicão), Dirceu, Gil, Jorge Mendonça (Zico), e Roberto.

Áustria: Koncilia, Obermayer, Sara, Pezzey, Breitenberger, Hickersberger (Weber), Prohaska, Jará, Krieger (Happich), Kreuz, e Krankl.

Gol: Roberto (40).

BRASIL 3 X 0 PERÚ (14/06 – Mendoza)

Brasil: Leão, Oscar, Amaral, Toninho, Rodrigues Neto, Cerezo (Chicão), Dirceu, Batista, Jorge Mendonça, Gil (Zico), e Roberto.

Peru: Quiroga, Chumpitaz, Diaz (Navarro), Manso, Duarte, Velásquez, Cueto, Cubillas, Munante, La Rosa, e Oblitas (Rojas).

Gols: Dirceu (15,28), e Zico (73).

BRASIL 0 X 0 ARGENTINA (18/06 – Rosário)

Brasil: Leão, Amaral, Toninho, Oscar, Rodrigues Neto (Edinho), Chicão, Batista, Dirceu, Jorge Mendonça (Zico), Gil, e Roberto.

Argentina: Fillol, Olguin, Galvan, Passarella, Tarantini, Ardiles (Villa), Gallego, Ortiz (Alonso), Kempes, Bertoni, e Luque.

BRASIL 3 X 1 POLONIA (21/06 – Mendoza)

Brasil: Leão, Amaral, Oscar, Toninho, Nelinho, Cerezo (Rivelino), Batista, Dirceu, Zico (Jorge Mendonça), Gil, e Roberto.

Polônia: Kukla, Gorgon, Szymanowski, Zmuda, Maculewicz, Kasperczyk (Lubanski), Nawalka, Deyna, Boniek, Lato, e Szarmach.

Gols: Nelinho (12), Lato (45), e Roberto (57,63).

BRASIL 2 X 1 ITÁLIA (24/06 – Buenos Aires)

Brasil: Leão, Amaral, Oscar, Nelinho, Rodrigues Neto, Batista, Cerezo (Rivelino), Dirceu, Gil (Reinaldo), Roberto, e Jorge Mendonça.

Itália: Zoff, Scirea, Cabrini, Gentile, Cuccureddu, Maldera, Antognoni (C.Sala), P. Sala, Causio, Rossi, e Bettega.

Gols: Causio (38), Nelinho (64), e Dirceu (72).

COPA DO MUNDO 1982 – ESPANHA**BRASIL 2 X 1 UNIÃO SOVIÉTICA** (14/06 – Sevilla)

Brasil: Valdir Peres, Leandro, Oscar, Luizinho, Junior, Falcão, Sócrates, Zico, Dirceu (Paulo Izidoro), Serginho, e Éder.

União Soviética: Dasaev, Sulakvelidze, Chivadze, Baltacha, Demianenko, Bessonov (Susleparov), Gavrilov (Andreev), Daraselia, Shengelia, Bal, e Blokin.
Gols: Bal (34), Sócrates (75), e Éder (87).

BRASIL 4 X 1 ESCÓCIA (18/06 – Sevilla)

Brasil: Valdir Peres, Leandro, Oscar, Luisinho, Junior, Falcão, Cerezo, Sócrates, Zico, Serginho (Paulo Isidoro), e Éder.

Escócia: Rough, Narey, Miller, Hansen, Gray, Hartford (McLeis), Souness, Robertson, Strachan (Dalglish), Wark, e Archibald.

Gols: Narey (18), Zico (33), Oscar (48), Éder (64), e Falcão (87).

BRASIL 4 X 0 NOVA ZELÂNDIA (23/06 – Sevilla)

Brasil: Valdir Peres, Leandro, Oscar (Edinho), Luisinho, Junior, Falcão, Cerezo, Sócrates, Zico, Serginho (Paulo Isidoro), e Éder.

Nova Zelândia: Van Hattun, Dodds, McLure, Herbert, Elrick, McKay, Boath, Creswell (Cole), Sumner, Ruffer (Turner), e Woodin.

Gols: Zico (28,31), Falcão (55), e Serginho (70).

BRASIL 3 X 1 ARGENTINA (02/07 – Barcelona)

Brasil: Valdir Peres, Leandro (Edevaldo), Oscar, Luisinho, Junior, Cerezo, Sócrates, Falcão, Zico (Batista), Serginho, e Éder.

Argentina: Fillol, Olguin, Galvan, Passarella, Tarantini, Barbas, Ardiles, Maradona, Bertoni (Santamaría), Kempes (Diaz), e Calderon.

Gols: Zico (12), Serginho (66), Junior (74), e Diaz (89).

BRASIL 2 X 3 ITÁLIA (05/07 – Barcelona)

Brasil: Valdir Peres, Leandro, Oscar, Luisinho, Junior, Cerezo, Falcão, Sócrates, Zico, Serginho (Paulo Isidoro), e Éder.

Itália: Zoff, Gentile, Scirea, Collovati (Bergomi), Cabrini, Tardelli (Marini), Oriali, Antognoni, Conti, Rossi, e Graziani.

Gols: Rossi (5,25,75), Sócrates (12), e Falcão (68).

COPA DO MUNDO 1986 – MÉXICO***BRASIL 1 X 0 ESPANHA*** (01/06 – Guadalajara)

Brasil: Carlos, Edson, Edinho, Julio César, Branco, Alemão, Elzo, Júnior (Falcão), Sócrates, Careca, e Casagrande (Muller).

Espanha: Zubizarreta, Tomas, Munoz, Goicotchea, Camacho, Maceda, Michel, Lopez (Senor), Butragueno, Moreno, e Salinas.

Gol: Sócrates (63).

BRASIL 1 X 0 ARGÉLIA (06/06 – Guadalajara)

Brasil: Carlos, Édson (Falcão), Julio César, Edinho, Branco, Alemão, Elzo, Sócrates, Júnior, Careca, e Casagrande (Muller).

Argélia: Drid, Medjadi, Said, Megharia, Mansouri, Guendouz, Assad (Bensaoula), Mabrouk, Menad, Belloumi (Zidane), e Madjer.

Gol: Careca (67).

BRASIL 3 X 0 IRLANDA DO NORTE (12/06 – Guadalajara)

Brasil: Carlos, Josimar, Julio César, Edinho, Branco, Elzo, Alemão, Sócrates (Zico), Júnior, Careca, e Muller (Casagrande).

Irlanda do Norte: Jennings, Nicholl, McDonald, O Neill, Donaghy, Campbell (Armstrong), McIlroy, McCreery, Stewart, Clarke, e Whiteside (Hamilton).

Gols: Careca (15,87), e Josimar (41).

BRASIL 4 X 0 POLÔNIA (16/06 – Guadalajara)

Brasil: Carlos, Josimar, Julio César, Edinho, Branco, Elzo, Alemão, Sócrates (Zico), Júnior, Careca, e Muller (Silas).

Polônia: Mlynarczyk, Wojcicki, Przybys (Furtok), Majewski, Ostrowski, Tarasiewicz, Karas, Urban (Zmuda), Dziekanowski, Boniek, e Smoralek.

Gols: Sócrates (30), Josimar (55), Edinho (79), e Careca (83).

BRASIL 1 X 1 FRANÇA (21/06 – Guadalajara), ***pen. 4 x 5***

Brasil: Carlos, Josimar, Edinho, Julio César, Branco, Elzo, Alemão, Sócrates, Júnior (Silas), Careca, e Muller (Zico).

França: Bats, Amoros, Tusseau, Battiston, Bossis, Giresse (Ferreri), Platini, Fernandez, Rocheteau (Bellone), Tigana, e Stopyra.

Gols: Careca (18), e Platini (42).

COPA DO MUNDO 1990 – ITÁLIA

BRASIL 2 X 1 SUÉCIA (10/06 – Turim)

Brasil: Taffarel, Jorginho, Ricardo Gomes, Mozer, Mauro Galvão, Branco, Dunga, Alemão, Valdo (Silas), Careca, e Muller.

Suécia: Ravelli, R.Nilsson, Larsson, Ljung (Stromberg), Schwarz, Ingesson, Limpar, Thern, J.Nilsson, Brolin, e Magnusson (Petterson).

Gols: Careca (40,64), e Brolin (79).

BRASIL 1 X 0 COSTA RICA (16/06 – Turim)

Brasil: Taffarel, Ricardo Gomes, Mauro Galvão, Mozer, Jorginho, Branco, Alemão, Dunga, Valdo (Silas), Careca (Bebeto), e Muller.

Costa Rica: Conejo, Marchena, Gonzalez, Montero, Chavez, Flores, Chavarria, Ramirez, Jará (Mayers), Gómez, e Cayasso (A. Guimarães).

Gol: Muller (32).

BRASIL 1 X 0 ESCÓCIA (19/06 – Turim)

Brasil: Taffarel, Ricardo Gomes, Ricardo Rocha, Mauro Galvão, Jorginho, Branco, Alemão, Dunga, Valdo, Careca, e Romário (Muller).

Escócia: Leighton, McKimmie, McPherson, McLeish, Malpas, Atken, McLeod (Gillespie), McStay, McCall, McCoist (Fleck), e Johnstone.

Gol: Muller (82).

BRASIL 0 X 1 ARGENTINA (24/06 – Turim)

Brasil: Taffarel, Ricardo Rocha, Ricardo Gomes, Mauro Galvão (Silas), Jorginho, Branco, Alemão (Renato), Dunga, Valdo, Careca, e Muller.

Argentina: Goycochea, Simon, Ruggeri, Monzon, Olarticochea, Giusti, Basualdo, Burruchaga, Maradona, Troglio (Calderon), e Cannigia.

Gol: Cannigia (81).

COPA DO MUNDO 1994 – EUA**BRASIL 2 X 0 RUSSIA** (20/06 – San Francisco)

Brasil: Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha (Aldair), Márcio Santos, Leonardo, Mauro Silva, Dunga (Mazinho), Raí, Zinho, Bebeto, e Romário.

Rússia: Kharin, Gorlukovich, Nikoforov, Ternawski, Kusnetsov, Khlestov, Karpin, Piatnitski, Tsymbalar, Radchenko (Borodiuk), e Yuran (Salenko).

Gols: Romário (26), e Raí (52).

BRASIL 3 X 0 CAMARÕES (24/06 – San Francisco)

Brasil: Taffarel, Jorginho, Márcio Santos, Aldair, Leonardo, Mauro Silva, Dunga, Raí (Muller), Zinho (Paulo Sérgio), Bebeto, e Romário.

Camarões: Bell, Tataw, Agbo, Song, Kalla, Foé, Libiih, Mbouh, Mfede (Kessak), Oman-Biyik, e Embé (Milla).

Gols: Romário (39), Márcio Santos (66), e Bebeto (73).

BRASIL 1 X 1 SUÉCIA (28/06 – Detroit)

Brasil: Taffarel, Jorginho, Márcio Santos, Aldair, Leonardo, Mauro Silva (Mazinho), Dunga, Raí (Paulo Sérgio), Zinho, Romário, e Bebeto.

Suécia: Ravelli, Nilsson, P. Andersson, Kamark, Ljung, Schwarz (Mild), Ingesson, Thern, Brolin, Larsson (Blomqvist), e K. Andersson.

Gols: K. Andersson (23), e Romário (47).

BRASIL 1 x 0 EUA (04/07 – San Francisco)

Brasil: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos, Leonardo, Mauro Silva, Dunga, Mazinho, Zinho (Cafu), Bebeto, e Romário.

EUA: Meola, Clavijo, Balboa, Lalas, Caligiuri, Dooley, Ramos (Wynalda), Sorber, Perez (Wegerle), Jones, e Stewart.

Gol: Bebeto (72).

BRASIL 3 X 2 HOLANDA (09/07 – Dallas)

Brasil: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos, Branco (Cafu), Dunga, Mauro Silva, Mazinho (Raí), Zinho, Bebeto, e Romário.

Holanda: De Goej, Koeman, Valckx, Wouters, Winter, Rijkaard (R. De Boer), Jonk, Witschge, Overmars, Bergkamp, e Van Vossen (Roy).

Gols: Romário (51), Bebeto (62), Bergkamp (64), Winter (76), e Branco (80).

BRASIL 1 X 0 SUÉCIA (13/07 – Los Angeles)

Brasil: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos, Branco, Dunga, Mauro Silva, Zinho, Mazinho (Raí), Bebeto, e Romário.

Suécia: Ravelli, Nilsson, P. Andersson, Bjorkblund, Ljung, Thern, Mild, Ingesson, Brodin, Dahlin (Rehn), e K. Andersson.

Gol: Romário (80).

BRASIL 0 X 0 ITÁLIA (17/07 – Los Angeles) **pen. 3 x 2**

Brasil: Taffarel, Jorginho (Cafu), Márcio Santos, Aldair, Branco, Dunga, Mauro Silva, Mazinho, Zinho (Viola), Bebeto, e Romário.

Itália: Pagliuca, Benarrivo, Mussi (Apolloni), Baresi, Maldini, Albertini, D. Baggio (Evani), Berti, Donadoni, R. Baggio, e Massaro.

COPA DO MUNDO 1998 – FRANÇA

BRASIL 2 X 1 ESCÓCIA (10/06 – Paris)

Brasil: Taffarel, Cafu, Junior Baiano, Aldair, Roberto Carlos, César Sampaio, Dunga, Giovanni (Leonardo), Rivaldo, Bebeto (Denílson), e Ronaldo.

Escócia: Leighton, Calderwood, Hendry, Boyd, Burley, Lambert, Jackson (B. McKinlay), Collins, Dailly (T. McKinlay), Durie, e Gallacher.

Gols: César Sampaio (5), Collins (38), e Boyd (c.74).

BRASIL 3 X 0 MARROCOS (16/06 – Nantes)

Brasil: Taffarel, Cafu, Aldair, Junior Baiano, Roberto Carlos, César Sampaio (Doriva), Dunga, Rivaldo (Denílson), Leonardo, Bebeto (Edmundo), e Ronaldo.

Marrocos: Benzekti, Saber (El Abrami), Rossi, Naybet, Hadrioui, Chippo, Khalej, Chiba (Amzine), Hadji, Hadda (El Khattabi), e Bassir.

Gols: Ronaldo (9), Rivaldo (47), e Bebeto (50).

BRASIL 1 X 2 NORUEGA (23/06 – Marseille)

Brasil: Taffarel, Cafu, Gonçalves, Junior Baiano, Roberto Carlos, Dunga, Rivaldo, Leonardo, Ronaldo, Denílson, e Bebeto.

Noruega: Grodas, Berg, Bjernebye, Heggem, Johnsen, H. Flo (Solskjaer), Leonhardsen, Rekdal, Riseth (J. Flo), Strand (Mykland), e A. Flo.

Gols: Bebeto (77), A. Flo (82), e Rekdal (89).

BRASIL 4 X 1 CHILE (27/06 – Paris)

Brasil: Taffarel, Cafu, Aldair (Gonçalves), Junior Baiano, Roberto Carlos, Dunga, César Sampaio, Rivaldo, Leonardo, Bebeto (Denílson), e Ronaldo.

Chile: Tapia, Vargas, Fuentes, Reyes, Aros, Ramirez (Veja), Sierra (Estay), Acuña (Mussri), Salas, e Zamorano.

Gols: César Sampaio (11, 27), Ronaldo (45+, 70), e Salas (67).

BRASIL 3 X 2 DINAMARCA (03/07 – Nantes)

Brasil: Taffarel, Cafu, Aldair, Junior Baiano, Roberto Carlos, Dunga, César Sampaio, Rivaldo (Zé Roberto), Leonardo (Émerson), Bebeto (Denílson), e Ronaldo.

Dinamarca: Schmeichel, Colding, Rieper, Högh, Heintze, Jörgensen, Helveg (Schjönberg), M. Laudrup, Nielsen (Tofting), Möller (Sand), e B. Laudrup.

Gols: Jörgensen (2), Bebeto (11), Rivaldo (27,61), e B. Laudrup (50).

BRASIL 1 X 1 HOLANDA (07/07 – Marseilles) **pen. 4 x 2**

Brasil: Taffarel, Zé Carlos, Aldair, Junior Baiano, Roberto Carlos, Dunga, César Sampaio, Leonardo (Émerson), Rivaldo, Bebeto (Denílson), e Ronaldo.

Holanda: Van der Sar, Reiziger (Winter), Stam, F. de Boer, R. de Boer, Jonk (Seedorf), Davids, Cocu, Bergkamp, Kluivert, e Zenden (Hooijdonk).

Gols: Ronaldo (46), e Kluivert (87).

BRASIL 0 X 3 FRANÇA (12/07 – Paris)

Brasil: Taffarel, Cafu, Aldair, Junior Baiano, Roberto Carlos, Dunga, César Sampaio (Edmundo), Leonardo (Denílson), Rivaldo, Bebeto, e Ronaldo.

França: Barthez, Thuram, Leboeuf, Desailly, Lizarazu, Deschamps, Karembeu (Boghossian), Petit, Zidane, Djorkaeff (Vieira), e Guivarch (Dugarry).

Gols: Zidane (28,45+), e Petit (90+).

COPA DO MUNDO 2002 – JAPÃO/CORÉIA

BRASIL 2 X 1 TURQUIA (03/06 – Ulsan)

Brasil: Marcos, Cafu, Lúcio, Roque Junior, Edmílson, Roberto Carlos, Juninho (Vampeta), Gilberto Silva, Ronaldinho Gaúcho (Denílson), Rivaldo, e Ronaldo (Luizão).

Turquia: Rustu, Korkmaz (Mansiz), Akyel, Ozat, Alpay, Tugay, Unsal, Belozoglu, Basturk (Davalala), Sas, e Sukur.

Gols: Sas (45), Ronaldo (59), e Rivaldo (86).

BRASIL 4 X 0 CHINA (08/06 – Seogwipo)

Brasil: Marcos, Lúcio, Roque Junior, A. Polga, Cafu, Roberto Carlos, Gilberto Silva, Juninho (Ricardinho), Ronaldinho Gaúcho (Denílson), Rivaldo, e Ronaldo (Edílson).

China: Jin, Yanlong, Wei, Weifeng, Chengyang, Tie, Xiaopeng, Junzhe, Hong (Jiayi), Mingyu (Pu), e Haidong (Bo).

Gols: Roberto Carlos (14), Rivaldo (31), Ronaldinho Gaúcho (44), e Ronaldo (54).

BRASIL 5 X 2 COSTA RICA (13/06 – Suwon)

Brasil: Marcos, Lúcio, Polga, Edmílson, Cafu, Junior, Gilberto Silva, Juninho (Ricardinho), Rivaldo (Kaká), Edílson (Kléberson), e Ronaldo.

Costa Rica: Lonnis, Wright, Marin, Martinez (Parks), Wallace (Bryce), Solís (Fonseca), Lopez, Castro, Centeno, Gomez, e Wanchope.

Gols: Ronaldo (10,12), Edmílson (38), Wanchope (39), Gomez (56), Rivaldo (62), e Junior (63).

BRASIL 2 X 0 BÉLGICA (17/06 – Kobe)

Brasil: Marcos, Lúcio, Roque Junior, Edmílson, Cafu, Roberto Carlos, Gilberto Silva, Juninho (Denílson), Ronaldinho Gaúcho (Kléberson), Rivaldo (Ricardinho), e Ronaldo.

Bélgica: Vlieger, Peeters (Sonck), Vanderhaeghe, Van Buyten, Van Kerckhoven, Walem, Simons, Goor, Verheyen, Wilmots, e Mpenza.

Gols: Rivaldo (66), e Ronaldo (87).

BRASIL 2 X 1 INGLATERRA (17/06 - Shizuoka)

Brasil: Marcos, Lúcio, Roque Junior, Edmílson, Cafu, Roberto Carlos, Gilberto Silva, Kléberson, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo, e Ronaldo (Edílson).

Inglaterra: Seaman, Mills, Ferdinand, Campbell, Cole (Sheringham), Butt, Beckham, Scholes, Sinclair (Dyer), Owen (Vassell), e Heskey.

Gols: Owen (22), Rivaldo (45), e Ronaldinho Gaúcho (50).

BRASIL 1 X 0 TURQUIA (26/06 – Saitama)

Brasil: Marcos, Lúcio, Roque Junior, Edmílson, Cafu, Roberto Carlos, Gilberto Silva, Kléberson (Belleti), Rivaldo, Edílson (Denílson), e Ronaldo (Luizão).

Turquia: Rustu, Korkmaz, Akyel, Alpay, Penbe, Tugay, Davala (Izzet), Belozoglu (Mansiz), Basturk (Erdem), Sas, e Sukur.

Gol: Ronaldo (48).

BRASIL 2 X 0 ALEMANHA (30/06 – Yokohama)

Brasil: Marcos, Roque Junior, Lúcio, Edmílson, Cafu, Roberto Carlos, Gilberto Silva, Kléberson, Ronaldinho Gaúcho (Juninho), Rivaldo, e Ronaldo (Denílson).

Alemanha: Kahn, Linke, Ramelow, Metzelder, Frings, Schneider, Hamann, Jeremies (Asamoah), Bode (Ziege), Neuville, e Klose (Bierhoff).

Gols: Ronaldo (67, 77).

COPA DO MUNDO 2006 – ALEMANHA

BRASIL 1 X 0 CROÁCIA (13/06 – Berlim)

Brasil: Dida, Cafu, Lúcio, Juan, Roberto Carlos, Émerson, Zé Roberto, Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano, e Ronaldo (Robinho).

Croácia: Pletikosa, Simunic, R. Kovac, Simic, Srna, Tudor, N. Kovac (Leko), Kranjcar, Babic, Prso, e Klasnic (Olic).

Gol: Kaká (43).

BRASIL 2 X 0 AUSTRÁLIA (18/06 – Munique)

Brasil: Dida, Cafu, Lúcio, Juan, Roberto Carlos, Émerson (Gilberto Silva), Zé Roberto, Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano (Fred), e Ronaldo (Robinho).

Austrália: Schwazer, Sterjovski, Neill, Moore (Aloisi), Chipperfield, Culina, Emerton, Grella, Poppovic (Bresciano), Cahill (Kewell), e Viduka.

Gols: Adriano (48), e Fred (90).

BRASIL 4 X 1 JAPÃO (22/06 – Dortmund)

Brasil: Dida (Rogério), Cicinho, Lúcio, Juan, Gilberto, Gilberto Silva, Juninho Pernambucano, Kaká (Zé Roberto), Ronaldinho Gaúcho (Ricardinho), Ronaldo e Robinho.

Japão: Kawaguchi, Kaji, Tsuboi, Nakazawa, Santos, Inamoto, Ogasawara (K. Nakata), H. Nakata, Nakamura, Maki (Takahara) (Oguro), e Tamada.

Gols: Tamada (33), Ronaldo (46,81), Juninho Pernambucano (54), e Gilberto (60).

BRASIL 3 X 0 GANA (27/06 – Dortmund)

Brasil: Dida, Cafu, Lúcio, Juan, Roberto Carlos, Émerson (Gilberto Silva), Zé Roberto, Kaká (Ricardinho), Ronaldinho Gaúcho, Adriano (Juninho Pernambucano), e Ronaldo.

Gana: Kingston, Pantsil, Mensah, Pappoe, Shilla, Addo (Boateng), Muntari, Appiah, Draman, Amoah (Tachie-Mensah), e Gyan.

Gols: Ronaldo (4), Adriano (12), e Zé Roberto (84).

BRASIL 0 X 1 FRANÇA (01/07 – Frankfurt)

Brasil: Dida, Cafu (Cicinho), Lúcio, Juan, Roberto Carlos, Gilberto Silva, Juninho Pernambucano (Adriano), Zé Roberto, Kaká (Robinho), Ronaldinho Gaúcho, e Ronaldo.

França: Barthez, Sagnol, Thuram, Gallas, Abidal, Makelele, Vieira, Malouda (Wiltord), Zidane, Ribery (Govu), e Henry (Saha).

Gol: Henry (56).

COPA DO MUNDO 2010 – AFRICA DO SUL

BRASIL 2X1 CORÉIA DO NORTE (15/06- Johannesburgo)

Brasil: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Michel Bastos, Felipe Melo (Ramires), Gilberto Silva, Elano (Daniel Alves), Kaká (Nilmar), Robinho e Luis Fabiano.

Coréia do Norte: Ri Myong-Guk, Cha Jong-Hyok, Ri Jun-II, Pak Nam-Chol, Ri Kwang-Chon, Ji Yun-Nam, Jong Tae-Se, Hong Yong-Jo, Mun In-uk (Kim-Kum II), Pak Chol-Jin e An Yong-Hak.

Gols: Maicon (55), Elano (72), e Ji Yun-Nam (89).

BRASIL 3X1 COSTA DO MARFIM (20/06 – Johannesburgo)

Brasil: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Michel Bastos, Felipe Melo, Gilberto Silva, Elano (Daniel Alves), Kaká, Robinho (Ramires) e Luis Fabiano.

Costa do Marfim: Barry, Demel, Zokora, Kolo Touré, Tiéné, Tiotê, Yaya Touré, Ebouê (Romaric), Dindanê (Gervinho), Kalou (Keita), e Drogba.

Gols: Luis Fabiano (25,50), Elano (62), e Drogba (79).

BRASIL 0X0 PORTUGAL (25/06 - Durban)

Brasil: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Michel Bastos, Felipe Melo (Josué), Gilberto Silva, Daniel Alves, Julio Baptista (Ramires), Nilmar, e Luis Fabiano (Grafite).

Portugal: Eduardo, Ricardo Costa, Bruno Alves, Ricardo Carvalho, Fabio Coentrão, Pepe (Pedro Mendes), Duda (Simão), Raul Meireles (Miguel Veloso), Tiago, Cristiano Ronaldo, e Danny.

BRASIL 3X0 CHILE (28/06 – Johannesburgo)

Brasil: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Michel Bastos, Ramires, Gilberto Silva, Daniel Alves, Kaká (Kléberson), Robinho (Gilberto), e Luis Fabiano (Nilmar).

Chile: Bravo, Isla (Millar), Contreras (Tello), Jará, Fuentes, Vidal, Carmona, Beausejour, Sánchez, Mark González (Valdivia), e Suazo.

Gols: Juan (34), Luis Fabiano (37), e Robinho (59).

BRASIL 1X2 HOLANDA (02/07 – Porto Elizabeth)

Brasil: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Michel Bastos (Gilberto), Felipe Melo, Gilberto Silva, Daniel Alves, Kaká, Robinho, e Luis Fabiano (Nilmar).

Holanda: Stekelenburg, Van der Wiel, Heitinga, Ooijer, Van Bronckhorst, Van Bommel, De Jong, Sneijder, Kuyt, Robben, e Van Persie (Huntelaar).

Gols: Robinho (10), e Sneijder (53,68).

APÊNDICE 2 – PLANILHA DE ANOTAÇÕES (SCOUT)

JOGO/ DATA:			
PASSES	COMPLETOS		
	INCOMPLETOS		
DESARMES	COMPLETO ROUBOS		
	INCOMPLETO		
	INTERCEPTADO		
FALTAS			
FINALIZAÇÃO	CERTA		
	ERRADA		
CRUZAMENTO	CERTO		
	ERRADO		
	CERTO C/ FINAL		
IMPEDIMENTOS			
ESCANTEIOS			
POSSE DE BOLA			
TEMPO DOS GOLS			